

CARMINA

Índice

Catulo

	Carolo (com introdução)	11
	<b>Carmina</b>	
I	A porta do templo	12
II	Pátria, pátria	13
III	... não se pode ser o mesmo desde sempre	14
IV	Choras de Ventura Capelo	15
V	Estes dias não são mais aqueles	16
VI	Quanto, Lisboa, quanto a cidade	17
VII	Pátria, pátria	18
VIII	Perdidos os dias	19
IX	Quanto guardo Vem para mim a tua cidade	20
X	Pátria e Avó	21
XI	Amor de mãe	22
XII	Se por vezes das tuas despedidas	23
XIII	Compreendo os teus desejos, os teus sonhos	24
XIV	Quanto a terra não se pode ser	25
XV	O quanto a terra não se pode ser	26
XVI	O quanto a terra não se pode ser	27
XVII	Quanto a terra não se pode ser	28
XVIII	Quanto a terra não se pode ser	29
XIX	Quanto a terra não se pode ser	30
XX	Quanto a terra não se pode ser	31
XXI	Quanto a terra não se pode ser	32
XXII	Quanto a terra não se pode ser	33
XXIII	Quanto a terra não se pode ser	34
XXIV	Quanto a terra não se pode ser	35
XXV	Quanto a terra não se pode ser	36
XXVI	Quanto a terra não se pode ser	37
XXVII	Quanto a terra não se pode ser	38
XXVIII	Quanto a terra não se pode ser	39
XXIX	Quanto a terra não se pode ser	40
XXX	Quanto a terra não se pode ser	41
XXXI	Quanto a terra não se pode ser	42
XXXII	Quanto a terra não se pode ser	43
XXXIII	Quanto a terra não se pode ser	44
XXXIV	Quanto a terra não se pode ser	45
XXXV	Quanto a terra não se pode ser	46
XXXVI	Quanto a terra não se pode ser	47
XXXVII	Quanto a terra não se pode ser	48
XXXVIII	Quanto a terra não se pode ser	49
XXXIX	Quanto a terra não se pode ser	50
XL	Quanto a terra não se pode ser	51
XLI	Quanto a terra não se pode ser	52
XLII	Quanto a terra não se pode ser	53
XLIII	Quanto a terra não se pode ser	54
XLIV	Quanto a terra não se pode ser	55
XLV	Quanto a terra não se pode ser	56
XLVI	Quanto a terra não se pode ser	57
XLVII	Quanto a terra não se pode ser	58
XLVIII	Quanto a terra não se pode ser	59
XLIX	Quanto a terra não se pode ser	60
L	Quanto a terra não se pode ser	61

# Carmina

tradução de  
**JOSÉ PEDRO MOREIRA e ANDRÉ SIMÕES**

introdução de  
**ANA ALEXANDRA ALVES DE SOUSA**

**Livros Cotovia**

Título: *Carmina*

da tradução © André Simões e José Pedro Moreira  
da introdução © Ana Alexandra Alves de Sousa  
© Livros Cotovia, Lda., Lisboa, 2012

Capa e sobrecapa: Silva! designers

ISBN 978-972-795-322-5

## Índice

<i>Catulo</i> (uma introdução)	p. 11
CARMINA	27
I	<i>A quem dedicarei este novo e bonito livrinho</i> 29
II	<i>Pássaro, delícia da minha miúda</i> 30
IIb	<i>... isto tão grato me é quanto dizem ter sido</i> 31
III	<i>Chorai, ó Vénus e Cupidos</i> 32
IV	<i>Este barco que aqui vedes, amigos</i> 33
V	<i>Vivamos, Léssia minha, e amemos</i> 34
VI	<i>Flávio, os teus prazeres a Catulo</i> 35
VII	<i>Perguntas-me quantos beijos</i> 36
VIII	<i>Pobre Catulo, põe termo a esta loucura</i> 37
IX	<i>Verânio, que de todos os meus trezentos mil</i> 38
X	<i>O meu querido Varo, para que a sua amada</i> 39
XI	<i>Fúrio e Aurélio, fiéis companheiros de viagem...</i> 41
XII	<i>Asínio Marrucino, à tua mão esquerda</i> 42
XIII	<i>Jantarás bem, meu Fabulo, em minha casa</i> 43
XIV	<i>Não te amasse eu mais do que aos meus olhos</i> 44
XIVb	<i>Se por acaso dos meus disparates</i> 45
XV	<i>Confio-me ao teu cuidado, eu e os meus amores</i> 46
XVI	<i>O cu e a boca vos foderei eu</i> 47
XVII	<i>Ó Colónia, que desejas os jogos numa larga ponte...</i> 48
XXI	<i>Aurélio, pai de fomes</i> 49
XXII	<i>Este Sufeno, Varo, bem nosso conhecido</i> 50
XXIII	<i>Fúrio, que nem escravo tens, nem cofre</i> 51
XXIV	<i>Ó tu que és a mais delicada flor dos Juvêncios</i> 52
XXV	<i>Talo, paneleiro, mais fofinho que o pêlo do coelho</i> 53
XXVI	<i>Fúrio, vossa vilazinha do sopro do Austro</i> 54
XXVII	<i>Miúdo escanção do bom velho Falerno</i> 55
XXVIII	<i>Companheiros de viagem de Pisão...</i> 56
XXIX	<i>Quem pode ver, quem pode tolerar</i> 57
XXX	<i>Alfeno ingrato e falsamente dedicado aos companheiros</i> 58
XXXI	<i>Sírmio, de penínsulas e ilhas</i> 59
XXXII	<i>Por favor, minha doce queridinha</i> 60
XXXIII	<i>Ó tu, o melhor dos ladrões de balneário</i> 61

XXXIV	<i>A Diana somos nós caros</i>	62	LXXVII	<i>Rufo, que tinha por amigo, em vão e de balde</i>	144
XXXV	<i>Ao doce poeta, o meu camarada</i>	63	LXXVIII	<i>Galo tem irmãos, dos quais tem muito encantadora...</i>	145
XXXVI	<i>Anais de Volúcio, papelada imunda</i>	64	LXXVIIIb	<i>... Mas agora dói-me que os puros lábios de pura</i>	146
XXXVII	<i>Lasciva taberna, e vós, seus frequentadores</i>	65	LXXIX	<i>Lésbio é belo: como não havia de ser...</i>	147
XXXVIII	<i>Mal passa, Cornifício, o teu Catulo</i>	66	LXXX	<i>Que direi eu, Gélio, para explicar como esses teus...</i>	148
XXXIX	<i>Inácio, que brancos tem os dentes</i>	67	LXXXI	<i>Ninguém no meio de tanta gente podia haver, Juvêncio</i>	149
XL	<i>Que desvario, desgraçado Ravidó</i>	68	LXXXII	<i>Quinto, se queres que os olhos te deva Catulo</i>	150
XLI	<i>Amiana, miúda bem fodida,</i>	69	LXXXIII	<i>Diante do marido tão mal de mim diz Lésbia</i>	151
XLII	<i>Acorrei, hendecassílabos, cada um de vós</i>	70	LXXXIV	<i>"Khómodo", se acaso "cómodo" queria</i>	152
XLIII	<i>Olá, miúda, que não tens nariz pequeno</i>	71	LXXXV	<i>Odeio e amo. Porque o faço, talvez perguntas</i>	153
XLIV	<i>Ó herdade nossa, sabina ou tiburtina</i>	72	LXXXVI	<i>Quíntia é para muitos formosa, para mim é branca...</i>	154
XLV	<i>Septímio, com a sua amada Acme</i>	73	LXXXVII	<i>Nenhuma mulher pode dizer que foi tão amada</i>	155
XLVI	<i>Já a Primavera traz ameno calor sem réstia de frio</i>	74	LXXXVIII	<i>Que faz ele, Gélio, que com a mãe e a irmã</i>	156
XLVII	<i>Pórcio e Socratião, duas mãos esquerdas</i>	75	LXXXVIIIb	<i>É delgado, o Gélio. Como não? Quem tão boa</i>	157
XLVIII	<i>Os teus doces olhos de mel, Juvêncio</i>	76	LXXXIX	<i>Que nasça um mago da nefanda união entre Gélio</i>	158
XLIX	<i>Ó mais eloquente dos descendentes de Rómulo</i>	77	XC	<i>Esperava, Gélio, que tu me fosses fiel</i>	159
L	<i>No dia de ontem, Licínio, ociosos</i>	78	XCII	<i>Lésbia sempre de mim diz mal e não deixa nunca</i>	160
LI	<i>Ele parece-me semelhante a um deus</i>	79	XCIII	<i>Não me interessa nada, César, querer agradecer-te</i>	161
LII	<i>Porquê, Catulo? Porque tardas em morrer?</i>	80	XCIV	<i>O Sr. Caralho fode. Um caralho fornicador? Claro!</i>	162
LIII	<i>Ri-me de um tipo da assembleia</i>	81	XCV	<i>A Smirna do meu Cina por fim, nove colheitas</i>	163
LIV	<i>A cabeça de Otão é bem pequena</i>	82	XCVI	<i>Se alguma coisa de bom ou estimado mudas tumbas</i>	164
LIVb	<i>De novo te enfurecerão os meus fracos</i>	83	XCVII	<i>Julgo que não acharia diferença alguma...</i>	165
LV	<i>Pedimos-te, se não for muito incómodo</i>	84	XCVIII	<i>Contra ti se pode dizer, se se pode contra alguém...</i>	166
LVI	<i>Ó coisa risível, Catão, e divertida</i>	85	XCIX	<i>Roubei-te enquanto brincavas, doce Juvêncio</i>	167
LVII	<i>Estão bem um para o outro esses paneleiros...</i>	86	C	<i>Célio por Aufileno e Quinto por Aufilena</i>	168
LVIII	<i>Célio, a nossa Lésbia, essa Lésbia</i>	87	CI	<i>Muitos povos e muitos mares volvidos</i>	169
LVIIIb	<i>Nem se fizessem de mim aquele guarda cretense</i>	88	CII	<i>Se algo foi ao silêncio confiado por amigo fiel</i>	170
LIX	<i>A Rúfulo faz broches Rufa de Bonónia</i>	89	CIII	<i>Vá lá, ou me devolves os dez sestércios, Silo</i>	171
LX	<i>Acaso leoa dos montes líbios</i>	90	CIV	<i>Acreditas que eu era capaz de amaldiçoar a minha vida</i>	172
LXI	<i>Ó do monte Hélicon</i>	91	CV	<i>O Sr. Caralho tenta subir ao Monte Pipleio</i>	173
LXII	<i>Eis que Vésper chega: jovens, erguei-vos!...</i>	99	CVI	<i>Quem vê um pregoeiro com um belo rapaz</i>	174
LXIII	<i>Sobre os altos mares Átis foi trazido...</i>	102	CVII	<i>Se alguma coisa alguma vez sucede àquele que deseja...</i>	175
LXIV	<i>Outrora pinheiros nascidos no cimo do Pélion</i>	106	CVIII	<i>Se, Comínio, pelo julgamento do povo as tuas cãs</i>	176
LXV	<i>Ainda que continuamente me ache esgotado pela dor...</i>	121	CIX	<i>Minha vida, promete-me que este amor</i>	177
LXVI	<i>Aquele que discerniu todas as luzes do grande mundo</i>	123	CX	<i>Aufilena, as boas meninas são sempre louvadas</i>	178
LXVII	<i>Ó tu que és estimada pelo doce marido...</i>	127	CXI	<i>Aufilena, contente viver com um só homem</i>	179
LXVIIa	<i>Que tu, oprimido pela sorte e pela amarga desgraça</i>	129	CXII	<i>És muito homem, Nasão, mas não há muitos homens...</i>	180
LXVIIb	<i>Não posso calar, ó deusas, de que modo Álio</i>	131	CXIII	<i>Quando Pompeio foi cônsul pela primeira vez...</i>	181
LXIX	<i>Não te admires de que nenhuma mulher</i>	136	CXIV	<i>Dizem ser rica, Sr. Caralho, a tua propriedade de Firmo</i>	182
LXX	<i>Com ninguém diz a minha amada que se deseja casar</i>	137	CXV	<i>O Sr. Caralho possui o equivalente a trinta jeiras...</i>	183
LXXI	<i>Se alguém foi com justiça vítima de um maldito pivete...</i>	138	CXVI	<i>Muitas vezes perguntando, de espírito arrebatado...</i>	184
LXXII	<i>Dizias tu outrora que só Catulo conhecias</i>	139			
LXXIII	<i>Deixa de querer bem merecer alguma coisa de alguém</i>	140			
LXXIV	<i>Tinha Gélio ouvido que o tio costumava repreender</i>	141			
LXXV	<i>Até aqui desceu por culpa tua minha alma, Lésbia</i>	142			
LXXVI	<i>Se em recordar as boas acções de outrora algum prazer</i>	143			

## Catulo

### 1. Vida

Gaio Valério Catulo terá nascido na cidade de Verona, em cerca de 84 a.C. Pertencia a uma família abastada e distinta das províncias, o que explica que, uma vez chegado a Roma, por volta de 62, se movimentasse nos mais altos círculos sociais. As relações do seu pai, por um lado, e o seu talento literário, por outro ter-lhe-ão aberto as portas da alta sociedade romana.

Foi assim que terá conhecido Clódia, uma das irmãs do tribuno Públio Clódio, inimigo público de Cícero, a qual costuma ser identificada com a jovem cantada na sua poesia sob o nome de Lésbia. A tradição reconhece-a como a segunda irmã do tribuno, mulher de Quinto Metelo Célere, propretor da Gália Cisalpina em 62 e cônsul no ano de 60, de quem enviúva em 59, pairando sobre ela a suspeita de envenenamento. Apoianta do irmão, esteve envolvida em intrigas políticas e despertou o ódio dos adversários de Clódio, entre os quais se encontrava Cícero, que a retrata no *Pro Caelio* como uma mulher corrupta e dissoluta. Também há quem a identifique com a irmã menos conhecida de Clódio, mulher de Luculo até 66.

Na sociedade romana começavam a aparecer mulheres de alta estirpe que repudiavam o tradicional estatuto feminino e, como reflexo da sua emancipação, eram cultas e frequentavam com grande autonomia os círculos literários da época, indiferentes ao escândalo que a sua conduta pudesse provocar. Clódia, bem assim como Semprónia, retratada por Salústio, fora uma dessas mulheres, sofisticada, instruída, capaz de apreciar qualidades intelectuais e manobras políticas.

Não se sabe muito sobre a vida o poeta de Verona, sendo os seus poemas a principal fonte de informação para reconstituir a sua vida. Neles nomeia uma verdadeira galeria de personalidades do seu tempo e evoca episódios do seu quotidiano. Amigo de Cornélio Nepos, a quem dedica um poema, menciona poetas como Licínio Calvo, Cornificio, Hélio Cina, Hórtalo (filho do orador ou o próprio orador) e o político, que se haveria de tornar patrono de poetas, Asínio Polião. Nunca perdeu o contacto com os amigos da província, aonde se dirigia com frequência e mantinha uma casa. Além desta e de uma outra em Roma, sabemos que teria uma em Sírmio, da qual podem talvez ainda subsistir vestígios, e uma outra perto de Tívoli.

Diz-nos Catulo que terá estado na Bitínia, na comitiva do governador Gaio Mémio, patrono de vários poetas, sendo ele próprio também um poeta (Lucrécio dedicou-lhe o poema *De Natura Rerum*). Com frequência os magistrados romanos faziam-se acompanhar de um grupo de amigos, que assegurassem a recreação, na província, do ambiente cidadão. Provavelmente nesta época Catulo terá visitado, na Tróade, o túmulo do irmão, que morreu em circunstâncias que desconhecemos; ao irmão dedicou um pungente epigrama de despedida (poema 101).

Sempre afastado de cargos e de interesses políticos, foi, no entanto, amigo de figuras públicas, algumas das quais antigos conhecidos de família. É o caso de Júlio César, que costumava hospedar-se em casa de seus pais, segundo testemunho deixado por Suetónio (*Vida de César* 73). Os epigramas a ele dirigidos em tom de invectiva, em que ataca também o seu homem de confiança, Gaio Mamurra, reflectem mais do que um olhar crítico sobre a sociedade da época, um gosto pelo exibicionismo. Comprova-o a duração efémera da inimizade que daqui adveio.

São, portanto, esparsas as informações sobre a vida de um homem que terá morrido com cerca de 30 anos, quem sabe se consumido pelo amor, na sua vila, em Sírmio, junto ao Lago Garda. Jerónimo estabelece a data de 57 como ano da sua morte, mas os poemas referem factos posteriores àquela data: a viagem à Bitínia, que terá ocorrido entre 57/56 (poemas 10 e 28), o segundo consulado de Pompeio (poema 113), o desembarque de César na Britânia (poemas 11 e 29) e a construção do pórtico anexo ao teatro de

Pompeio (poema 55), acontecimentos que remontam a 55. A data de 54 como ano da morte de Catulo será, portanto, mais verosímil.

## 2. Inserção na Época

Novos cânones literários levam um grupo de poetas de fins da República a compor uma poesia enraizada na lírica grega. Tomando como modelo os poetas gregos da época alexandrina, estes homens, muitos deles oriundos da Gália Cisalpina, trazem para as letras latinas novos metros aliados ao culto da brevidade e da erudição.

Parténio de Niceia, poeta grego seguidor de Calímaco e Eufórior, trazido para Roma como escravo por Cina (o pai ou o filho) impulsionou o novo movimento, a que pertenceram, além de Catulo, Valério Catão, Hélio Cina, filho do conquistador, Licínio Calvo, Fúrio Bibáculo, entre outros.

Parténio dedicou a Galo (poeta da época augustana) um repertório de mitos, escrito em prosa e fértil em episódios incestuosos, mórbidos e trágicos, de gosto alexandrino, e terá ensinado grego a Vergílio.

A Valério Catão, gramático de renome e mestre-escola de profissão, responsável pela edição de Lucílio, a tradição atribui dois epílios (poemas épicos de curta extensão), dos quais não subsiste nenhum fragmento: *Lydia*, de temática erótica, e *Diana*, de temática mitológica, referida por Hélio Cina sob o nome de *Dictynna*.

De Hélio Cina sabemos que escreveu um poema sobre a paixão incestuosa de Smirna, ou Mirra, por seu pai Cíniras e a sua metamorfose em planta (a temática do incesto era, aliás, comum no repertório de Parténio). Vergílio, na égloga IX, faz-lhe uma eloquiosa alusão. Os nove anos de trabalho que este poema, fértil em demonstrações de erudição, requereu reflectem a busca de perfeição formal à maneira alexandrina. O poema 95 de Catulo é uma espécie de “manifesto” neotérico por exaltar esta obra de Cina. A Asínio Polião terá oferecido, por ocasião da sua viagem à Grécia e à Cilícia um *propemptikon*, poema em que enumerava os lugares a visitar, além de fornecer algumas instruções de viagem. A erudição seria de novo a nota dominante. Hélio Cina também terá estado na Bitínia na já mencionada comitiva de Mémio.

Licínio Calvo, orador aticista, compôs um epílio de temática mitológica, sobre a jovem Io, que Hera, por vingança, metamorfoseara em vitela. Além deste poema tem pelo menos uma elegia dedicada a Quintília (eventualmente esposa do poeta), que Catulo refere no poema 96, realçando a saudade provocada pela sua morte. Licínio Calvo terá escrito também epitalâmios, nos mesmos metros e no mesmo estilo de Catulo; aliás, o epitalâmio era um género poético com larga tradição na poesia alexandrina, que Parténio também praticara.

Horácio ridiculariza Fúrio Alpino pelo empolamento de um poema épico, de temática histórica, em estilo eniano, que celebra a gesta de César na Gália (*Annales belli Gallici*). Desconhece-se se este poeta coincide com o que Catulo refere no poema 11.

A forte oposição aos modelos literários da tragédia e da epopeia, a postura mordaz, a trivialidade de certos temas, o fascínio pelo Oriente helenizado, o gosto pelo exotismo da temática mitológica e o diletantismo destes homens, de gostos mundanos, chocaram os defensores do “costume dos antepassados”, *mos maiorum*, e dos cânones literários tradicionais, os *senes seueriores*, “velhos mais sisudos”, como Catulo lhes chama no poema 5, que se sentiam escandalizados com o cultivo de uma vida orientada para o prazer.

Mas não são apenas os poetas alexandrinos quem estes poetas tomam como modelo: na sua poética há reflexos de Safo, Alceu, Alcman, Arquíloco, Hipónax, Píndaro, Baquilides, Teócrito. Como reacção crítica ao movimento, Cícero, de forma pejorativa, usou para se lhes referir a expressão *poetae noui* “poetas novos” ou “neotéricos”, com que passaram a ser conhecidos. O poema 49 reflecte esta animosidade, parecendo ser um agradecimento trocista dirigido a Cícero.

### 3. Obra

Chegaram-nos de Catulo 116 poemas, que não estão organizados nem por temática nem por cronologia. Faltam os poemas 18-20 inseridos indevidamente por Muret na sua edição de 1554. Os números correspondem a poemas que não estavam nos manuscritos de Catulo. Note-se, além disso, que alguns poemas com um só número devem ser considerados dois, como é o caso do poema 67.

A colectânea segue critérios métricos e podemos dividi-la em três secções: 1-60, os chamados polímetros, pequenas composições em metros iâmbicos e líricos; 61-68, um conjunto de poemas mais extensos, os chamados *carmina docta*, “poemas eruditos”, de temática mitológica e de pura inspiração alexandrina, compostos em metros variados; 69-116, epigramas em dísticos elegíacos, muito próximos, em tom e temática, do primeiro conjunto de poemas.

O livro do poeta de Verona inicia-se com uma pequena composição dedicada a Cornélio Nepos, que o terá eventualmente introduzido na sociedade romana, e encabeçaria uma colectânea, que denomina de *libellus*, “livrinho”, e de *nugae*, “ninharias”. Mas o livro, tal como nos chegou, contém poemas que não podem ser assim classificados, pela sua extensão. Ora, havendo a probabilidade de o fragmento 14b pertencer a uma colectânea diferente, constituída por peças literárias que, desta feita, designa como *inexpertiae*, “disparates”, não será descabido supor que Catulo tenha organizado várias colectâneas, sendo este conjunto de 116 poemas resultado da junção de “livrinhos” parciais. A ordem dos poemas deve-se muito provavelmente a algum editor póstumo.

Os poemas sucedem-se, portanto, de forma um pouco caótica, tendo em conta os temas e o próprio tom, ora triste e pungente, ora jovial e galhofeiro, ora elevado e helenizante, ora licencioso e obscuro. Tamanha variedade leva ao uso de diversos níveis de linguagem, sendo nota dominante a rejeição do poema heróico de tipo homérico e eniano (o poema de Catulo mais extenso não excede os 408 versos).

#### 3.1 Poemas 1-60 e 69-116

No primeiro grupo os temas são variados: o amor cantado na primeira pessoa (*e.g.* 5, 7, 8), circunstâncias do quotidiano (*e.g.* 2, 3), censuras (*e.g.* 6, 10, 12), explosões de alegria (*e.g.* 9), pedidos (*e.g.* 15), um hino a Diana (34) e uma adaptação do célebre poema de Safo fragmento 31 Lobel-Page (51).

Não são apenas os metros que Catulo adapta à língua latina, os próprios temas tirados de circunstâncias banais causam perplexidade aos amantes da grandiloquência épica e trágica. Estes poetas comprazem-se em tornar temas situações comezinhas. Exemplificamos o poema em que se menciona Asínio, conviva habituado a sur-

ripiar guardanapos (12); um outro, em que Fabulo é convidado para jantar, contanto que leve a refeição (13); outro explica a Rufo a razão de não conseguir encontrar uma jovem com quem casar, tamanho era o fedor exalado pelas suas axilas (69).

O afastamento de um amigo pode também desencadear uma queixa poética ora em tom plangente ora em tom acintoso. Assim, se o afastamento de Flávio causa uma indignação tal que o poeta apelida de prostituta a jovem que lhe conquistara o coração (6), o pedido feito a Camério para que revele ao grupo de amigos o seu esconderijo conclui com votos sinceros de que esteja a viver um verdadeiro amor (55). A hipótese colocada no poema de Flávio de que, uma vez apresentada a rapariga ao grupo, em “verso ligeiro” os seus amores seriam levados ao céu deixa clara a forma como o grupo vivia as relações entre si, exprimindo o lado estético das experiências vivenciadas.

Mas não são apenas os comportamentos dos amigos que esta poesia expõe em tom jocoso e malicioso e por vezes até ofensivo. Na esteira da tradição epigramática alexandrina, vários poemas visam personalidades reputadas da cena política, como César, Pompeio, Mémio, Mamurra. Uma conduta considerada menos adequada podia desencadear provocações e ataques frontais que, no entanto, não de ser entendidos dentro do cultivo de um determinado espírito lúdico. Assim se explica que César, que ficara irritado com o tom de alguns poemas (29 e 57), depois de um pedido de desculpas de Catulo, o tenha convidado para jantar. Aliás, o próprio Catulo manifesta admiração pelas vitórias do general na Gália (11). Entre os neotéricos, houve quem tivesse combatido ao seu lado (Cina) e quem celebrasse a sua gesta (Fúrio). Os visados não levariam demasiado a sério estes poemas de denúncia.

A temática mundana origina, portanto, uma tonalidade muito variada. Além dos gracejos e das provocações, a felicidade ou a dor de um amigo, o sentimento de traição à amizade ou a solidariedade e o companheirismo desencadeiam registos de linguagem diferentes, originando uma paleta variegada de tons. O reconhecimento do mérito literário leva a sinceras manifestações de contentamento, havendo muitos poemas que testemunham a produção deste círculo literário de poetas. Assim, por exemplo, com um tom entusiástico, a roçar quase o erótico, o poeta fala de uma noite passada com Licínio Calvo entre a poesia e o vinho (50). A inquietação foi

tal que, não conseguindo repousar, resolveu exprimir em verso os seus sentimentos.

A intensidade com que se vive a amizade também pode originar, em vez de exaltação, plangor, se houver no comportamento do amigo sinais de traição à amizade. A indiferença de Alfero (30) ou o silêncio de Cornifício (38), que não presta ao amigo a consolação devida, originam dolorosos lamentos; são quebras bruscas na fidelidade esperada, na amizade como no amor. A assistência a um amigo, consolando-o na agrura, é um acto irrecusável. E se a dor própria dificultar o refrigério, pelo menos a celebração poética da angústia em unísono já prova, quanto basta, dedicação e amizade, como se depreende do poema em que o poeta une a sua dor à de Licínio Calvo, amargurado pela morte da amada (96).

A ênfase dada à relação humana e ao sentimento pessoal, reportando-se a situações reais, leva à introdução da temática amorosa de uma forma nunca antes ousada nas letras latinas. Cantando o amor na primeira pessoa, em cerca de vinte e cinco poemas, Catulo atribui à amada o nome de Lésbia, que a tradição costuma reportar à mesma pessoa, provavelmente, como vimos, a célebre Clódia. A escolha de um pseudónimo que recorda a poetisa de Lesbos pode justificar-se como uma forma de sublinhar a cultura requintada e a beleza da amada, além de realçar o ascendente literário daquela. Lésbia, leitora atenta da poesia do seu amante, irritava-se quando se sentia ofendida pelas palavras de Catulo. Mover-se-ia, portanto, no mesmo círculo literário, como outras mulheres, entre as quais a amada do poeta Cecílio, considerada pelo poeta de Verona “mais sábia” do que Safo (35).

As duas odes sáficas que conhecemos nesta poesia, podem marcar dois momentos contrastivos na paixão: a descrição dos efeitos físicos da paixão e do ciúme a reflectir o poder inebriante de um *eros* que dominava o poeta, numa tradução do famoso fragmento de Safo (51); e, por outro lado, um poema de despedida, cheio de mágoa e ressentimento, a uma mulher capaz de se entregar a trezentos amantes de cada vez, sem qualquer sentimento (11). A atribuição de uma força destrutiva ao amor é típica do pensamento antigo. Numa última estrofe, cuja inclusão, suscita alguma controvérsia entre os estudiosos, Catulo associa *eros* a *otium*, “ócio”, considerando-o capaz de provocar a decadência e a ruína dos reinos e dos estados, além de destruir a integridade do indivíduo. A ima-

gem da flor que cai “tocada pelo arado”, símbolo da pureza de um sentimento maculado, será retomada por Vergílio, na descrição da morte de Euríalo.

A conturbada relação amorosa, plena de contendas, reconciliações e infidelidades, repercute-se em pequenas composições, que ora nos colocam diante da jovialidade faceira do amante enciumado com o convívio do pássaro com a amada (2), ora superlativam a beleza de Lésbia (43 e 86), ora denunciam de forma ofensiva o comportamento dissoluto de uma mulher que a outros se entrega (11, 37 e 58), ora exprimem de forma extraordinariamente bela as carícias trocadas no apogeu do amor (5 e 7), ora manifestam uma vontade racional de afastamento (8), ora acentuam o arrebatamento passional (87), ora procuram vestígios de amor nas palavras maldizentes da amada (92).

Preterido, em favor de um tal Rufo (77), que por vezes é identificado com Célio Rufo, o jovem brilhante protegido de Cícero, Catulo partiu para a Bitínia, na comitiva de Mémio. A reconciliação ocorreu, um ano depois, quando regressou, e originou um belo poema que conclui com uma interrogativa transbordante de alegria: “Quem mais do que só mais ditoso vive, quem / poderá mais desejar do que esta vida?” (107).

O poeta atribui a este amor, que pretende eterno e selado com o “pacto da sagrada afeição” (109), os valores próprios do matrimónio: “nunca fidelidade em pacto algum foi tanta / quanta a que na parte que me cabe no amor por ti foi achada” (87). Desejando enobrecer os seus sentimentos e realçar-lhes a pureza e a sacralidade, compara-os com o afecto de um pai pelos filhos ou pelos genros (72), o “querer bem”, *bene uelle* ou *diligere*, que os actos de infidelidade faziam desvanecer, sem, todavia apagarem o desejo, *amare* (75).

O registo passional da amada era outro. Capaz de tomar ela mesma a iniciativa, fosse de rejeição (8), fosse de aproximação (107), vive a relação amorosa de forma superficial. Trata-se de um amor clandestino que se enquadra num ambiente em que a mulher, indiferente à má-língua e a riscos legais, cultivava a galanteria como prova da sua emancipação. Esta disparidade de atitudes leva Catulo a apelidar de doença o seu modo de sentir (76).

Consciente da contradição dilacerante que o divide, compõe um poema que, com concisão notável, realça o insondável paradoxo do amor passional: “Odeio e amo. Porque o faço talvez pergun-

tes. / Não sei. Mas sinto-o. E soffro.” (85). O desdém que os actos do ser amado fazem surgir não impede, contudo, o desejo, por muito revoltante que isso se torne.

Com os novos temas impunha-se uma adaptação do léxico. E pela primeira vez na poesia surge uma linguagem viva e dinâmica, em que se usa o termo *puella*, “miúda”, para designar a amada, e se tornam habituais os diminutivos, que temos de compreender à luz da nova estética. Transpostos para a língua portuguesa, que deles se serve muito comumente para sublinhar contextos pejorativos, convém não interpretá-los de forma errónea. O *misellus passer*, “pobrezinho do pássaro”, ou os *turgiduli ocelli*, “os olhinhos inchadinhos” da amada reflectem o carácter lúdico desta poesia, que, num cenário hiperbólico, coloca o pássaro de Lésbia a atravessar as trevas infernais qual herói mítico (3). Com um valor afectivo, na sua essência, os diminutivos encontram-se tanto nos *carmina breuia* como nos *carmina docta*.

Dentro do espírito lúdico, típico da poesia alexandrina, que, se compraz com enumerações de beijos, Catulo, recorrendo a um termo coloquial, *basium*, “beijo”, pede à amada incontáveis beijos (5) ou explica-lhe a sua insaciedade nessa matéria (7). Neste poema, a propósito de um tema tão pueril como o número de beijos que saciariam o amante, o poeta menciona lugares e monumentos orientais, numa demonstração de erudição. No poema em que pede um sem número de beijos à sua Lésbia, não obstante a superficialidade do tema, a ideia da fugacidade da vida, tantas vezes realçada pelo lírico grego Mimnermo, que se angustia com a celeridade da juventude e abomina a penosa velhice (frags. 1 e 2 West), fica, como uma névoa sombria, a pairar sobre a felicidade dos amantes nos versos: “quando a breve luz de vez morrer / noite perpétua devemos juntos dormir” (5, v.4-5). É extraordinária a riqueza desta poética, cujo tom lúdico serve para exprimir ideias e sentimentos bem menos ligeiros.

De simplicidade aparente, a colocação das palavras no verso não raro produz efeitos poéticos muito expressivos, na sua maioria intransponíveis para outra língua, tais como aliterações, repetições de termos, paralelismos, que dão à expressão uma vivacidade e um encanto, em que o autêntico convive com o requintado e o erudito. Nestes dois conjuntos de poesia, termos eruditos e heleni-

zantes, alguns até arcaizantes, convivem com outros coloquiais, ofensivos e obscenos.

À boa maneira dos *erotica* gregos, este poeta, que canta o amor em toda a sua plenitude, tem na sua obra muitas peças em que descreve cruamente outras formas de amor. Além das relações com o sexo oposto, as práticas homossexuais comuns na sociedade grega, tão prontamente assimilada pelos Romanos, fornecem tema a poemas eróticos, compostos dentro da tradição do epigrama alexandrino. Com um vocabulário despido de preconceitos, surgem poemas que costumam provocar a curiosidade dos nossos estudantes classicistas, quando se apercebem que o seu dicionário não apresenta tradução para os vocábulos procurados.

### 3.2 Poemas 61-68

A admiração suscitada por Catulo ao longo dos séculos advém sobretudo da singular beleza e perfeição formal destes poemas designados como *carmina docta*, “poemas eruditos”. No entanto, mesmo este conjunto de poemas não é homogéneo. O diálogo com a porta é mais licencioso pelo tom e vocabulário (67), embora reflecta uma situação típica da poesia alexandrina. O facto de a porta estar ao corrente da vida escandalosa de algumas personalidades de Verona leva a um tom de denúncia que lembra os poemas de invectiva e de censura.

O próprio poema 68, que talvez não seja uma única peça literária, mas duas. Num tom pungente, recorda, numa primeira parte (v. 1-40), a dor sentida por Catulo pela morte do irmão, motivo que impede o poeta de consolar o amigo, no seu luto. No segundo poema, ou na segunda parte do mesmo (v. 41-160), encontra-se o tema do amor por Lésbia, que o poeta compara a Laodamia. É uma oferenda a um amigo que terá apoiado a paixão de Catulo. Os estudiosos consideram que o destinatário poderá coincidir com o dos versos anteriores (vv. 1-40). A aproximação da experiência amorosa própria às aventuras dos deuses e heróis caracterizará a lírica properciiana.

O tema do amor conjugal atravessa esta secção de poesia. No poema 67 a denúncia de comportamentos dissolutos das personalidades casadas constitui uma forma de vilipendiar o amor conjugal. No poema 68b é a história mitológica que introduz o tema do

matrimónio, pois os deuses castigam Laodamia por se ter unido a Protesilau, antes da oferenda dos sacrifícios rituais devidos, fazendo-o perecer na Guerra de Tróia.

Os poemas 61 e 62 são epitalâmios, inspirados em Safo, que exaltam a alegria do casamento. O primeiro foi composto para as núpcias de um tal Mânlio Torquato, amigo do poeta, com Júnia Aurunculeia. O poema descreve o ritual nupcial romano com extraordinário pormenor e invoca, em refrão, o deus do casamento, Himeneu; está escrito, como é próprio deste género de poesia, em metros líricos. O poema 62 parece ser um mero “ensaio” literário, por não referir nenhum casamento em particular. Nele, dois coros, um de rapazes e outro de raparigas, em pleno banquete nupcial, dão a sua perspectiva sobre o momento da união dos esposos e da perda da virgindade. A celebração do amor conjugal em tom festivo e solene reflecte, uma vez mais, a relevância do tema da estabilidade da relação amorosa nesta secção.

O poema 63 é escrito em galiambos, um metro lírico muito raro, característico dos cantos dos sacerdotes de Cíbele, eles próprios denominados *Galli*, “Galos”. Protagoniza o poema Átis, um jovem grego que chega à Frígia e, durante o ritual em honra da deusa, arrebatado por delírio religioso, se castra a si próprio, entre os sacerdotes castrados. Adormece exausto e ao despertar arrepende-se amargamente do acto, recordando o seu passado recente. É comum ver na súplica final do poema, em que o poeta pede à deusa que o proteja dos seus furores, um eco do desânimo sentimental que atravessa os poemas mais breves, escritos na primeira pessoa. Mas o poema sobressai não tanto pela hipótese de uma leitura biográfica, quanto pela presença fascinante e assustadora do mundo oriental. Nesta altura os rituais religiosos orientais despertavam um misto de curiosidade e de temor, que para Átis foi fatal.

O poema 66 é uma tradução da elegia de Calímaco sobre a metamorfose em cometa dos cabelos da rainha Berenice, esposa de Ptolomeu III, Evérgeta, rei do Egipto. Dos cerca de trinta versos que conhecemos do poeta alexandrino podemos concluir que Catulo foi bastante fiel à letra grega. De novo celebra a felicidade do amor conjugal pela voz do caracol de cabelo, que narra a sua ascensão ao céu.

Neste grupo encontra-se um dos mais belos poemas legados pela Antiguidade, o poema 64, em que a propósito das bodas de

Tétis e Peleu, se canta, em mais de metade do poema (v. 50-264), o abandono de Ariadne por Teseu na ilha de Naxos, ou Dia. O desenho bordado na colcha que cobre o leito nupcial representa o acordar de Ariadne na praia e a chegada do deus Baco. Da história principal fala-se somente do enamoramento de Peleu com a deusa e da chegada dos convidados ao casamento.

O encaixe de uma narrativa noutra levou os estudiosos a supor que estaríamos perante dois poemas. Mas é a busca de um efeito de surpresa, a procura da diversidade e do pormenor, a influência da arte pictórica que levam à desvalorização do elemento cronológico. Um dos processos usados para encaixar várias narrativas consiste em descrever figuras representadas num objecto, a chamada *ecphrasis*, processo literário tão comum na literatura alexandrina. Mais tarde Ovídio explorará esta técnica narrativa, fazendo largo uso dela nas *Metamorfoses*.

Além da história da princesa de Creta, as Parcas, convivas da boda, cantam a glória de Aquiles, que haveria de nascer. Enquanto fiam evocam também a chacina da guerra e o sacrifício da jovem Políxena sobre o sepulcro de Aquiles, uma forma sombria de celebrar o amor dos esposos. E, em novo desenvolvimento, o poeta confronta os ditosos tempos em que deuses se uniam aos mortais com o infausto presente em que os homens desprezam os deuses, cometendo sem arrependimento toda a espécie de crimes. Constituem-se, portanto, vários quadros antagónicos ao momento de felicidade vivido por Peleu e Tétis. De facto, tanto as palavras amarguradas de Ariadne na praia, como o cântico das Parcas, ou a alusão aos saudosos tempos míticos, acentuam o tom nostálgico que inscreve o amor num quadro de infelicidade e sofrimento.

Neste sublime poema, que permite uma análise riquíssima, chamamos a atenção para a expressividade da metáfora no momento em que Ariadne, depois de acordar, avança incrédula pelas águas adentro, flutuando “em altas ondas de tristeza”, como se os seus pensamentos fossem embarcações sobre o mar, porque efectivamente é em Teseu, cujo barco flutua sobre as águas, que Ariadne pensa. E a dado momento, certamente com o barco já mais afastado, a agitação física da jovem princesa que ora “subia aos montes escarpados” ora “corria em direcção às ondas contrárias do mar irrequieto” reflecte a avassaladora dor interior, que lhe fazia tremer a boca, gelar a pele, e a deixava a soluçar (vv. 124-129). As ressentidas

e injuriadas Medeias de Eurípides (tragédia) e de Apolónio de Rodas (epopeia) terão inspirado esta Ariadne, cujos lamentos vão ecoar na Dido vergiliana.

#### 4. A Recepção de Catulo

Este poeta latino, escrevendo circunscrito a um grupo literário e a uma poesia de elite, aspira à imortalidade (1 e 95), que logrou alcançar graças à forma rica, genuína, espontânea, esteticamente bela como trata o amor, seja na expressão intimista do poemas breves seja ao recontar e reviver as aventuras amorosas dos deuses e dos heróis míticos. Na literatura latina, temos Vergílio, Propércio, Ovídio, que se inspiram em Catulo para cantar o amor, porque cantar tal temática obrigava a reviver o poeta de Verona, que Cornélio Nepos colocara entre os melhores do seu tempo, ao lado de Lucrécio.

O carácter pictórico do poema 64 atraiu na renascença Ticiano, cujo óleo intitulado *Ariadne e Baco* segue de perto a letra de Catulo, permitindo-nos visualizar a princesa de Creta que “não traz já no cabelo loiro a delicada mitra, / não cobre o peito desnudo com leve manto, / não cinge com a faixa arredondada os seus seios lactentes, / e com as vestes que caem de todo o seu corpo / ante seus pés brincava a salgada corrente” (vv. 63-67). Sem cuidar das vestes, os seus braços apontam na direcção das águas que lhe levam Teseu, mas o seu olhar já se volta para o cortejo de sátiros e ménades que vêm com Baco. Criam-se assim dois planos que Ariadne liga: o plano das águas que levam Teseu, representativo do passado; o plano da chegada do deus, símbolo do futuro. Como em Catulo, Baco vem a esvoaçar, há serpentes enroladas nos corpos, membros de novilho nas mãos, os corpos agitam-se em frenesi festivo, ecoam os brônzeos címbalos. É a alegria e o amor, a dança e a música, que sublimará o encontro dos futuros esposos. Para uns, estamos perante a renovação da vida no céu (a Ariadne celestial que inspirou muitos *triumfi* renascentistas); para outros, a vida que o homem renova na terra.

Com a Ariadne catuliana o dilema da identidade que o mito permite tratar suscitou, ao longo dos séculos, o interesse de poetas, músicos e pintores, dos quais destacamos, na pintura, Giorgio de Chirico; na música, Hofmannsthal; e na literatura, Nietzsche.

Hofmannsthal, libretista da ópera *Ariadne auf Naxos*, de Richard Strauss, leu a presença de Baco precisamente como a metamorfose da vida, ela própria a única “via da vida”<sup>1</sup>, não obstante o conflito que daí advém. Leitura a que não será alheia a interpretação do dionisíaco feita por Nietzsche como elemento libertador, pois, na sua perspectiva, os Gregos afirmam o triunfo da vida sobre a morte pela psicologia do estado dionisíaco.

Influenciado por Nietzsche e pelo seu poema “Klage des Ariadne” (1884/5), o pintor grego contemporâneo Giorgio de Chirico pintou uma *Ariadne* num cenário inquietante, em que todos os elementos sobressaem de forma surpreendente e desconfortável. No poema alemão, o deus desconhecido diz-lhe que é ela o labirinto, uma ideia que as várias arcadas do quadro, com as suas diversas passagens, sugerem.

Ariadne parece flutuar no ar, pousada sobre uma pedra, qual cadáver num féretro; um barco, do qual mal se avistam as velas, representa a partida de Teseu, em cima, à direita de um edifício que parece um vaso voltado ao contrário. Dioniso chega no comboio negro, que entra no quadro pleno de movimento, em cima à esquerda. Ariadne exposta ao sol está prestes a deixar o soalheiro mundo apolíneo e a entrar no diabólico mundo das trevas e da perplexidade.

Chirico falava do “enigma” da existência, considerando que os homens, quando julgam conhecer o mundo, se contentam com uma ilusão do conhecimento. Ariadne permite representar a sensação de ausência, de abandono da civilização moderna e a ansiedade de um sonho esperançoso que pode ser ele próprio também

<sup>1</sup> “A metamorfose é a via da Vida, ela é o mistério propriamente dito da Natureza no seu acto criador; tudo o que persiste em si mesmo entorpece e morre. Quem quer viver tem de passar para lá de si mesmo e tem de se metamorfosear: em suma, deve esquecer. No entanto, toda a dignidade humana está associada à perseverança do idêntico, à recusa do esquecimento, à fidelidade. Esta é uma das contradições mais insondáveis sobre cujo abismo está construída a ideia do Ser (...) Têm-me dito que ao longo da minha vida nunca cessei de me espantar com o eterno mistério desta contradição. Efectivamente, Ariadne ergue-se contra Zerbineta como Electra contra Crisótemis. Crisótemis queria viver e nada mais; ora ela sabia que quem quer viver tem de esquecer.” (Carta de Hofmannsthal a Richard Strauss, trad. a partir da versão francesa de Philippe Godefroid, *Strauss Ariane à Naxos*, Paris, L'avant Scène Opéra, pp.18-20.)

uma perigosa ilusão. O homem dorme à porta da existência, mas que significará acordar? E será isso possível?

## 5. A Tradução

A tradução apresentada segue a edição de D. Thomson (Toronto, 2003<sup>2</sup>) e foi elaborada por André Simões, professor da Universidade de Lisboa, e José Pedro Moreira, ambos investigadores do Centro de Estudos Clássicos de Lisboa. Os tradutores tiveram também em consideração o comentário que acompanha a edição de D. Thomson e o de Fordyce (Oxford, 1973<sup>2</sup>). Pela primeira vez em língua portuguesa temos uma versão completa e não censurada da poesia de Catulo, projecto inexequível em épocas conservadoras. Com uma linguagem vernácula, elegante, afectuosa, sofisticada, insultuosa, simples, rancorosa, consoante o tema e os sentimentos em causa em cada poema, os tradutores conseguem transmitir ao leitor a beleza, a variedade e a riqueza do original. Levando a cabo uma tarefa nada fácil, atendendo aos precedentes literários de alguns poemas, que têm atravessado as épocas pela “pena” de poetas como Benjamin Jonson, Byron, Arthur McHugh, John Frederick Nim, os tradutores demonstram um exímio estro poético.

Ana Alexandra Alves de Sousa



A quem dedicarei este novo e bonito livrinho,  
ainda há pouco por seca pedra-pomes polido<sup>1</sup>?

A ti, Cornélio<sup>2</sup>: é que eras tu quem costumava  
achar que valiam alguma coisa as minhas ninharias,  
5 já quando ousaste, único de entre os Ítalos,  
desenrolar todo o tempo do mundo em três doutos,  
por Júpiter!, e trabalhados volumes.

Toma, pois, para ti este livrinho,  
tenha ele o que tiver, que dure, virgem padroeira<sup>3</sup>,

10 perene mais do que uma geração.

---

<sup>1</sup> A pedra-pomes era usada para alisar as extremidades do *volumen* enrolado, forma sob a qual se apresentavam os livros na Antiguidade.

<sup>2</sup> Cornélio Nepos (c. 110-24 a.C.): biógrafo e historiador oriundo da Gália Cisalpina; pertencia ao círculo de Cícero.

<sup>3</sup> A Musa do poeta.

Pássaro<sup>1</sup>, delícia da minha miúda,  
 com quem brinca, que aperta contra o seio,  
 a quem dá a ponta do dedo,  
 e provoca valentes bicadas,  
 5 quando, ardendo de desejo por mim,  
 lhe agrada divertir-se com não sei o quê de querido  
 como pequeno consolo para a sua dor,  
 julgo, para assim acalmar o ardor intenso —  
 pudesse eu, como ele, contigo brincar  
 10 e do coração afastar os tristes cuidados.

<sup>1</sup> Alguns comentadores consideram que o termo latino *passer* pode ter um sentido obsceno.

...  
 isto tão grato me é quanto dizem ter sido  
 à célere donzela<sup>2</sup> a maçã doirada,  
 que soltou a cinta desde há muito apertada.

<sup>1</sup> No manuscrito segue imediatamente o poema anterior sem qualquer tipo de separação.  
<sup>2</sup> Trata-se possivelmente de Atalanta, que desafiava os seus pretendentes para uma corrida: caso vencessem desposá-la-iam, caso perdessem encontrariam a morte. Hipómenes venceu-a e desposou-a. Ver Ovídio, *Metamorfoses*, X, 560-680.

Chorai, ó Vénus e Cupidos,  
 e quantos homens há sensíveis:  
 morreu o pássaro da minha miúda,  
 o pássaro, o mais-que-tudo da minha miúda,  
 5 que ela mais do que os seus olhos amava.  
 Era na verdade doce, e a dona conhecia  
 tão bem como menina a sua mãe.  
 E não lhe saía do colo,  
 mas, saltitando ora para aqui ora para ali,  
 10 só para a sua dona pipilava sem parar.  
 Vai ele agora por caminho tenebroso  
 para esse lugar, donde dizem nunca ninguém voltou.  
 Malditas vós, trevas funestas  
 do Orco<sup>1</sup>, que todas as coisas belas devorais:  
 15 tão belo pássaro me arrebatastes!  
 Ó maldade! Ó pobrezinho do pássaro!  
 Por tua causa vermelham de chorar  
 os olhinhos inchadinhos da minha miúda!

<sup>1</sup> Divindade infernal.

Este barco que aqui vedes, amigos,  
 diz ter sido o mais célere de todos os navios  
 e que jamais o ímpeto de um outro lenho flutuante  
 foi capaz de lhe levar a melhor, fosse a tarefa  
 5 voar com os remos ou com o pano de linho.  
 E isto não o negam do temível Adriático  
 o litoral nem as ilhas Cíclades  
 nem Rodes ilustre nem da Trácia a hórrida  
 Propôntida nem o perigoso golfo Pôntico,  
 10 onde este, depois barco, foi  
 frondoso bosque; na verdade no cimo do Citoro<sup>1</sup>  
 de sua ramagem falante muitas vezes emitiu murmúrios.  
 De ti, Amástris<sup>2</sup> pôntica, e de ti, Citoro rico em buxo<sup>3</sup>,  
 afirma o barco que estas coisas foram e são  
 15 mais do que conhecidas: desde que se lembra,  
 em teu cume diz ter-se erguido,  
 em tuas águas ensaiado as primeiras remadas,  
 e daí por tantos mares descomedidos  
 ter levado o seu senhor, quer à esquerda quer à direita  
 20 exortasse o vento, quer em ambas as escotas  
 ao mesmo tempo incidisse Júpiter favorável<sup>4</sup>;  
 nem voto algum às divindades litorais  
 por ele foi feito, tendo voltado do mar  
 longínquo até este límpido lago.  
 25 Mas isto foi outrora: agora recôndito  
 envelhece serenamente e consagra-se a vós,  
 gémeo Castor e gémeo de Castor<sup>5</sup>.

<sup>1</sup> O Citoro era um porto da Paflagónia, na Ásia Menor, na costa do mar Negro. Aqui refere-se as colinas da localidade.

<sup>2</sup> A capital da Paflagónia, na costa do mar Negro, próxima do Citoro. Pertencia à província da Bítinia.

<sup>3</sup> O buxo do Citoro era afamado.

<sup>4</sup> I.e., o vento.

<sup>5</sup> O barco é consagrado aos gémeos Castor e Pólux, os Dióscoros, na qualidade de protectores dos marinheiros

Vivamos, Lésbia minha, e amemos.  
 A má-língua dos velhos mais sisudos  
 para nós não valha mais do que um tostão.  
 Podem os dias morrer e nascer:

- 5 quando a breve luz de vez morrer  
 noite perpétua devemos juntos dormir.  
 Dá-me beijos mil, e depois cem,  
 e depois mil outros, e depois mais cem,  
 e depois ainda mais mil, e depois cem.  
 10 Depois, quando muitos dermos,  
 baralhá-los-emos para não sabermos quantos,  
 ou não possa homem mau invejar-nos  
 ao saber que tantos beijos demos.

Flávio, os teus prazeres a Catulo,  
 não fossem eles rudes e deselegantes,  
 desejarias contar, nem deles conseguirias guardar segredo.  
 Mas desconheço por que febril

- 5 puta andas apanhado — e isso tens vergonha de reconhecer.  
 Pois que não passas as noites como um viúvo  
 o teu leito em vão calado testemunha-o,  
 enfeitado com grinaldas e fragrante de óleo sírio,  
 tal qual o travesseiro, aqui e acolá  
 10 gasto pelo uso, e ainda do leito que treme  
 o ranger e agitado vai-e-vem.  
 Mas de nada te vale continuar a escondê-lo.  
 Porquê? Pois não andarias com as cruzes derreadas  
 não andasses tu a fazer poucas-vergonhas.  
 15 Portanto, o que quer que faças, tanto de bom como de mau,  
 conta-nos: desejo a ti e aos teus amores  
 ao céu levar com verso ligeiro.

Perguntas-me quantos beijos  
 teus, Lésbia, me chegam e sobram.  
 Tantos quanto o número imenso de areia líbia  
 que jaz em Cirene, produtora de laserpício<sup>1</sup>,  
 5 entre o oráculo do ardente Júpiter<sup>2</sup>  
 e o sacro sepulcro do velho Bato<sup>3</sup>,  
 ou tantos quantas as estrelas, quando se cala a noite,  
 que assistem aos amores furtivos dos homens;  
 beijar-te com tantos beijos  
 10 é quanto chega e sobra ao louco Catulo,  
 beijos que os curiosos não conseguirão  
 contar nem a má-língua enfeitiçar.

<sup>1</sup> Planta não identificada com certeza. Cirene era a sua principal produtora. Era usada na cozinha, na engorda de gado e em medicamentos.

<sup>2</sup> O templo de Ámon, o deus egípcio identificado com Zeus e Júpiter, situado à entrada do deserto líbico, no oásis de Siva. Este templo era a sede de um famoso oráculo.

<sup>3</sup> Fundador mítico de Cirene. Recebia culto na cidade como um herói.

Pobre Catulo, põe termo a esta loucura  
 e dá por perdido o que vês que se perdeu.  
 Outrora luziam-te dias felizes  
 quando ias aonde a tua menina te levava,  
 5 ela que por nós foi amada como nenhuma outra será amada.  
 Tiveram então lugar aqueles muitos prazeres  
 que tu desejavas e que ela não negava  
 — felizes eram esses dias que te luziam!  
 Agora já ela não o deseja: tu, impotente, não o queiras também,  
 10 nem corras atrás de quem te foge, nem vivas miserável  
 mas com mente perseverante aguenta, resiste!  
 Adeus, menina, já Catulo resiste:  
 não mais te procurarei nem desejarei contra tua vontade.  
 Mas tu sofrerás quando por ninguém fores desejada,  
 15 desgraçada!, ai de ti! que vida será a tua?  
 Quem irá agora ao teu encontro? A quem parecerás bela?  
 Quem amarás? De quem dirás ser?  
 A quem beijarás? A quem os lábios morderás?  
 Mas tu, Catulo, determinado resiste.

Verânio, que de todos os meus trezentos mil  
amigos és o primeiro,

regressaste tu a casa, aos teus Penates<sup>1</sup>,  
aos teus adoráveis irmãos e à tua velha mãe?

5 Regressaste! Ó felizes novas!

Visitar-te-ei são e salvo, e ouvir-te-ei falar  
dos lugares, dos feitos, das gentes iberas,  
como é teu uso, e tomando-te o pescoço,  
a boca alegre e os olhos te beijarei.

10 Ó, de todos os homens felizes do mundo,  
há algum mais alegre e feliz do que eu?

<sup>1</sup> Deuses domésticos.

O meu querido Varo, para que a sua amada  
eu fosse conhecer, arrastou-me do foro, onde passava o tempo:  
era uma putazinha (assim à primeira vista me pareceu)  
a quem não faltavam graça e encanto.

5 Logo que lá chegámos conversámos  
sobre vários assuntos, entre os quais que novas havia  
da Bitúnia<sup>1</sup>, como tinha corrido tudo por lá,  
quanto tinha eu lucrado com o passeio.  
Respondi-lhe a verdade: que lá nada havia, nem para os  
habitantes,

10 nem para os pretores e muito menos para os da sua comitiva;  
como havia alguém de trazer a cabeça mais perfumada,  
sobretudo quando o pretor é para ele  
um filho da puta e não liga nenhuma à sua comitiva!?

15 “Mas certamente porém” disseram “compraste  
o que se diz ser a especialidade local,  
homens para transportar a liteira.” Eu, para perante a moça  
me fazer passar por mais ditoso,  
respondi: “a coisa não me correu assim tão mal

20 que, ainda que tivesse ido parar a uma má província,  
não conseguisse arranjar oito homens jeitosos.”

Mas eu não tinha um único, nem cá nem lá,  
que o pé partido do meu velho catre  
pudesse colocar ao pescoço.

25 Então ela, como a grandessíssima puta que era,  
disse: “peço-te, meu caro Catulo, que por um instante  
mos cedas; é que desejo ao templo de Serápis<sup>2</sup>  
levá-los.” “Alto lá!”, respondi à moça,  
“isso de eu dizer que eram meus  
foi um engano! O meu camarada

<sup>1</sup> Catulo acompanhou o pretor Gaio Mémio na sua viagem à Bitúnia, por volta de 57 a.C.

<sup>2</sup> Templo situado fora da cidade em honra de uma divindade egípcia. O culto às divindades orientais, sobretudo a Ísis, estava particularmente na moda na época de Catulo.

30 Cina... Gaio Cina<sup>3</sup>... ele é que os arranjou para si.  
Na verdade, sejam dele ou meus, que diferença faz?  
Sirvo-me deles como se tivesse sido eu a comprá-los.  
Mas tu és bem tola e inconveniente  
por não permitires o mínimo descuido.”

<sup>3</sup> Gaio Hélio Cina: poeta fortemente influenciado pela escola alexandrina, famoso por um *epícion* (uma “épica em miniatura”), o *Smirna*, no qual trabalhou durante nove anos. Era amigo de Catulo e, provavelmente, integrou a comitiva de Mêmio na viagem à Bitúnia. Morreu em 44 a.C., no funeral de César, linchado pela população, que o confundiu com Cornélio Cina, adversário político de César.

XI

Fúrio e Aurélio, fiéis companheiros de viagem de Catulo,  
mesmo que ele avançasse até aos confins da Índia,  
lá onde a costa, ressoando ao longe, pela vaga  
do Leste é batida,

5 mesmo que até aos Hircanos<sup>1</sup> ou aos indolentes Árabes  
ou aos Sagas<sup>2</sup> ou aos sagitíferos Partos,  
mesmo que até às águas que o rio de sete embocaduras,  
o Nilo, tinge,

10 mesmo que os altos Alpes atravessasse,  
contemplando do grande César os monumentos,  
o Reno gálico, horrenda torrente,  
e os remotos Bretões,

tudo isto, seja qual for a vontade  
dos celestes, ambos igualmente estais dispostos a suportar,  
15 estas parcas palavras comunicai à minha miúda,  
não boas de se dizer:

que ela viva e passe bem com os seus amásios,  
que os possua nos seus braços aos trezentos de cada vez,  
nenhum na verdade amando, mas a todos de igual forma  
20 rebentando com as ilhargas;

nem espere, como dantes, o meu amor,  
que por culpa sua caiu por terra como a flor  
da orla do prado, tocada  
pelo arado que passa.

<sup>1</sup> O país dos Hircanos ficava na costa sul do mar Cáspio.

<sup>2</sup> Povo nómada que vagueava pela fronteira norte da Pérsia.

Asínio Marrucino, à tua mão esquerda  
 bom uso não dás no meio da galhofa e do vinho:  
 surripias os guardanapos aos mais distraídos.  
 Achas que isso tem piada? Aí é que te enganas, imbecil:  
 5 é coisa bem sórdida e deselegante!  
 Não acreditas em mim? Acredita em Polião,  
 teu irmão, que pelos teus roubos até um talento<sup>1</sup>  
 não se importava de pagar — e ele é rapaz  
 entendido em gracejos e partidas.  
 10 Portanto, ou trezentos hendecassílabos  
 espera, ou restitui-me o guardanapo;  
 pouco me importa o seu valor,  
 é que é uma recordação de um meu companheiro.  
 Pois muitos panos de Sétabis na Hispânia<sup>2</sup>  
 15 me enviaram como presente Fabulo  
 e Verânio: a eles devo eu estimar  
 como se fossem os meus queridos Veraniozinho e Fabulo.

<sup>1</sup> Designação genérica para uma grande quantidade de dinheiro.

<sup>2</sup> Sétabis, actual Játiva, era reputada pela sua produção de tecidos.

Jantarás bem, meu Fabulo, em minha casa,  
 dentro de poucos dias, assim o queiram os deuses,  
 se contigo trouxeres bom e lauto  
 jantar, não sem miúda jeitosa,  
 5 e vinho e graçolas e risotas muitas.  
 Se isto trouxeres, meu queriducho,  
 digo-te que jantarás bem. É que  
 a carteira do teu Catulo está cheia de teias de aranha.  
 Mas em troca terás puros amores,  
 10 ou algo mais suave e delicado:  
 é que te darei um perfume,  
 que à minha miúda deram Vénus e Cupidos,  
 e quando o cheirares, rogarás aos deuses  
 que te transformem, Fabulo, em nariz.

Não te amasse eu mais do que aos meus olhos,  
 queridíssimo Calvo<sup>1</sup>, por essa tua prenda  
 te odiaria com o ódio de Vatínio<sup>2</sup>:  
 na verdade que fiz eu, ou que disse eu,  
 5 para me tratares tão mal com tais poetas?  
 Que os deuses muitos males dêem a esse teu cliente,  
 que tão grande quantidade de sacrílegos te enviou.  
 E se, como desconfio, este novo e requintado  
 presente te dá Sula, o mestre-escola,  
 10 não me parece mal, mas bem e desejável,  
 pois não se perdem os teus trabalhos.  
 Deuses poderosos!, horrível e maldito livrito  
 que tu, pois claro, ao teu Catulo enviaste,  
 que ele morra logo no dia depois  
 15 das Saturnais<sup>3</sup>, esse dia excelente!  
 Não, não, meu brincalhão, não te safas tão facilmente:  
 é que, assim que amanhecer, correrei  
 aos escrínios dos livreiros, e os Césios, os Aquinos,  
 o Sufeno — recolherei todos os venenos,  
 20 e com estas penas te pagarei.  
 Vós, entretanto, adeus, ide daqui para fora,  
 de onde mau pé<sup>4</sup> trouxestes,  
 pragas destes tempos, poetas do piorio!

<sup>1</sup> Gaio Licínio Calvo, talentoso orador contemporâneo de Catulo e um dos seus amigos mais próximos. Compôs também poesia, da qual nos chegam somente escassos fragmentos.

<sup>2</sup> Inimigo de Calvo, que este conseguiu condenar em tribunal. Cf. poema 53.

<sup>3</sup> O dia das Saturnálias era 17 de Dezembro, mas as celebrações continuavam nos dias seguintes. Era uma altura de boa disposição e de humor; havia trocas de presentes, os escravos gozavam de uma invulgar liberdade e pregavam-se partidas — como o livro que Calvo envia a Catulo.

<sup>4</sup> O pé era também a unidade da métrica clássica.

Se por acaso dos meus disparates  
 fordes leitores e com vossas mãos  
 não hesitardes em nos tocar,  
 .....<sup>1</sup>

<sup>1</sup> O resto do poema está em falta nos manuscritos.

Confio-me ao teu cuidado, eu e os meus amores,  
 Aurélio: peço modesto favor,  
 que, se algo em teu coração desejaste  
 que quisesse puro e íntegro,  
 5 me guardes este rapaz castamente,  
 não digo do povo (em nada tememos  
 esses que na praça de um lado para o outro  
 passam ocupados com os seus negócios):  
 na verdade é de ti que tenho medo e da tua pila  
 10 infesta tanto para rapazinhos bons como maus.  
 Tu, onde te agradar, como te agradar, dá-lhe uso,  
 quanto quiseres, fora de portas, quando se proporcionar a ocasião;  
 só a este faço exceção, pedido razoável, ao que me parece.  
 Mas se a tua mente depravada e a tua lascívia sem freio  
 15 te levarem, ó celerado, à falta tamanha  
 de o nosso menino com artifícios tentares,  
 ai!, então, miserável, espera-te um mau fim,  
 que de pés atados pela porta aberta  
 te atravessem rabanetes e mугens!

O cu e a boca vos foderei eu,  
 Aurélio, minha bicha, Fúrio, meu panelheiro,  
 que pelos meus versinhos me julgais  
 pouco virtuoso, por tão delicadinhos serem.  
 5 É que casto deve ser o bom poeta,  
 não têm de o ser os seus versinhos,  
 que além do mais têm picante e graça,  
 sendo tão delicadinhos e pouco virtuosos,  
 e porque podem provocar comichões,  
 10 não digo aos miúdos, mas a estes peludos  
 que não conseguem mexer as duras piças.  
 Vós, lá por “muitos milhares de beijos”  
 terdes lido, achais que sou pouco macho?  
 O cu e a boca vos foderei eu!

- Ó Colónia, que desejas os jogos numa larga ponte celebrar  
e para as danças já a tens preparada, mas temes que os  
apoios da pontezita, que se ergue sobre umas tabuinhas mais  
insuficientes  
do que velhas,  
dêem de si e a ponte se afunde no pântano ermo
- 5 — oxalá que para ti se erga uma ponte como é teu desejo,  
na qual até as sagradas danças dos Sálíos<sup>1</sup> possam tomar lugar! —  
este espectáculo me concede, Colónia, merecedor do maior dos  
risos:  
um certo concidadão meu desejo da tua ponte  
precipitar de borco para o lodo,  
10 precisamente onde o pântano e as pútridas águas  
são mais imundas e profundas.  
O homem é idiota até mais não,  
parece que não sabe mais do que uma criança  
com não mais de dois anos a dormir no braço trémulo do pai.
- 15 Embora esteja casado com uma moça na mais viçosa flor da  
idade  
(e a rapariga é mais tenra do que o mais tenro cordeirinho,  
digna de ser vigiada com maior diligência do que a uva madura)  
ele deixa-a divertir-se como quer e não se importa nada  
nem se incomoda, como seria de esperar, mas, como um álamo  
20 numa vala jazendo depois de derrubado pelo lígure machado,  
de tudo isto faz tanto caso como se nada fosse —  
tal vai a coisa que este meu paspalho nada vê, nada ouve,  
quem ele próprio é, ou se é ou não é, também isso ignora.  
Agora desejo de tua ponte precipitá-lo,  
25 para ver se é possível de repente despertar o lorpa do velhote  
e o espírito dorminhoco deixar na espessa lama,  
como a mula a ferradura de ferro na poça viscosa.

<sup>1</sup> Danças rituais agitadas.

- Aurélio, pai de fomes,  
não só destas de hoje, mas também de quantas foram  
ou são ou serão em outras idades:  
queres encavar o meu miúdo.
- 5 E nem disfarças: estás com ele, brincas com ele,  
colado ao seu lado tudo tentas.  
Em vão: é que a ti, que me tentas tramar,  
primeiro te comerei eu com bela foda de boca.  
E se ao menos o saciasses, calava-me,  
10 mas o que me dói é que o meu rapaz  
contigo só aprenderá a passar fome e sede.  
Por isso desiste, enquanto podes fazê-lo com honra,  
não vás tu acabar de boca fodida.

Este Sufeno, Varo, bem nosso conhecido,  
 é um sujeito elegante e mordaz e refinado  
 e para além disso faz imensos versos.  
 Parece-me que por ele uns dez mil — ou mais ainda! —  
 5 foram escritos, e não, como é costume, num palimpsesto  
 os escreve: é tudo papiro do melhor, novos volumes,  
 novos umbílicos<sup>1</sup>, capas com fita vermelha,  
 tudo pautado com chumbo<sup>2</sup> e com pedra-pomes polido!  
 Mas quando tu lês aquilo, este até então delicado e refinado  
 10 Sufeno um cabreiro ou escavador  
 agora parece, de tal forma se transforma e muda.  
 Como havemos de explicar isto? Quem elegante  
 e do mais distinto que há parecia,  
 agora é mais tosco do que o tosco campo,  
 15 ao meter as mãos à poesia! E no entanto nunca  
 é tão feliz como quando escreve um poema,  
 de tal forma se regozija consigo próprio e se maravilha.  
 Por certo todos da mesma forma nos iludimos e não há ninguém  
 em quem nalguma coisa reconhecer um Sufeno  
 20 não consigas: cada qual tem a sua própria fantasia,  
 mas não vemos o que há no alforge nas nossas costas.

<sup>1</sup> Os *umbilici* eram umas varas de madeira ou marfim em torno das quais se enrolava o volume.

<sup>2</sup> O chumbo (*plumbum*) era usado, juntamente com uma régua, para marcar linhas no papiro que serviam de orientação a quem escrevia.

Fúrio, que nem escravo tens, nem cofre,  
 nem percevejo, nem aranha, nem fogo,  
 mas um pai e uma madrastra cujos  
 dentes até pedra podem comer:  
 5 estás bem para o teu pai  
 e para a seca esposa do teu pai.  
 Não me admira: é que estais todos de boa saúde,  
 digeris belamente, nada temeis  
 — nem incêndios, nem grandes derrocadas,  
 10 nem actos cruéis, nem envenenamentos,  
 nem outros casos de perigo.  
 Porém, os corpos mais ressequidos que um corno,  
 ou se algo mais seco há, tendes  
 pelo sol e pelo frio e pela fome.  
 15 Porque é que não havias de estar bem e feliz?  
 Suor não tens, saliva não tens,  
 nem ranho ou do nariz mau corrimento.  
 Junta a esta limpeza algo ainda mais limpo:  
 o teu cu é mais puro que um saleiro  
 20 — não cagas nem dez vezes num ano inteiro,  
 e aquilo fica mais duro que uma fava ou um seixo;  
 se tu o trilhares e esfregares com as mãos,  
 nem um dedo conseguirás sujar.  
 Estes proveitos tão afortunados, Fúrio,  
 25 não desdenhes nem julgues coisa pouca,  
 e dos cem sestércios que costumavas  
 implorar desiste: na verdade já és bem afortunado.

Ó tu que és a mais delicada flor dos Juvêncios<sup>1</sup>,  
 não só dos de hoje, mas de todos os que foram  
 e dos que serão nos anos vindouros,  
 preferiria que as riquezas de Midas desses  
 5 a esse, que não tem escravo nem arca,  
 do que assim te permitires a por ele ser amado.  
 “O quê?! Não é ele um homem belo?” perguntas. É:  
 mas esse “belo” não tem escravo nem arca.  
 Isso tu bem podes menosprezar e disfarçar:  
 10 ainda assim ele não terá escravo nem arca.

<sup>1</sup> Velha família aristocrática romana, originária de Túsculo.

Talo, paneleiro, mais fofinho que o pêlo do coelho,  
 ou o fígado do ganso, ou o lobo da orelha,  
 ou a murcha pila de um velho e uma teia de aranha:  
 e tu mesmo, Talo, mais ladrão que uma violenta tempestade,  
 5 quando a deusa revela os mulherengos bocejantes —  
 devolve-me o pálio que me roubaste,  
 e o lenço de Sétabis e as tabuinhas da Bitínia,  
 meu estúpido, que descaradamente exhibes como herdados!  
 Descola-os já das tuas unhas e devolve-os,  
 10 não te vão chicotes ardentes o tenro rabinho  
 e as mãos delicadas indignamente rabiscar,  
 e agitares-te tu de modo insólito, qual pequena nau  
 apanhada em mar alto por vento furioso.

Fúrio, vossa vilazinha do sopro do Austro<sup>1</sup>  
 não está à mercê, nem do Favónio<sup>2</sup>,  
 nem do severo Bóreas<sup>3</sup> ou do Afeliota<sup>4</sup>,  
 mas de quinze mil e duzentos sestércios<sup>5</sup>.

5 Ó que vento horrível e pestilento!

<sup>1</sup> Vento sul.

<sup>2</sup> Vento oeste.

<sup>3</sup> Vento norte.

<sup>4</sup> Vento leste.

<sup>5</sup> O valor da hipoteca da casa.

Miúdo escanção do bom velho Falerno,  
 serve-me cálices mais fortes,  
 como manda a lei de Postúmia<sup>1</sup>, mestra da festa,  
 mais bêbeda que um cacho bêbedo.

5 Quanto a vós, águas, ide daqui para onde vos aprouver,  
 praga do vinho, e para junto dos sérios  
 mudai-vos: aqui o Tioniano<sup>2</sup> é puro!

<sup>1</sup> Lei romana que estabelecia o valor da hipoteca da casa, baseada no valor da hipoteca da casa.  
<sup>2</sup> Uma festa de vinho era presidida por um dos participantes, escolhido à sorte, que "legislava" sobre a quantidade e a pureza do vinho a ser bebido.  
<sup>3</sup> Baco era filho de Semele, também chamada Tione, daí este epíteto.

- Companheiros de viagem de Pisão<sup>1</sup>, comitiva sem um tostão,  
 que trazeis uma bagagemzinha bem leve de se carregar,  
 ó excelente Verânio e tu, meu Fabulo,  
 como andam vocês? Acaso aquele  
 5 panhonha vos fez passar muito frio e fome?  
 Nas vossas tabuinhas acaso se vê no lugar do ganhozito  
 algum encargo, como me sucedeu, que ao seguir o meu  
 pretor registei mais despesa do que lucro?  
 Ó Mémio<sup>2</sup>, bem me fodeste tu a teu bel-prazer,  
 10 com o pau todo, como e durante o tempo que quiseste!  
 Mas, tanto quanto vejo, tiveste igual  
 sorte, pois com um caralho não menor  
 levás agora<sup>3</sup>! Procura o auxílio de amigos *de bem!*  
 Mas que a vós muitos males os deuses e deusas  
 15 dêem, vergonha de Rómulo e Remo!

<sup>1</sup> Talvez Lúcio Calpúrnio Pisão, governador da Macedónia em 57-5 a.C.

<sup>2</sup> Pretor que Catulo acompanhou na visita à Bitínia por volta de 57 a.C.

<sup>3</sup> Em 54 a.C. Mémio foi condenado por corrupção nas eleições para o consulado e caiu em desgraça.

- Quem pode ver, quem pode tolerar,  
 senão o desavergonhado, o glutão, o batoteiro,  
 que Mamurra<sup>1</sup> possua o que a Gália Cabeluda<sup>2</sup>  
 antes tinha e a longínqua Britânia<sup>3</sup>?  
 5 Rómulo<sup>4</sup> paneleiro, verás e tolerarás isto?  
 E esse, agora, soberbo e opulento,  
 percorrerá todas as alcovas,  
 qual pombo alvo ou Adónis?  
 Rómulo paneleiro, verás e tolerarás isto?  
 10 És desavergonhado e glutão e batoteiro.  
 Foi por isso, general sem rival,  
 que estiveste na mais longínqua ilha do Ocidente<sup>5</sup>,  
 para que essa vossa piça de tanta foda esgotada  
 duzentos ou trezentos milhões devorasse?  
 15 Que é isto senão perversa liberalidade?  
 Pouco gastou ou pouco enfardou?  
 Primeiro, desfeitos foram os bens paternos;  
 depois, o saque do Ponto<sup>6</sup>; depois, em terceiro,  
 o da Ibéria<sup>7</sup>, que o aurífero rio Tejo testemunha;  
 20 agora tremem Gália e Britânia.  
 Porque protegeis este sacana? Ou que pode este fazer,  
 senão devorar copiosos patrimónios?  
 Foi por isso, de Roma os mais poderosos,  
 sogro e genro<sup>8</sup>, que tudo perdestes?

<sup>1</sup> De ordem equestre, oriundo de Fórmias, enriqueceu de forma suspeita à sombra de César, a quem serviu na Hispânia e na Gália. Vivia no maior dos luxos. É atacado nos poemas 41, 42 e 57, e sob alcunha — *Mentula* ("Sr. Caralho") — nos 94, 105, 114 e 115.

<sup>2</sup> A Gália Transalpina, onde os habitantes tinham por costume usar o cabelo comprido.

<sup>3</sup> César comandou uma campanha na Britânia em 55-4 a.C.

<sup>4</sup> César, que na propaganda se apresentava como um novo fundador de Roma.

<sup>5</sup> A Bretanha.

<sup>6</sup> O saque garantido por Pompeio na sua campanha contra Mitridates, rei do Ponto, em 64-3 a.C.

<sup>7</sup> César conduziu uma campanha na Lusitânia como propretor da Hispânia Ulterior em 61 a.C.

<sup>8</sup> César era sogro de Pompeio: este desposou Júlia, filha daquele, em 59 a.C., como reforço dos laços políticos que os uniam.



- Por favor, minha doce queridinha<sup>1</sup>,  
 minha linda, minha doçura,  
 manda que te visite à hora da sesta.  
 E, se o mandares, bom será que  
 5 ninguém ponha tranca na porta,  
 nem te apeteça ir à rua,  
 mas que fiques em casa e nos prepares  
 nove fodas seguidas.  
 A sério, se te apetece mesmo, manda depressa,  
 10 pois, almoçado e cheio, de barriga para o ar  
 15 já rasgo a túnica e o pálio!

<sup>1</sup> Texto conjectural; nos manuscritos lê-se um nome próprio, "Ipsimila" ou "Ipsitila".

- Ó tu, o melhor ladrões de balneário,  
 pai Vibénio e filho paneleiro  
 (que mais porca é a mão do pai,  
 mais guloso o cu do filho):  
 5 porque não ides exilados para o raio  
 que os parta, pois conhecidas são de todos  
 as pilhagens do pai, e as nalgas peludas,  
 filho, já não podes traficar nem por um tostão!  
 10  
 15  
 20  
 25  
 30  
 35  
 40  
 45  
 50  
 55  
 60  
 65  
 70  
 75  
 80  
 85  
 90  
 95  
 100

A Diana somos nós caros,  
raparigas e rapazes castos.  
Diana nós, rapazes castos  
e raparigas, cantamos.

5 Ó Latónia, excelsa  
progénie de Júpiter todo-poderoso,  
que a mãe junto à délia  
oliveira deu à luz<sup>1</sup>,

10 que dos montes sejas a senhora  
e das florestas verdejantes  
e dos bosques recônditos  
e dos rios murmurantes.

Tu Juno Lucina és chamada  
pelas que dolentes dão à luz,  
15 tu a poderosa Trívia<sup>2</sup> és  
e de Lua chamada, pela luz emprestada.

Tu, deusa, que pela tua carreira mensal  
medes o percurso do ano,  
os rústicos lares dos agricultores  
20 enches de bons frutos.

Que, com o nome que melhor te aprouver,  
sejas louvada, e que o povo de Rómulo,  
como desde há muito estás habituada,  
com tua benfazeja protecção propicies.

<sup>1</sup> Diana é filha de Júpiter e Latona e irmã de Apolo. A mãe vagueou pelo mundo em busca de um local onde pudesse dar à luz, encontrou-o em Delos, sob uma oliveira.

<sup>2</sup> Diana, também deusa das encruzilhadas (*trivium*). Foi desde cedo identificada com a deusa grega Ártemis, uma deusa tríplice: Lua no céu, Ártemis na terra, Hécate nos infernos.

Ao doce poeta, o meu camarada  
Cecílio<sup>1</sup>, queria, papiro, que lhe disseses  
para vir a Verona, deixando de Nova  
Como<sup>2</sup> os muros e de Lário a costa,  
5 pois quero que receba certas reflexões  
de amigo seu e meu.  
Porquê? Se for esperto a estrada tragará,  
mesmo que bela miúda mil vezes  
o chame de volta e as mãos ambas  
10 ao pescoço lançando lhe peça demora  
— essa que agora, se me dizem a verdade,  
se perde louca de amor por ele.  
Pois, desde o tempo em que leu o começo  
da *Senhora de Díndimo*<sup>3</sup>, as chamas  
15 devoram as entranhas da infeliz.  
Perdoo-te, miúda, mais sábia  
que a sáfica musa<sup>4</sup>: é que belamente  
começou Cecílio a *Grande Mãe*.

<sup>1</sup> Poeta desconhecido.

<sup>2</sup> Na margem sudoeste do lago Lário, na Gália Cisalpina.

<sup>3</sup> Cibele, a Grande Mãe dos deuses, era uma deusa originária da Frígia. Cecílio tomou-a como tema para um poema.

<sup>4</sup> A poetisa Safo.

- Anais*<sup>1</sup> de Volúσιο, papelada imunda,  
 um voto cumpri pela minha miúda:  
 com efeito à sagrada Vénus e a Cupido  
 prometeu que, se eu lhe fosse restituído  
 5 e me deixasse de contra ela brandir jambos ferozes,  
 ela escolheria do pior poeta  
 os escritos e ao deus de pé lento<sup>2</sup> dedicá-los-ia,  
 queimando-os em madeira de mau-agoiro,  
 e isto a terrível miúda acha  
 10 bem por graça dedicar aos deuses.  
 Agora, ó gerada no cerúleo mar,  
 que o sagrado Idálio e os Úrios<sup>3</sup> batidos pela tempestade  
 e Âncon<sup>4</sup> e Cnido<sup>5</sup>, em canas abundante,  
 habitas e ainda Amatunte e Golgos<sup>6</sup>,  
 15 sem esquecer o Darráquio<sup>7</sup>, pousada do Adriático,  
 dá por realizada e reconhecida a promessa,  
 se não a julgas desagradável e deselegante.  
 E quanto a vós, toca a ir para o fogo,  
 cheios de rudeza e grosseria,  
 20 *Anais* de Volúσιο, papelada imunda.

<sup>1</sup> Uma obra poética volumosa, em estilo épico, onde se narra os acontecimentos de um determinado período de tempo. Este género era visto pelo grupo dos neotéricos como ultrapassado e enfadonho.

<sup>2</sup> Vulcano, aqui personificação do fogo.

<sup>3</sup> Possivelmente localizados nas proximidades do monte Gargano entre Âncon e a costa da Apúlia.

<sup>4</sup> Cidade da costa Adriática. Era uma cidade de fundação grega e nela Vénus/Afrodite tinha um culto antigo e era cunhada moeda com a sua efigie.

<sup>5</sup> Na costa da Cária, na Ásia Menor. Lá existiam três templos dedicados a Vénus/Afrodite, um deles afamado por nele estar exposta a famosa estátua de Praxíteles.

<sup>6</sup> Idálio, Amatunte e o Golgos: localidades do Chipre onde a deusa tinha culto e ao nascimento da qual estavam associadas.

<sup>7</sup> Cidade na costa da Ilíria, frente a Brindes.

- Lasciva taberna<sup>1</sup>, e vós, seus frequentadores,  
 na nona coluna a partir dos irmãos embarretados<sup>2</sup>,  
 pensais que só vós tendes piça,  
 que só a vós é permitido foder  
 5 tudo o que é miúda e julgar bodes os outros?  
 Ou, pois vos sentais, sem graça, em fila,  
 cem ou duzentos, não me julgais capaz  
 de foder de uma vez a boca aos duzentos?  
 E pensai nisto: é que vos rabiscarei  
 10 caralhos na frente de toda a taberna!  
 Pois a minha miúda, que do colo me fugiu,  
 amada tanto como nenhuma outra será amada,  
 por quem grandes batalhas lutei,  
 aí se sentou. A ela vós todos,  
 15 nobres e ricos, e, sem dúvida, o que é indigno,  
 todos tacanhos e fodilhões de beco, amais.  
 Mais que todos tu, um dos cabeludos,  
 filho da coelhosa Celtibéria,  
 Inácio, que uma grossa barba torna nobre,  
 20 e os dentes esfregados com urina iberá<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Algumas tabernas eram também casas de prostituição.

<sup>2</sup> I.e., a partir do templo palatino de Castor e Pólux, normalmente representados usando um barrete.

<sup>3</sup> Cf. poema 39.

Mal passa, Cornifício, o teu Catulo,  
 mal passa, por Hércules!, cheio de dores  
 e a piorar cada vez mais a cada hora e dia que passam.  
 E de ti, a quem não custava nada e era a coisa mais fácil,  
 5 nem uma palavrinha de consolação!  
 Estou danado contigo! É assim que correspondeste à minha  
 amizade?

Umás poucas palavrinhas animar-me-iam,  
 mas que sejam mais sinceras do que as lágrimas de Simónides<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Poeta lírico grego (556-467 a.C.). Aqui alude-se à índole patética dos seus poemas.

Inácio, que brancos tem os dentes,  
 sorri onde quer que vá. Se se está  
 no banco dos réus, quando o orador provoca o choro,  
 ele sorri. Se junto à pira de um filho dedicado  
 5 há lamentos, quando a mãe do filho privada chora,  
 ele sorri. O que quer que se passe, onde quer que esteja,  
 o que quer que faça, sorri. Tem esta moléstia  
 nada elegante, parece-me, nem educada.  
 Por isso te devo avisar, bom Inácio:  
 10 se fosses romano, ou sabino, ou tiburtino,  
 ou um frugal umbro, ou um obeso etrusco,  
 ou um negro e bem dentado lanuvino,  
 ou um transpadano (para também os meus tocar)  
 ou quem quer que seja que bem lave os dentes,  
 15 ainda assim não te queria sorrindo onde quer que vás —  
 na verdade nada é mais parvo do que um riso parvo.  
 Mas tu és um celtibero: na terra celtibera,  
 aquilo que alguém mija, com isso costuma de manhã  
 os dentes e a vermelha gengiva esfregar.  
 20 Por isso quanto mais brilhante os teus dentes estiverem,  
 mais isso nos diz que mijo bebeste.

- Que desvario, desgraçado Ravidó,  
 te lançou de cabeça sobre os meus jambos?  
 Que deus mal invocado<sup>1</sup>  
 te leva a provocar uma querela insensata?  
 5 É andar na boca do mundo?  
 O que queres? Desejas ser famoso de qualquer maneira?  
 Sê-lo-ás, mas por meio de uma duradoura vingança,  
 uma vez que quiseste amar a minha amada.

<sup>1</sup> Acreditava-se que uma divindade invocada segundo uma fórmula incorrecta seria nefasta.

- Amiana, miúda bem fodida,  
 dez mil me pede bem contados,  
 essa miúda de nariz medonho,  
 do falido formiano<sup>1</sup> amiga.  
 5 Parentes que a vosso cuidado tendes esta miúda,  
 amigos e médicos chamai!  
 Não está boa da cabeça a miúda, nem costuma  
 perguntar ao reflexo do bronze como é.

<sup>1</sup> Mamurra, cf. poema 29, nota 1.

Acorrei, hendecassílabos, cada um de vós,  
onde quer que estejais vinde todos sem excepção!  
Uma puta imunda acha que eu sou para brincadeiras  
e recusa-se a devolver-vos a mim,

5 minhas tabuinhas — conseguis acreditar?!

Persigamo-la e exijamo-las de volta!

“Quem é ela?” perguntais. É aquela que vedes  
andar desavergonhadamente e que como um mimo

irritantemente

ri com uma boca que parece a de um cachorro da Gália.

10 Cercai-a e exigi-os de volta:

“Puta nojenta, devolve as tabuinhas,  
devolve, nojenta puta, as tabuinhas!”

Não liga nenhuma? Ó sua badalhocia, seu putedo ambulante,  
ou o que houver de mais ordinário, se houver!

15 Mas não penses que isto fica por aqui,

porque se nada mais resultar, o rubor  
forçaremos na fuça de ferro dessa cadela!

De novo gritai em unísono com voz mais alta:

“Puta nojenta, devolve as tabuinhas,

20 devolve, nojenta puta, as tabuinhas!”

Mas nada conseguimos, nada a afecta,  
temos de mudar de abordagem e de pregão  
a ver se conseguimos melhores resultados:

“Ó pudica e honrada, devolve as tabuinhas!”

Olá, miúda<sup>1</sup>, que não tens nariz pequeno,  
nem belo pé, nem olhos negros,  
nem longos dedos, nem boca seca,  
nem uma língua assim tão elegante,  
5 amiguinha do falido formiano<sup>2</sup>.  
E diz a província que tu és bela?  
E é a nossa amada Lésbia contigo comparada?  
Ó tempo ignorante e sem gosto!

<sup>1</sup> A visada é a mesma do poema 41.

<sup>2</sup> Mamurra. Cf. poema 29, nota 1.

Ó herdade nossa, sabina ou tiburtina  
 (na verdade afirmam seres tiburtina aqueles  
 que no seu coração não querem ferir Catulo<sup>1</sup>;  
 mas aqueles que no seu coração o querem,  
 5 pretendem a todo o custo que és sabina);  
 mas seja sabina ou, com mais verdade, tiburtina,  
 com prazer estive na tua casa de campo,  
 e do meu peito expulsei uma vil tosse,  
 que não sem razão me dera o meu ventre,  
 10 enquanto cravava sumptuosos jantares.  
 É que como queria ser convidado de Séstio<sup>2</sup>,  
 li o discurso contra o candidato Âncio,  
 de veneno e pestilência cheio.  
 Então uma gelada constipação e uma tosse persistente  
 15 me agitaram, até fugir para o teu refúgio,  
 e com descanso e ortiga me curei.  
 Por isso, recomposto, do fundo do coração  
 te agradeço, pois o meu erro não puniste.  
 E não imploro já senão que, se o maldito escrito  
 20 de Séstio tomar, a constipação e a tosse  
 o frio leve, não a mim, mas a esse mesmo Séstio,  
 que só me convida depois de eu ter lido o maldito livro.

<sup>1</sup> A região tiburnina era a favorita das grandes famílias aristocráticas, que aí tinham sumptuosas casas de campo; a sabina era sobretudo uma região agrária.

<sup>2</sup> Públio Séstio, questor em 63 a.C., defendido por Cícero em 56 a.C., de quem era amigo íntimo.

Septímio, com a sua amada Acme  
 no colo, diz: “Minha Acme,  
 se não te amo perdidamente e daqui em diante  
 não estou preparado para te amar sem parar o resto da vida,  
 5 tanto quanto pode alguém amar  
 sozinho na Líbia ou na tórrida Índia,  
 vá eu ao encontro de um leão de verdes olhos”.  
 Quando isto disse, Amor primeiro à esquerda,  
 depois à direita, espirrou com aprovação.  
 10 Mas Acme, levemente a cabeça inclinando  
 e os ébrios olhos do doce rapaz  
 com aquele rubra boca tendo beijado,  
 diz: “Assim, vida minha, Septimiozinho,  
 sirvamos sempre este único amo,  
 15 enquanto muito maior e intenso  
 fogo me arde nas tenras entranhas”.  
 Quando isto disse, Amor primeiro à esquerda,  
 depois à direita, espirrou com aprovação.  
 Agora, vindos de bom auspício,  
 20 com almas correspondidas amam e são amados.  
 A uma só Acme o desgraçado Septímio  
 às Sírias e Britânicas prefere,  
 a um só Septímio a fiel Acme  
 oferece delícias e prazeres.  
 25 Quem viu já gente mais feliz,  
 quem viu já amor mais propício?

Já a Primavera traz ameno calor sem réstia de frio,  
já a sanha equinocial do céu  
aos sopros prazenteiros de Zéfiro cede lugar.

Que fiquem para trás, Catulo, os campos da Frígia  
5 e da tórrida Niceia<sup>1</sup> a terra fértil.

Até às ilustres cidades da Ásia voemos!

Já meu pensamento impaciente anseia por vaguear,  
já meus pés, animados com zelo, se revigoram.

Ó doces reuniões de companheiros, adeus!

10 Tendo vindo pela mesma estrada até tão longe de casa,  
são várias e diferentes as que restituem ao lar.

<sup>1</sup> Cidade da Bitínia.

Pórcio e Socratião, duas mãos esquerdas  
de Pisão<sup>1</sup>, lepra e fome do mundo,  
preferiu-vos aos meus Veraniozinho e Fabulo  
aquele Priapo<sup>2</sup> de pau feito?

5 Vós sumptuosamente lautos festins  
frequentais em pleno dia? E os meus parceiros  
procuram convites nas encruzilhadas?

<sup>1</sup> Governador que Verânio e Fabulo acompanharam numa viagem. Cf. poema 28, nota 1.

<sup>2</sup> Divindade rural, normalmente representada com um enorme falo erecto.

Os teus doces olhos de mel, Juvêncio,  
 se alguém mos deixar beijar sem parar,  
 sem parar trezentas mil vezes os beijarei,  
 não parecerei alguma vez estar satisfeito,  
 5 nem se mais abundante do que a das secas espigas  
 for a ceifa dos nossos beijos.

Ó mais eloquente dos descendentes de Rômulo,  
 dos que existem e dos que existiram, Marco Túlio<sup>1</sup>,  
 e dos que existirão nos anos futuros,  
 os maiores agradecimentos a ti Catulo  
 5 envia, ele que é o pior de todos os poetas,  
 que é tanto o pior de todos os poetas  
 quanto tu o melhor de todos os advogados.

<sup>1</sup> Cícero, o famoso orador.

No dia de ontem, Licínio<sup>1</sup>, ociosos  
 muito brincávamos nas minhas tabuinhas,  
 como acordáramos ser delicados.  
 Versinhos um e outro escrevendo,  
 5 brincávamos com o metro, ora com este ora com aquele,  
 dedicando e recebendo entre as brincadeiras e o vinho.  
 E daí me fui, pelo teu encanto  
 inflamado, Licínio, e pelas tuas graças,  
 a ponto de, pobre de mim, nem a comida me satisfazer,  
 10 nem o sono os olhinhos tranqüilo me tocar,  
 mas, indómito, na cama de paixão tomado  
 me voltar, ansiando ver a luz,  
 para te falar e junto de ti estar.  
 Mas depois, quando os membros, pelo cansaço esgotados,  
 15 na caminha meio mortos jaziam,  
 este poema, meu querido, para ti fiz,  
 no qual perceberás a minha dor.  
 Agora vê lá não sejas orgulhoso, e os nossos desejos,  
 pedimos-te, vê lá não desprezes, minha jóia,  
 20 não te vá Némesis<sup>2</sup> pedir contas.  
 É deusa severa: cuida-te de a ofender!

<sup>1</sup> Licínio Calvo. Cf. poema 14, nota 1.

<sup>2</sup> Deusa da vingança.

Ele parece-me semelhante a um deus,  
 ele, se tal é lícito, parece-me superar os deuses,  
 esse que se senta perante ti e que continuamente  
 contempla e escuta  
 5 teu doce riso, o que a mim infeliz  
 arrebatava todos os sentidos: pois no momento,  
 Lésbia, em que te olho, nada resta  
 <da voz na minha boca,>  
 mas fica-me a língua dormente, cortante pelos membros  
 10 uma chama desce, com um som interno  
 zunem os ouvidos, toldam-se as gémeas  
 vistas de noite.  
 O ócio, Catulo, é-te prejudicial:  
 por causa do ócio exultas e em demasia te excitas.  
 15 O ócio já outrora reis e prósperas  
 cidades perdeu.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Este poema é uma adaptação do fr. 31 Lobel-Page de Safo.

<sup>2</sup> Alguns críticos entendem que a estrofe final não pertence a este poema.

Porquê, Catulo? Porque tardas em morrer?

Na cadeira curul senta-se Nônio<sup>1</sup>, essa chaga,  
pelo consulado Vatínio<sup>2</sup> comete perjúrio.

Porquê, Catulo? Porque tardas em morrer?

Ri-me de um tipo da assembleia,  
que, como prodigiosamente os crimes  
de Vatínio<sup>1</sup> o meu Calvo<sup>2</sup> apresentasse,  
espantando-se e as mãos levando ao céu, isto disse:

5 — Deuses magnos, fala bem o taco de pia!

<sup>1</sup> De identificação incerta.

<sup>2</sup> Vatínio era apoiante de César, foi questor em 63 e cônsul em 47 a.C. Este poema é de 55 ou 54 a.C.; Vatínio andava tão seguro de que seria cônsul que já jurava pelo consulado que ainda não obtivera.

<sup>1</sup> O mesmo do poema anterior. Foi acusado por Licínio Calvo várias vezes; a data mais provável desta acusação é 58 a.C.

<sup>2</sup> Licínio Calvo. Cf. poema 14, nota 1.

A cabeça de Otão é bem pequena;  
 mas, meu Rústico, as pernas mal lavadas,  
 o delicado e doce peido de Labão  
 — se não tudo acerca dele — deveriam ser desagradáveis  
 5 a ti e ao Sufício, esse velho recosido.

De novo te enfurecerão os meus fracos  
 jambos, general<sup>2</sup> sem rival.

<sup>1</sup> O texto deste poema é bastante incerto.

<sup>1</sup> Estes versos normalmente, de acordo com a tradição manuscrita, integram o poema anterior. O visado é César.

<sup>2</sup> Em latim *imperator*.

- Pedimos-te, se não for muito incómodo,  
que nos mostres onde é o teu esconderijo.  
Procurámos-te no Campo Menor<sup>1</sup>  
e no Circo<sup>2</sup> e em todos os livheiros  
5 e no templo sagrado de Júpiter Máximo<sup>3</sup>.  
Também no passeio de Pompeio, o Grande<sup>4</sup>,  
todo o mulherio, amigo, detive,  
as quais, no entanto, vi ficarem de rosto sereno,  
“†Ouvi†” (assim insistia eu),<sup>5</sup>  
10 “dai-me o meu Camério, miúdas terríveis!”  
Uma respondeu, desnudando o seio:  
“Ei-lo: nas minhas mamocas rosadas!”  
Mas na verdade aturar-te é um autêntico labor de Hércules.  
És tão orgulhoso que sejas capaz de negá-lo, amigo?  
15 Diz-nos onde paras daqui em diante, confessa-o  
sem medo, acredita, confia-o à luz do dia.  
Prendem-te agora raparigas brancas como leite?  
Se a língua reténs na boca fechada  
desperdiças todos os frutos do amor:  
20 Vénus gosta de falas loquazes.  
Mas, se quiseres, deixa-te ficar calado,  
desde que tomes parte no verdadeiro amor.

<sup>1</sup> De localização incerta.

<sup>2</sup> O Circo Máximo, próximo do foro.

<sup>3</sup> O templo de Júpiter no monte Capitolino.

<sup>4</sup> Pórtico construído por Pompeio em 55 a.C., local de encontro, sobretudo para jovens à procura de companhia feminina (cf. Ovídio, *Arte de Amar*, 1.67, 3.387).

<sup>5</sup> Verso corrupto, tradução conjectural

- Ó coisa risível, Catão, e divertida,  
e digna do teu ouvido e da tua gargalhada!  
Ri, Catão, se realmente gostas do Catulo.  
É coisa risível e muito engraçada:  
5 apanhei há pouco um miúdo a dar  
numa miúda. Ora eu, com a ajuda de Dione<sup>1</sup>,  
caí sobre ele com a minha tusa como arma!

<sup>1</sup> Mãe de Vénus, aqui por Vénus.

Estão bem um para o outro esses paneiros desavergonhados,  
Mamurra e a bichona do César.

Não é de admirar: têm ambos máculas<sup>1</sup> semelhantes,  
um na cidade e outro em Fórmias,

- 5 bem marcadas permanecem e não desaparecem com lavagens:  
igualmente depravados, um e outro nisso gémeos,  
ambos uns intelectualoides deitados no mesmo sofá de estudo,  
não é um adúltero mais voraz do que o outro,  
sócios rivais no que toca ao mulherio.
- 10 Estão bem um para o outro esses paneiros desavergonhados.

Unas respondeas, desavergonhados o seiis

"Ei-ix nas minhas manhas roncadas!"

Mas na verdade entre te é um autêntico labor de Hércules

Es não orgulhoso que sejas capaz de negá-lo amigo?

- 15 Deves ainda pagar daqui em diante, roncadas o

sem medo, acredita, conta-o a luz de dia.

Presença te agita raparigas brancas como leite?

Se a língua retilha na boca fechada

despendem todos os braços do amor.

- 20 Venha gente de láis boquizes,

Mas, se quiseres, deixo-te ficar cabado.

Desde que nunca parte no vertedouro amor.

<sup>1</sup> Talvez uma referência às dívidas astronómicas que ambos haviam contraído.

Célio, a nossa Lésbia, essa Lésbia,  
essa mesma Lésbia, única que Catulo  
mais do que a si amou e a todos os seus,  
agora nos cruzamentos e vielas  
5 esgalha os netos do magnânimo Remo.

- Nem se fizessem de mim aquele guarda cretense<sup>2</sup>,  
 nem se pelo voo de Pégaso<sup>3</sup> fosse levado,  
 nem se fosse eu Ladas<sup>4</sup> ou Perseu de pés alados<sup>5</sup>,  
 nem se fosse de Reso<sup>6</sup> a nívea e célere parrelha;  
 5 junta a isto todos os de pés emplumados e voadores,  
 e ao mesmo tempo procura meus chamar  
 o curso dos ventos, unidos no saco, Camério:  
 ainda assim eu andaria de rastos até à medula  
 e de tanta fadiga consumido  
 10 por andar, amigo, à tua procura.

<sup>1</sup> Poema do tipo de 55, ficou provavelmente inacabado.

<sup>2</sup> Talo. Numa versão da lenda, Hefesto havia forjado para Mínos, rei de Creta, Talo, um enorme autómato de bronze que guardava a ilha.

<sup>3</sup> O cavalo alado nascido do sangue da Medusa.

<sup>4</sup> Afamado corredor grego.

<sup>5</sup> O herói que mata a Medusa. De acordo com o mito, as Ninfas ofereceram-lhe umas sandálias aladas que lhe permitiam voar.

<sup>6</sup> Rei da Trácia afamado pelos seus cavalos. Na *Iliada* (X, 434 e ss.) Ulisses e Diomedes invadem o seu acampamento, matam-no e roubam-lhe os cavalos.

- A Rúfulo faz broches Rufa de Bonónia<sup>1</sup>,  
 mulher de Menénio, que tantas vezes em cemiteriozitos  
 vistes roubar da própria pira o jantar,  
 quando, no encalço do pão caído do fogo,  
 5 é açoitada pelo mal barbeado cremador.

Pois, qual Vênus,  
 no Idalio marmoreado,  
 veio ao mundo para  
 Junia, exultante virgem;  
 10 Mímbo? ou a brava suspirio casara.

como a morte da Áia  
 respandecera do lado dos filhos,  
 que os Homátrides desma  
 por graça almejavam  
 15 com o velho honra.

Por isso vem, dirige para aqui este passo,  
 deixa depressa os cónias

<sup>1</sup> Actual Bolonha.

Acaso leoa dos montes líbios  
 ou Cila<sup>1</sup> ladrando da mais baixa parte das virilhas  
 com tão dura e negra mente te gerou,  
 a ponto de desprezares na sua última desgraça  
 5 a voz de um suplicante? Ah, coração tão cruel!

<sup>1</sup> Monstro marinho que habita o estreito de Messina. A parte inferior do corpo é composta por seis cães que devoram tudo quanto passa.

Ó do monte Hélicon  
 habitante, filho de Urânia,  
 que a dócil virgem  
 tomas para o marido, ó Himeneu Hímen,  
 5 ó Hímen Himeneu,

cinge a cabeça de flores  
 da bem cheirosa manjerona,  
 toma o rubro véu, aqui, ditoso,  
 vem, no níveo pé  
 10 trazendo o vermelho soco,

e agitado pelo risonho dia,  
 com aguda voz  
 entoando cantos nupciais,  
 bate o chão com os pés, com a mão  
 15 a tocha de pinho agita!

Pois, qual Vénus,  
 no Idálio morando,  
 veio ao frígio juiz<sup>1</sup>,  
 Júnia, excelente virgem,  
 20 Mânlio<sup>2</sup> com bons auspícios casará,

como a murta da Ásia  
 resplandecendo nos ramos floridos,  
 que as Hamadríades deusas<sup>3</sup>  
 por graça alimentam  
 25 com orvalhoso humor.

Por isso vem, dirige para aqui teus passos,  
 deixa depressa as aónias

<sup>1</sup> A ideia é que a beleza da noiva iguala a de Vénus, quando surgiu a Páris.

<sup>2</sup> O noivo é provavelmente Lúcio Mânlio Torquato, pretor em 49 a.C., morto em África em 47 a.C. A noiva é desconhecida.

<sup>3</sup> Ninfas dos bosques.



de que mais bela mulher  
85 o claro dia do Oceano alguma vez  
tenha visto vir.

Assim costuma no colorido  
jardim de rico homem  
erecta estar a flor do jacinto.  
90 Mas demoras-te, o dia passa:  
avança, noiva!

Avança, noiva,  
vamos lá, e ouve  
as nossas palavras. Vê como tochas  
95 a cabeleira loura agitam.  
Avança, noiva!

Não seja leviano o teu marido,  
nem dado ao adultério,  
nem persiga torpes injúrias,  
100 nem queira dos teus doces  
peitos apartar-se,

mas como a dúctil videira  
envolve as árvores ao seu lado postas,  
no teu abraço será  
105 envolvido. Mas o dia passa:  
avança, noiva!

Ó leito nupcial, que a todos  
.....  
.....  
.....  
com o cândido pé do leito,

quão grandes prazeres,  
110 os que ao teu amo vêm na noite  
errante, os que a meio do dia  
gozará! Mas o dia passa:  
avança, noiva!

Erguei, meninos, as tochas<sup>8</sup>:  
115 vejo chegar o rubro véu.  
Ide, cantai ritmadamente  
“Viva Hímen Himeneu, viva,  
viva Hímen Himeneu!”

Não mais se cale a lasciva  
120 zombaria fescenina<sup>9</sup>,  
nem aos meninos negue nozes<sup>10</sup>  
o concubino, ao ouvir  
que perdeu o amor do amo.

Dá as nozes aos meninos, preguiçoso  
125 concubino! Já muito  
brincaste com as nozes: deves  
agora servir Talássio<sup>11</sup>.  
Concubino, dá as nozes!

Desdenhavas das caseiras,  
130 concubino, ainda há pouco:  
agora barbeia-te o barbeiro  
a cara. Desgraçado, ó desgraçado  
concubino, dá as nozes!

Dirão que dos teus  
135 impúberes, perfumado noivo,  
não te absterás: mas abstém-te!  
Viva Hímen Himeneu, viva,  
viva Hímen Himeneu!

Sabemos que só o que era permitido  
140 conheceste: mas ao homem casado  
não são essas mesmas coisas permitidas.

<sup>8</sup> Os rapazes que, erguendo tochas, acompanham e guiam a noiva quando ela abandona a casa.

<sup>9</sup> Era usual cantar-se versos licenciosos à noiva (os versos fesceninos) quando ela saía de casa.

<sup>10</sup> Era costume espalhar nozes pelos rapazes enquanto eles cantavam estes versos.

<sup>11</sup> Deus do casamento entre os romanos.

Viva Hímen Himeneu, viva,  
viva Hímen Himeneu!

Noiva, também tu, aquilo que  
145 o teu marido pedir livra-te de negar,  
não vá pedi-lo a outro lado.  
Viva Hímen Himeneu, viva,  
viva Hímen Himeneu!

Eis que é tua a casa poderosa  
150 e rica do teu marido<sup>12</sup>:  
deixa que te baste,  
viva Hímen Himeneu, viva,  
viva Hímen Himeneu,

até que a branca velhice,  
155 agitando-te o trémulo rosto,  
tudo a todos conceda.  
Viva Hímen Himeneu, viva,  
viva Hímen Himeneu!

Atravessa de bom agouro  
160 com os lindos pés a soleira,  
e passa a porta polida!  
Viva Hímen Himeneu, viva,  
viva Hímen Himeneu!

Vê como, deitando-se  
165 no tírio<sup>13</sup> leito o teu marido,  
todo ele para ti se inclina!  
Viva Hímen Himeneu, viva,  
viva Hímen Himeneu!

Nele não menos do que em ti  
170 arde no fundo do coração

a chama, mais fundo até.  
Viva Hímen Himeneu, viva,  
viva Hímen Himeneu!

Deixa o bem torneado braço  
175 da menina, pretextado rapaz<sup>14</sup>:  
que se achegue ela agora ao leito do marido.  
Viva Hímen Himeneu, viva,  
viva Hímen Himeneu!

Vós, boas mulheres,  
180 de velhos maridos bem conhecidas,  
deitai na cama a menina<sup>15</sup>!  
Viva Hímen Himeneu, viva,  
viva Hímen Himeneu!

Já podes vir, noivo,  
185 no tálamo tens a tua mulher,  
resplandecendo a face florida  
como alva camomila  
ou rubra papoila.

Mas noivo (assim me ajudem  
190 os deuses celestes), não menos  
belo és, nem Vénus  
te despreza. Mas o dia passa:  
vamos, não te demores!

Não te demoraste muito,  
195 já vens. A boa Vénus  
te ajudará, pois o que desejas  
deseja-lo diante de todos, e o bom  
amor não escondes.

<sup>14</sup> A noiva era conduzida até à casa por um rapaz que envergava uma toga *praetexta*, uma toga bordada de púrpura que os jovens usavam até completarem os dezasseis anos.

<sup>15</sup> A noiva era preparada para se deitar pelo grupo das *pronubae*, constituído por matronas que só se tinham casado uma vez.

<sup>12</sup> O séquito nupcial chega à casa do noivo. O casamento romano concretizava-se na transição da noiva da casa paterna para a casa do marido.

<sup>13</sup> I.e., tingido com púrpura de Tiro.

Da areia de África  
200 e das cintilantes estrelas  
calcule primeiro o número,  
quem quiser contar  
os vossos muitos mil jogos.

Brincai à vontade, e depressa  
205 tende filhos! Não pode  
tão antigo nome sem  
filhos estar, mas sempre  
da mesma fonte ser gerado.

O pequenino Torquato quero que,  
210 do colo da sua mãe  
as doces mãos lançando,  
ao pai sorria docemente,  
os lábios meio abertos.

Ao seu pai Mânlio semelhante seja,  
215 e facilmente por todos  
os que não sabem seja reconhecido,  
e a pudicícia de sua mãe  
na cara mostre.

Tão grande honra da boa  
220 mãe herdada lhe prove o nascimento,  
como da ímpar excelente  
mãe perdura a fama  
de Telémaco, o filho de Penélope<sup>16</sup>.

Fechai as portas, virgens,  
225 já muito brincámos. E vós, bons  
cônjuges, vivei felizes, e  
com prática frequente dai uso  
à vigorosa juventude!

<sup>16</sup> Mulher de Ulisses. Rejeitou as propostas dos muitos pretendentes que a assediavam na longa ausência do marido.

LXII

*Rapazes:*

Eis que Vésper<sup>1</sup> chega: jovens, erguei-vos! Vésper do Olimpo trouxe por fim a claridade desde há muito aguardada.

De nos levantarmos é já tempo, é já tempo de deixar as mesas fartas;

já a virgem está para chegar, já se está para cantar o himeneu:

5 Hímen, ó Himeneu, Hímen, vem, ó Himeneu!

*Raparigas:*

Vedes, donzelas, os rapazes? Erguei-vos em resposta:

seguramente já no Eta<sup>2</sup> a Estrela da Noite exhibe o seu fulgor.

Assim é, por certo; acaso não vedes como agilmente se ergueram de um salto?

Não é por acaso que assim se levantam — mais provável é que vença o seu canto.

10 Hímen, ó Himeneu, Hímen, vem, ó Himeneu!

*Rapazes:*

Não será fácil para nós, camaradas, conseguir a palma da vitória: olhai como as donzelas ensaiam o que trazem preparado.

Não foi em vão que o prepararam: o que trazem é capaz de ser digno de memória;

o que não admira nada: pois profundamente trabalham com todo o espírito,

15 enquanto nós temos a cabeça num lado e os ouvidos noutro; é com justiça, portanto, que seremos vencidos: a vitória ama o esforço.

Por isso, pelo menos agora, concentraí a vossa atenção;

já vão começar a cantar, em breve será nossa vez de responder.

Hímen, ó Himeneu, Hímen, vem, ó Himeneu!

<sup>1</sup> Vénus, o primeiro corpo celeste a ser visível no céu quando chega a noite. Por vezes também a estrela da manhã.

<sup>2</sup> Monte na Tessália.

*Raparigas:*

- 20 Héspero, que estrela no céu há que seja mais cruel do que tu?  
Tu a filha podes arrancar ao abraço da mãe,  
ao abraço da mãe arrancar a filha que se agarra  
e a um jovem ardente entregar a casta donzela.  
Que fazem os inimigos na cidade capturada que seja mais cruel?  
25 Hímen, ó Himeneu, Hímen, vem, ó Himeneu!

*Rapazes:*

- Héspero, que estrela no céu há que seja mais agradável do que tu?  
Tu com tua chama sancionas os esponsais prometidos,  
que anteriormente os maridos combinaram, os pais combinaram,  
mas que não se concluem antes que se aviste o teu ardor.  
Das coisas que os deuses dão que há preferível a esta hora feliz?  
30 Hímen, ó Himeneu, Hímen, vem, ó Himeneu!

*Raparigas:*

Héspero, companheiras, de nós roubou uma.

.....  
.....

*Rapazes:*

.....

por isso à tua chegada um guarda está sempre vigilante.  
Na noite escondem-se os ladrões, que tu próprio muitas vezes  
ao regressar,

- 35 Héspero, surpreendes, mudado sob o nome de Eoo<sup>3</sup>, mas  
agrada às moças solteiras lançar-te queixas fingidas —  
mas que importa que se queixem, se é por ti que procuram?  
Hímen, ó Himeneu, Hímen, vem, ó Himeneu!

*Raparigas:*

- Como a flor que nasce recôndita num jardim cercado,  
40 desconhecida do gado, não abalada por arado algum,  
que as brisas acariciam, o sol fortifica, a chuva cria,

<sup>3</sup> Estrela da manhã.

- 41b e logo se descerra e exala suaves odores,<sup>4</sup>  
muitos rapazes, muitas raparigas a desejam;  
a mesma, colhida por uma unha delicada, murcha,  
nenhuns rapazes, nenhuma raparigas a desejam:  
45 assim a donzela, enquanto permanece intacta, enquanto é querida  
dos seus,  
mas quando a casta flor se tira ao corpo poluto,  
não permanece agradável aos rapazes nem querida das raparigas.  
Hímen, ó Himeneu, Hímen, vem, ó Himeneu!

*Rapazes:*

- Como a vinha que nasce viúva<sup>5</sup> num campo despido,  
50 nunca se estende para o alto, nunca produz a uva madura,  
mas, vergando o delicado corpo sob o peso que a inclina,  
logo toca o ramo mais elevado com a raiz,  
nenhuns agricultores, nenhuns bois dela cuidam;  
mas se por acaso a mesma se uniu a um olmo em casamento<sup>6</sup>,  
55 muitos agricultores, muitos bois dela cuidam:  
assim a donzela, enquanto permanece solteira, enquanto envelhece  
inculta;  
quando, na altura própria, faz um casamento igual,  
mais querida é ao marido e menos incômoda ao pai.  
58b Hímen, ó Himeneu, Hímen, vem, ó Himeneu!

E tu não lutes contra um tal marido, donzela.

- 60 não está certo lutar com aquele a quem o próprio pai te entregou,  
o próprio pai juntamente com a mãe, aos quais se deve obedecer.  
A virgindade não é tua por inteiro, em parte pertence aos teus  
pais,  
uma terça parte é do pai, uma terça parte foi dada à mãe,  
tua é somente uma terça parte: não lutes com os dois,  
65 que ao genro cederam os seus direitos juntamente com o dote.  
Hímen, ó Himeneu, Hímen, vem, ó Himeneu!

<sup>4</sup> Conjectura de Spengler para o verso em falta a seguir a 41.

<sup>5</sup> I.e., sem o apoio de nenhuma outra árvore.

<sup>6</sup> I.e., cresceu apoiada num olmo.

Sobre os altos mares Átis foi trazido por uma embarcação ligeira,  
quando para o bosque frígio com pé apressado e ansioso veio,  
e alcançou o lar da deusa, umbroso e envolto pela floresta,  
e aí ele, incitado por um louco furor, com o espírito errante,  
5 cortou o peso das virilhas com uma pedra afiada.  
E então, quando sentiu os membros deixados sem virilidade,  
e maculando o solo da terra com o sangue recente,  
ela, excitada, tomou nas níveas mãos o leve tambor,  
o teu tambor, Cíbele<sup>1</sup>, os teus ritos iniciáticos, mãe,  
10 batendo a pele cava do touro com os dedos delicados,  
começou a cantar, com voz tremente, para as suas companheiras:  
“vamos, ide, Galas<sup>2</sup>, para os altos bosques de Cíbele, juntas,  
juntas ide, da senhora de Díndaro<sup>3</sup> errante rebanho,  
vós que estranhos lugares procurais como exiladas,  
15 acompanhando os meus gestos segui-me, minhas companheiras,  
haveis suportado o rápido oceano e as turbulências do mar,  
e o corpo haveis castrado, em vosso imenso ódio por Vénus,  
alegrai o coração da senhora com rápidas errâncias!  
Que a lenta demora abandone a mente; juntas ide, segui  
20 para a casa frígia de Cíbele, para os bosques frígios da deusa,  
onde soa o canto dos címbalos, onde ressoam os tambores,  
também onde o flautista frígio toca a cana curva e grave,  
onde as ménades<sup>4</sup>, cobertas de hera, agitam violentamente as suas  
cabeças,  
onde celebram os seus rituais invioláveis com gritos agudos,  
25 onde costuma vaguear a companhia errante da deusa,  
é para aí que nos devemos agora apressar com rápidos saltos.”

<sup>1</sup> A deusa mãe.

<sup>2</sup> O nome dos devotos a Cíbele que se haviam castrado como forma ritual de consagração à deusa.

<sup>3</sup> Montanha da Frígia, de onde Cíbele é originária.

<sup>4</sup> As ménades eram propriamente as celebrantes do rito de Dioniso, mas a associação entre estes dois cultos extáticos, de origem asiática, é normal.

Logo que Átis — ilegítima mulher — isto acabou de cantar  
para as suas companheiras,  
o tíaso<sup>5</sup> de repente começa a ulular com línguas trémulas,  
o suave tambor ressoa, ecoam os címbalos cavos,  
30 e célere o grupo sobe para o Ida<sup>6</sup> verdejante em passo apressado.  
Ao mesmo tempo furiosa e anelante, caminha errante, de alma  
agitada,  
acompanhada pelo tambor, Átis, guiando-as pelos bosques  
umbrosos,  
como uma novilha indómita que foge ao peso do jugo;  
rápidas as Galas seguem, com pé ligeiro, a sua guia.  
35 E assim, quando alcançaram a casa de Cíbele, esgotadas  
pelo esforço excessivo, adormeceram sem Ceres<sup>7</sup>.  
O sono preguiçoso cobriu-lhes os olhos com lânguido torpor;  
a colérica fúria cede lugar a um sereno sossego de alma.

Mas quando o Sol de áurea fronte com seus olhos reluzentes  
40 iluminou o alvo éter, as terras firmes, o mar fero,  
e escorraçou as sombras da noite com seus cavalos de pés ligeiros,  
então o Sono deixa Átis desperta e foge apressado;  
a deusa Pasíteia<sup>8</sup> acolheu-o no seu seio palpitante.  
Assim, achando-se em sereno sossego, já sem fúria, logo  
45 Átis recordou em seu peito o que havia feito,  
e com mente lúcida viu o que estava em falta e onde se encontrava,  
de ânimo revoltado reconduziu os seus passos até às vagas.  
Aí, olhando o vasto mar, de olhos lacrimejantes,  
tristemente assim se dirigiu à pátria, com voz lastimosa:  
50 “Ó pátria que me criaste, ó pátria que me geraste,  
que eu, miserável, abandonei, como costumam os escravos  
em fuga fazer ao seu senhor, trouxe o meu passo até aos bosques  
do Ida,  
para estar no meio da neve ou nos gélidos antros das feras,

<sup>5</sup> Um grupo de ménades.

<sup>6</sup> Monte na Frígia.

<sup>7</sup> Sem se alimentarem. Ceres era a deusa dos cereais.

<sup>8</sup> Uma das Graças. Era, na mitologia, mulher do Sono.

e frequentar, delirante, os seus esconderijos ocultos,  
55 onde, em que parte, te poderei reencontrar, ó pátria?  
Deseja a própria pupila para ti voltar o seu gume<sup>9</sup>,  
enquanto a alma se encontra liberta por breve tempo do violento  
furor.

E habitarei eu estes bosques remotos, longe da minha casa?  
E da pátria, dos bens, dos amigos, de meus pais errarei longe?  
60 Errarei longe do foro, da palestra<sup>10</sup>, do estádio e dos ginásios?  
Pobre, ah!, pobre alma!, uma vez mais, uma vez mais deves  
chorar!

Pois que forma de figura humana há que eu não tenha tomado?  
Eu fui rapaz, fui adolescente, fui efebo, eu fui rapaz,  
eu fui a flor do ginásio, eu era a glória da palestra,  
65 frequentadas eram as minhas portas, amenas as minhas soleiras,  
ornada de floridas grinaldas era a minha casa,  
quando ao nascer do sol deixava o meu quarto.  
Eu agora deverei tornar-me criada dos deuses e escrava de  
Cíbele?

Eu serei uma ménade, eu uma parte de mim, eu um homem  
estéril?  
70 Eu habitarei no Ida verdejante locais envoltos em gélida neve?  
Eu levarei a minha vida sob os altos cumes da Frígia,  
com a cervas montanhosa, com o bravo javali?  
Agora, agora deploro o que fiz, agora, agora me arrependo.”

Quando estas palavras ligeiras os rosados lábios deixaram,  
75 aos gémeos ouvidos dos deuses trazendo uma nova notícia,  
então Cíbele, libertando os seus leões do jugo que os prendia,  
excita o selvagem inimigo do rebanho, assim falando:  
“Vamos”, diz, “vai, parte feroz, faz com que a loucura o persiga,  
faz com que o golpe da loucura o reconduza aos meus bosques,  
80 ao que demasiado livremente deseja fugir do meu poder.  
Vamos, fere o dorso com a cauda, suporta as tuas chicotadas,  
faz com que todos os lugares retumbem com o frémito do teu  
rugido,

<sup>9</sup> I.e., a visão.

<sup>10</sup> Parte do ginásio onde se praticava luta livre.

feroz sacode a ruiva juba na cerviz musculosa.”  
Isto diz Cíbele, ameaçadora, e solta o jugo com a mão.

85 A fera, exortando-se a si mesma, incita o seu coração rapace,  
e parte, ruge, desfaz os arbustos com a pata errante.  
Mas quando alcançou a costa, húmida e alvejante,  
e viu o delicado Átis junto do marmóreo mar,  
deu um salto. Este, demente, fugiu para os bosques selvagens;  
90 aí ficou como escrava até ao fim dos seus dias.

Grande deusa, deusa Cíbele, deusa senhora de Díndaro,  
que longe de minha casa ande, ó soberana, a tua fúria,  
outros leva ao frenesim, outros leva ao arrebatamento.

Outrora pinheiros nascidos no cimo do Pélion<sup>1</sup>  
 conta-se que pelas líquidas vagas de Neptuno nadaram  
 até à espuma de Fásis<sup>2</sup> e às fronteiras de Eetes<sup>3</sup>,  
 quando jovens escolhidos, o escol da argiva virilidade,  
 5 desejosos de o velo dourado levar da Cólquida,  
 ousaram as salsas profundezas transpor em ligeira embarcação,  
 varrendo a cerúlea linfa com os remos de abeto.  
 A deusa que guarda as cidadelas no cimo das cidades<sup>4</sup>,  
 ela mesma para eles fez o carro capaz de voar com leve brisa,  
 10 unindo pinheiros entrelaçados com o casco recurvado.  
 Este<sup>5</sup> foi o que primeiro instruiu a ignara Anfitrite<sup>6</sup> na navegação.  
 Logo que com o esporão sulcou o mar ventoso  
 e, batida pelo remo, a onda seolveu em encanecida espuma,  
 ergueram de um redemoinho luzente os seguros vultos  
 15 as marinhas Nereides<sup>7</sup>, o portento admirando.  
 Foi nessa e não noutra ocasião que os mortais à luz contemplaram  
 com a vista as marinhas ninfas de corpo desnudo  
 até aos seios, ao erguerem-se da espumejante profundidade.  
 Então foi que Peleu, conta-se, por Tétis se abrasou de amor,  
 20 então foi que Tétis não enjeitou a união com um mortal,  
 então foi que até o pai de Tétis achou por bem torná-la de Peleu.  
 Ó vós que nascestes em tempo de tão saudosas gerações,  
 heróis de divina descendência, salve!, ó boa progénie  
 23b das mães, de novo salve! . . .  
 vós eu muitas vezes, vós em meu canto invocarei,  
 25 a ti sobretudo, que foste engrandecido pelas felizes tochas nupciais,  
 Peleu, sustentáculo da Tessália, a quem o próprio Júpiter,

<sup>1</sup> Montanha da Tessália.

<sup>2</sup> Rio da Cólquida, que nasce no Cáucaso e desagua no mar Negro.

<sup>3</sup> Rei da Cólquida, região para onde se dirigem os Argonautas em busca do Velo de Ouro.

<sup>4</sup> Atena/ Minerva.

<sup>5</sup> A nau Argos, que Atena/ Minerva fez para os Argonautas.

<sup>6</sup> Nereida esposa de Posídon, metonímia para a superfície do mar, pela primeira vez navegada.

<sup>7</sup> Divindades que habitam o mar, filhas de Nereu e netas do Oceano.

o próprio pai dos deuses, cedeu a sua amada<sup>8</sup>.  
 Não foi a ti que Tétis abraçou, a belíssima filha de Nereu?  
 Não foi a ti que Tétis<sup>9</sup> concedeu que levasses a neta  
 e também o Oceano, que com o mar todo o mundo estreita?  
 30 Quando, no período aprazado, o dia aguardado  
 nasceu, ao palácio acorreu em massa toda  
 a Tessália, a casa régia vê-se apinhada com a festiva assembleia:  
 trazem presentes nas mãos, exibem alegria no rosto.  
 35 Deserto fica Cieros, abandonam Tempe na Ftia  
 e as casas de Cránon e as muralhas de Larissa<sup>10</sup>,  
 à Farsália afluem, reúnem-se sob os tectos farsálicos.  
 Ninguém cultiva os campos, amolecem os cachacos dos bois,  
 não se limpam as vinhas rasteiras com os curvos ancinhos,  
 40 o touro não revolve a terra com a relha inclinada,  
 nem o podão dos podadores diminui a sombra das árvores,  
 a esqualida ferrugem conquista os arados abandonados,  
 mas o seu lar, palácio opulento por onde quer que  
 se alongue, resplandece de ouro refulgente e prata.  
 45 O marfim branqueja os assentos, refulgem as taças da mesa,  
 toda a casa se alegra com o tesouro real.  
 E o leito nupcial da deusa está colocado  
 no meio da casa, com o dente índico<sup>11</sup> adornado  
 e coberto com púrpura tingida pela rósea tinta de uma concha.  
 50 Esta tapeçaria matizada com figuras de homens de outrora  
 os feitos dos heróis representava com maravilhosa arte.

<sup>12</sup>E aí, olhando ao longe no marulhante litoral de Dia<sup>13</sup>,  
 ela Teseu fugitivo com a célere embarcação reconhece,  
 ela que no coração suporta uma cólera indómita, Ariadne,  
 55 e não acredita ainda que vê o que vê,

<sup>8</sup> Tétis era disputada por Zeus e Posídon, mas Témis profetizara que aquela geraria um filho mais poderosa do que o pai. Os deuses decidiram então entregá-la a um mortal. Com Peleu Tétis gerou Aquiles.

<sup>9</sup> *Tethys*, filha de Úrano e Geia, esposa do Oceano, mãe de Nereu e avó de Tétis (*Thetis*).

<sup>10</sup> Cieros, Tempe, Cránon e Larissa: cidades da Tessália.

<sup>11</sup> O marfim.

<sup>12</sup> Tem início uma longa éfrase que se estende até ao v. 266, onde se narra as desventuras de Ariadne, abandonada por Teseu em Naxos.

<sup>13</sup> Ilha no litoral de Creta, identificada na época alexandrina com Naxos.

pois acabara então de despertar do sono enganador,  
ao achar-se abandonada, a desgraçada, no desolado areal.  
Mas o insensível jovem bate em fuga a espuma com os remos  
e deita as vãs promessas às ventosas tempestades.  
60 Ao longe, de entre as algas, com olhar tristonho a filha de Minos<sup>14</sup>,  
como uma representação em pedra de uma bacante, segue-o, ai!,  
segue-o e flutua em altas ondas de tristeza;  
não traz já no cabelo loiro a delicada mitra,  
não cobre o peito desnudo com leve manto,  
65 não cinge com a faixa arredondada os seios lactentes,  
e com as vestes que caem de todo o seu corpo  
ante seus pés brincava a salgada corrente;  
mas então nem da sorte da mitra nem do manto  
flutuante ela cuidava, com todo o coração em ti, Teseu,  
70 com toda a alma, ela perdida pensava, com todo o pensamento.  
Ah!, desgraçada, a quem com assíduas aflições atormenta  
a Ericina<sup>15</sup>, semeando no peito espinhosos cuidados,  
desde aquela altura, daquele momento em que o fero Teseu,  
tendo partido das curvas margens do Pireu<sup>16</sup>,  
75 alcançou o gortínio<sup>17</sup> palácio do injusto rei.

Pois conta-se que naquele tempo, coagida por uma cruel  
pestilência  
a expiar as penas impostas pelo assassinato de Andrógeo<sup>18</sup>,  
jovens escolhidos e a flor das virgens juntamente  
a cidade de Cécrops<sup>19</sup> estava acostumada a enviar como festim ao  
Minotauro.  
80 Sendo as reduzidas muralhas sacudidas por estes males,  
o próprio Teseu o seu corpo pela amada Atenas

<sup>14</sup> Ariadne. Pasífae é sua mãe.

<sup>15</sup> Vénus, com este título por receber culto em Érix, na Sicília.

<sup>16</sup> Porto de Atenas.

<sup>17</sup> De Gortina, cidade de Creta, aqui por Creta.

<sup>18</sup> Filho de Minos e Pasífae que Egeu assassinou. Minos atacou Atenas e impôs o tributo anual (ou de três em três anos, de acordo com outras versões) de sete mancebos e sete donzelas.

<sup>19</sup> Rei mítico de Atenas.

achou melhor sacrificar do que aqueles que para Creta  
embarcavam, como defuntos, da Cecrópida<sup>20</sup>, apesar de vivos.  
E assim, pela ligeira embarcação apoiado e pelos ventos favoráveis,  
85 chegou perante o todo-poderoso Minos e seu soberbo palácio.  
Nesse instante fitou-o com enternecido olhar a virgem  
real, que o casto leito, exalando suave  
olor, no doce abraço materno embalava,  
tal como as margens do Eurotas<sup>21</sup> geram a murta  
90 ou a brisa primaveril faz brotar variadas cores,  
e dele não afastou o flamejante  
olhar antes que em todo o corpo nascesse uma chama  
no âmago e que toda a abrasasse desde as profundezas da  
medula.

Ai!, insensível, que de coração cruel agitas as paixões,  
95 rapaz divino<sup>22</sup>, que os cuidados dos homens com alegrias misturas,  
e tu que reinas em Golgos e no frondoso Idálio<sup>23</sup>,  
lançastes a rapariga de mente em fogo para que  
tempestades, ela que amiúde suspira pelo loiro hóspede!  
Quantos temores suportou ela em seu coração abatido!  
100 Quantas vezes ficou mais pálida de tom do que o ouro,  
quando, desejoso de enfrentar o selvagem monstro,  
a morte Teseu procurava ou a palma da glória!  
Não foi porém em vão que, ao pequenas dádivas gratas aos deuses  
prometer, proferiu os seus votos de lábios cerrados.  
105 Pois como no cimo do Tauro<sup>24</sup> um carvalho de ramagens  
a abanar ou um conífero pinheiro resinoso  
o turbilhão indómito, ao revolver o tronco com o vento,  
arranca (a árvore, arrastada pelas raízes, ao longe  
cai tombada, levando por longa distância o que encontra pelo  
caminho),  
110 assim Teseu, domando o corpo, subjugou a fera,  
que inutilmente brandia os cornos aos céus vãos.  
Depois voltou o passo são e salvo com grande glória,

<sup>20</sup> Atenas.

<sup>21</sup> Rio do Peloponeso.

<sup>22</sup> Cupido.

<sup>23</sup> Golgos e Idálio são cidades do Chipre, onde Vénus recebia culto.

<sup>24</sup> Cadeia montanhosa no Sul da Ásia Menor.

guiando as pegadas errantes por um ténue fio,  
para que, de modo a escapar às labirínticas sinuosidades,  
115 a errância ilusória da construção não o enganasse.

Mas porque me hei-de afastar do meu canto inicial e outras coisas  
narrar — como a filha abandonou o vulto daquele que a gerou,  
o abraço da irmã, a mãe até,  
que, desgraçada!, se alegrava com a filha perdida,  
120 e a todos eles preferiu o doce amor de Teseu;  
ou como trazida num barco para as costas de Dia  
veio, ou como, vencida em seus olhos pelo sono,  
o noivo, com coração insensível, a abandonou, afastando-se?  
Contam que ela muitas vezes, enfurecida em seu ardente coração,  
125 derramou gritos estridentes do mais fundo do seu peito,  
e ora a triste subia aos montes escarpados  
de onde alongava o olhar pelas longínquas vagas do mar,  
ora corria em direcção às ondas contrárias do mar irrequieto,  
levantando as vestes delicadas sobre as coxas desnudas,  
130 e isto ela proferiu como seus últimos lamentos,  
soltando da boca humedecida débeis soluços:

“É assim, pérfido, que depois de me trazer da terra pátria,  
me abandonas nesta costa deserta, pérfido Teseu?  
É assim que partes, indiferente à vontade dos deuses,  
135 ingrato, e para casa levas os perjúrios consagrados?  
Nada houve que pudesse demover de tua mente cruel  
a decisão? Não houve em ti clemência alguma  
que fizesse teu peito agreste capaz de se apiedar de mim?  
Mas não foi isto que outrora me prometeste com branda  
140 voz, não foi isto que mandaste à infeliz de mim esperar  
mas as felizes núpcias, o esperado himeneu!  
E tudo isso em vão os ventos nos ares despedaçaram.  
Que não mais uma mulher creia nos juramentos de um homem!  
Que nenhuma espere de um homem palavras verdadeiras:  
145 enquanto um homem algo deseja com toda a alma alcançar,  
nada receia em jurar, nenhuma promessas poupa;  
mas mal é saciado o desejo da ávida mente,  
não têm receio nenhum do que prometeram, cuidado nenhum  
com os perjúrios.

Pelo menos eu, quando te reviravas no meio do turbilhão da  
morte,  
150 tirei-te de lá e achei preferível perder um irmão<sup>25</sup>  
do que a ti, enganador, faltar no momento derradeiro:  
como paga serei entregue às feras e aves de rapina para ser  
dilacerada

como presa e quando morrer jazerei insepulta.  
Que leoa te gerou sob um rochedo solitário,  
155 que mar te concebeu e das espumantes ondas te cuspiu,  
que Sirte<sup>26</sup>, que Cila<sup>27</sup> rapace, que terrível Caríbdis<sup>28</sup>,  
a ti que tais prémios pagas por uma doce vida?  
Se a teu coração não agradava a nossa união  
porque temias os preceitos cruéis do severo pai?  
160 Ainda assim podias ter-me levado para tua casa,  
onde eu te serviria como escrava em deleitoso serviço,  
acariciando teus brancos pés com água cristalina  
e cobrindo o teu leito com uma veste purpúrea.  
Mas porque me lamento inutilmente, aterrada pela desgraça,  
165 aos ventos ignaros, incapazes de se apiedar,  
que nem escutar as palavras podem, nem responder?  
Ele porém já deve ir no mar alto,  
e mortal algum se avista entre as algas vazias.  
Assim, de mim zombando excessivamente na minha última  
hora, a cruel  
170 Fortuna recusa-se até a dar ouvidos às minhas queixas.  
Ó Júpiter Onnipotente, oxalá outrora  
as popas da Cecrópida não tivessem tocado as praias de Cnossos,  
nem que trazendo o funesto tributo para o indómito touro  
tivesse o pérfido marinheiro em Creta atado a sua amarra,  
175 nem que este malvado, ocultando sob doces formas os cruéis  
desígnios, repousasse em nossa casa como hóspede!

<sup>25</sup> O Minotauro. Meio-irmão, na verdade.

<sup>26</sup> As Sirtes eram golfos na África do Norte muito perigosos para a navegação.

<sup>27</sup> Monstro marinho que habita o estreito de Messina. A parte inferior do corpo é composta por seis cães que devoram tudo quanto passa.

<sup>28</sup> Monstro marinho que habitava uma caverna no estreito de Messina, em frente a Cila. Três vezes por dia absorvia uma grande quantidade de água, devorando tudo aquilo que com ela vinha.

Agora para onde me hei-de voltar?  
Em que esperanças me hei-de eu, desgraçada, apoiar?  
Hei-de procurar o Ida<sup>29</sup>, ai!, quando com largo abismo  
de lá a truculenta água do mar me aparta?  
180 Hei pois de esperar auxílio de meu pai? Eu que o deixei,  
eu que segui o jovem aspergido com o sangue de meu irmão?  
Hei pois de me consolar com o amor fiel do esposo,  
desse que foge, recurvando no mar os flexíveis remos?  
Depois, nesta ilha solitária a costa não oferece nenhum refúgio  
185 nem regresso pelas ondas marinhas que a cingem,  
não há possibilidade de fuga, nenhuma esperança, tudo é mudo,  
tudo abandonado, tudo anuncia a morte.  
Não se me cerrarão porém as vistas com a morte,  
nem do corpo fatigado arredarão os sentidos,  
190 antes que aos deuses solicite a justa punição pela traição  
e o auxílio celeste suplique na hora derradeira.  
E assim, vós que punis os feitos dos homens com vingadora pena,  
Euménides<sup>30</sup>, cuja fronte de viperina cabeleira  
cingida exhibe as iras que expirais do peito,  
195 vinde, vinde agora, dai ouvidos às minhas queixas,  
que eu, ai!, desgraçada, a arrancar do mais fundo de mim  
sou impelida, indefesa, inflamada, cega por um furor desvairado!  
Pois é verdadeiro o que me jorra do fundo do peito.  
Não permitais que meu sofrimento seja em vão,  
200 mas como, abandonada, Teseu com olvido me deixou,  
que com olvido igual, deusas, caia sobre ele a desgraça e sobre  
os seus!”

Depois de ter lançado do peito abatido tais brados,  
a punição ansiosa rogando pelas cruéis obras,  
anuiu com sinal seguro o regente dos céus,  
205 ao seu gesto toda a terra tremeu bem como os tumultuosos  
mares, e o firmamento sacudiu os astros cintilantes.  
Então o próprio Teseu, de mente toldada pela nuvem da cegueira  
lá plantada, afastou do peito esquecido todas  
as ordens que antes junto à mente constante guardava,

<sup>29</sup> Monte de Creta.

<sup>30</sup> Divindades vingadoras, normalmente conhecidas sob o nome de Erínias.

210 e, ao não izar o sinal alegre para o triste pai,  
não mostrou estar a salvo à vista do porto de Erecteu<sup>31</sup>.  
Pois conta-se que outrora, quando as muralhas da deusa com  
a frota  
deixava para trás, aos ventos Egeu confiou o filho,  
e, abraçando-o, estas ordens ao jovem deu:  
215 “Filho, meu único filho, para mim mais caro do que a longa vida,  
filho, que eu sou obrigado a enviar para uma sorte incerta,  
ainda há pouco a mim restituído no limiar último da velhice<sup>32</sup>,  
pois que o meu infortúnio e a tua fervorosa coragem  
me privaram contra minha vontade de ti, sem que meu cansado  
220 olhar se tenha da querida imagem de meu filho saciado.  
Eu não te enviarei regozijando-me de coração alegre,  
nem permitirei que leves sinais de destino propício,  
mas primeiro tirarei do espírito muitos lamentos,  
as cãs com terra e poeira derramada manchando;  
225 depois suspenderei um linho tingido no mastro da viagem,  
para que o nosso luto e as chamas do nosso coração  
o pano diga, obscurecido com púrpura escura da Ibéria.  
Porque se a que habita a sagrada Itone<sup>33</sup> te conceder,  
ela que a nossa estirpe e a casa de Erecteu acedeu  
230 em defender, que a dextra salpique com o sangue do touro,  
— faz com que nesse teu coração de boa memória preservados  
vigorem estes conselhos e não deixes que tempo algum os  
apague —  
então, logo que teus olhos avistem as colinas da nossa terra,  
que as vergas deponham de imediato a veste funesta  
235 e os cabos retorcidos icem as velas brancas,  
para que, logo que as veja, de espírito alegre da boa-nova  
tome conhecimento, quando chegar o feliz momento do teu  
regresso.”  
Estes conselhos, que antes Teseu na mente firme  
guardava, como nuvens impulsionadas pelo sopro dos ventos

<sup>31</sup> Porto de Atenas. Erecteu é um dos reis míticos da cidade.

<sup>32</sup> Teseu fora levado na infância para Trezénia pela mãe, Etra, e aí criado pelo avô Piteu. Só chegando à idade viril veio para Atenas e foi reconhecido pelo pai.

<sup>33</sup> Atena. Itone era uma cidade na Ftiótide ou na Beócia onde havia um famoso santuário de Atena.

240 o cimo aéreo de um níveo monte, deixaram-no.  
 Mas o pai, enquanto do cimo da cidadela perscrutava o horizonte,  
 o olhar ansioso dissipou em assíduo choro  
 logo que o linho da vela inchada avistou,  
 e lançou-se de cabeça do cimo dos rochedos,  
 245 acreditando que perdera Teseu por obra do destino cruel.  
 Assim regressou aos tectos do lar poluídos com a paterna  
 morte o fero Teseu: a dor que à Minoica  
 ofertara com mente esquecida da mesma forma a reouve.

Ela, ao avistar nesse momento, triste, a barca que partia,  
 250 no coração revolvía, ferida, múltiplos cuidados.  
 Mas noutro lado acorria Iaco<sup>34</sup> florescente  
 com o tíaso<sup>35</sup> dos sátiros e os silenos de Nisa  
 procurando-te, Ariadne, incendiado de amor por ti.  
 Elas então por todo o lado deliravam, ágeis, com espírito  
 desvairado,

255 evoé!, as bacantes, evoé!, inclinando as cabeças!  
 Umás agitavam os tirsos de ponta coberta,  
 outras lançavam os membros de um novilho despedaçado,  
 outras cingiam o seu corpo de serpentes entrelaçadas,  
 outras ocultas celebravam rituais com caixinhas secretas,  
 260 rituais que os profanos desejam em vão conhecer.  
 Outras ainda feriam os tambores com as palmas distendidas  
 ou então provocavam ténue zumbido no bronze redondo,  
 muitas sopravam dos cornos roucos sons  
 e a flauta bárbara chiava um horrível canto.

265 A colcha, com tais figuras esplendidamente decorada,  
 cobria o leito nupcial pelo manto envolto.

Depois que os homens da Tessália acabaram de com interesse  
 isto contemplar, começaram a ceder lugar aos deuses sagrados.  
 Então, como com a matutina brisa o plácido mar  
 270 Zéfiro agita, encapelando as ondas pendentes,  
 ao despontar a Aurora sob o limiar do Sol errante,  
 elas, ao princípio lentamente impelidas por um sopro dócil,

<sup>34</sup> Outro nome de Dioniso.

<sup>35</sup> Cortejo dos celebrantes do culto dionisíaco.

avançam e levemente ressoam com o murmúrio de um riso,  
 mas depois, quando a ventania aumenta, mais e mais se  
 engrandecem

275 e ao longe nadando refulgem com a purpúrea luz:  
 assim então, deixando o vestibulo do palácio real,  
 cada um por seu caminho, partiam para casa.

Depois que estes partiram, em primeiro lugar veio  
 do cimo do Pélion Quíron<sup>36</sup>, trazendo dádivas silvestres:  
 280 todas as flores que os campos geram, que a vasta região  
 montanhosa da Tessália cria, que, junto às águas do rio,  
 o fecundo sopro do tépido Favónio<sup>37</sup> produz,  
 entrelaçadas ele trouxe em indistintas grinaldas;  
 acariciada pela deleitosa rescendência, a casa ri.

285 Em seguida chega Pénios<sup>38</sup> da verdejante Tempe,  
 Tempe, que está rodeada pelos bosques que sobre ela pendem,  
 †onde as mulheres da Tessália celebram as claras danças†,  
 e não vinha de mãos vazias: pois ele trouxe, pelas raízes, altas  
 faias e longos loureiros de tronco direito

290 bem como o vacilante plátano, a flexível irmã<sup>39</sup>  
 do inflamado Faetonte e o cipreste aéreo.  
 Dispô-las entrelaçando-as ao largo em torno do palácio  
 para que o vestibulo, coberto de suave fachada, verdejasse.  
 Depois deste segue Prometeu, de engenhoso espírito,  
 295 trazendo em si as marcas quase imperceptíveis da antiga pena<sup>40</sup>  
 que outrora, de membros a um rochedo acorrentados,  
 sofreu suspenso dos cumes escarpados.  
 Em seguida o pai dos deuses, acompanhado da divina esposa e  
 filhos,

<sup>36</sup> O centauro Quíron, protector dos homens, sobretudo de Peleu. No mito é ele que auxilia Peleu a desposar Tétis e que o protege nas suas aventuras na corte de Acasto. Será ele o responsável pela educação de Aquiles.

<sup>37</sup> Vento oeste.

<sup>38</sup> Um rio da Tessália.

<sup>39</sup> O choupo: quando Faetonte se ergueu nos ares no carro do pai Sol e morreu, as irmãs, que choravam, foram transformadas em choupos a gotejar âmbar.

<sup>40</sup> Por ter roubado o fogo aos deuses e o ter entregue aos mortais Prometeu foi agrilhado no cimo do Cáucaso enquanto uma águia lhe devorava o fígado, que constantemente se renovava.

chegou, deixando-te, Febo<sup>41</sup>, só no céu,  
300 assim como tua irmã, que habita nos montes do Idro<sup>42</sup>:  
pois, como a ti, à tua irmã desagradava Peleu,  
e não quis honrar as tochas nupciais de Tétis.  
Depois que os membros relaxaram nos níveos assentos,  
as mesas apinhavam-se com farto e variado banquete,  
305 quando entretanto, agitando seus corpos com débil gesto,  
as Parcas<sup>43</sup> começaram a entoar cantos verídicos.  
Cobria-lhes totalmente o corpo trémulo uma veste  
branca com uma faixa púrpura em torno dos tornozelos,  
na branca cabeça achavam-se fitas róseas  
310 e as mãos desfiavam, como desde há muito, o eterno ofício.  
A mão esquerda segurava a roca envolta em lã macia,  
a direita ora esticando ligeiramente os fios com os dedos  
voltados para cima lhes dava forma, ora, torcendo-os com o  
polegar inclinado,  
fazia o fuso nivelado rodar com o peso arredondado,  
315 e, em seguida, com um dente continuamente separavam e  
nivelavam a obra,  
e aos lábios ressequidos ficavam presos os bocados arrancados  
que antes sobressaíram do ténue fio,  
enquanto, diante seus pés, os macios flocos de branca  
lã eram recolhidos numa cestinha de vime.  
320 Elas então, fiando a lã, com distinta voz  
estas profecias derramaram em canto inspirado por um deus,  
canto a que de mentira nenhuma geração vindoura acusará:

“Ó tu que uma glória inigualável com grandes feitos engrandeceste,  
defesa de Emátia<sup>44</sup>, muito querido do filho de Óps<sup>45</sup>,  
325 aceita o que em dia feliz te revelam as irmãs,  
o oráculo verdadeiro, mas vós, a quem obedecem os destinos,  
girai os fios fiando, girai, fusos!

<sup>41</sup> Apolo. A sua irmã é Ártemis.

<sup>42</sup> Na Cária. Hécate, divindade com a qual Ártemis é identificada, recebia culto nesse local.

<sup>43</sup> Divindades do destino. São representadas como três velhas fiadeiras, fiando e cortando os fios da vida dos homens.

<sup>44</sup> Parte da Macedónia, porém Catulo parece usá-la como sinónimo de Tessália.

<sup>45</sup> Júpiter.

Em breve virá para ti trazendo aquilo pelo qual anseiam os  
maridos  
o Héspero<sup>46</sup>, virá com a ditosa estrela a esposa,  
330 ela inundará tua mente com um amor delirante  
e entregar-se-á à união contigo em sonos esgotantes,  
os delicados braços abandonando em torno de teu pescoço  
robusto.  
Girai os fios fiando, girai, fusos!

Jamais casa alguma acolheu tais amores,  
335 jamais o amor uniu os amantes com tal laço  
como a concórdia que une Tétis e Peleu.  
Girai os fios fiando, girai, fusos!

Nascerá de vós um filho sem temor: Aquiles.  
Os inimigos não lhe conhecerão as costas mas o forte peito;  
340 ele, muitíssimas vezes vitorioso na corrida de longo curso,  
excederá até as passadas flamejantes da célere cerva.  
Girai os fios fiando, girai, fusos!

Nenhum herói a ele se igualará na guerra,  
quando os campos frígios se inundarem de sangue teucro<sup>47</sup>  
345 e, depois de longo cerco, as muralhas troianas  
o terceiro herdeiro do perjuro Pélops<sup>48</sup> devastará.  
Girai os fios fiando, girai, fusos!

Da sua eminente valentia e notáveis feitos  
amiúde darão as mães testemunho no funeral dos seus filhos,  
350 quando da cabeça encanecida desatarem a cabeleira  
desgrenhada  
e marcarem o peito descarnado com as débeis mãos.  
Girai os fios fiando, girai, fusos!

<sup>46</sup> Estrela da tarde.

<sup>47</sup> I.e., troiano.

<sup>48</sup> Agamémnon, filho de Atreu, neto de Pélops, vencedor da guerra de Tróia. Pélops é chamado perjuro por, aquando a corrida com Enómao, pai de Hipodâmia, cuja mão ele pretendia, ter subornado o cocheiro real, Mírsilo, para conseguir a vitória.

Pois, como o ceifador, segando as densas espigas,  
sob o sol ardente corta as flavas searas,  
355 ele derrubará os corpos dos gerados por Tróia com ferro hostil.  
Girai os fios fiando, girai, fusos!

Testemunha será dos seus grandes feitos a onda do Escamandro<sup>49</sup>,  
que por várias vias desagua no rápido Helesponto;  
o seu curso estreitará com os montes de corpos massacrados  
360 e tornará tépidas as águas profundas com o sangue da matança.  
Girai os fios fiando, girai, fusos!

Por fim será testemunha — mesmo que morto — a honra  
devidamente prestada,  
quando o seu sepulcro arredondado, em elevada colina  
amontoado,  
acolher os níveos membros de uma virgem assassinada.  
365 Girai os fios fiando, girai, fusos!

Pois logo que a Fortuna conceder aos fatigados Aqueus a  
possibilidade  
de derrubar as muralhas neptuninas<sup>50</sup> da cidade de Dárdano<sup>51</sup>,  
o elevado sepulcro será humedecido com o sangue de Políxena<sup>52</sup>,  
que, como a vítima que sucumbe sob o ferro de dois gumes,  
370 lançará para a frente, dobrando os joelhos, o corpo decepado.  
Girai os fios fiando, girai, fusos!

Por isso vamos, uni o vosso amor como desejam vossos corações!  
Que o noivo tome em feliz união a deusa,  
que seja entregue agora já a noiva ao desejoso marido.  
375 Girai os fios fiando, girai, fusos!

<sup>49</sup> Rio da Tróade; na *Iliada* o rio revolta-se por Aquiles encher o seu caudal de cadáveres (cf. *Iliada*, XXI, v. 131 e ss.).

<sup>50</sup> As muralhas de Tróia haviam sido construídas por Neptuno (daí o adjectivo) e Apolo para o rei Laomedonte.

<sup>51</sup> Rei mítico de Tróia.

<sup>52</sup> De acordo com uma variante da lenda, Políxena, uma das filhas de Príamo e Hécuba, é sacrificada para apaziguar a sombra de Aquiles, que terá aparecido em sonhos ao seu filho a exigir o sacrifício.

A ama, quando a voltar a ver ao nascer do dia,  
já não lhe poderá colocar ao pescoço o fio da véspera<sup>53</sup>.  
Girai os fios fiando, girai, fusos!

Nem a mãe, ansiosa, estará triste pela filha desavinda  
380 a dormir só, nem deixará de esperar netos.  
Girai os fios fiando, girai, fusos!”

Outrora a Peleu, proferindo tais cantos  
de júbilo do divino peito, cantaram as Parcas.

Pois antigamente, quando não era desprezada a piedade,  
costumavam

385 os celestes visitar em pessoa as casas puras  
dos heróis e comparecer às reuniões dos mortais.  
Muitas vezes o pai dos deuses, voltando ao templo refulgente,  
quando chegava a altura, nos dias festivos, dos sacrifícios anuais,  
assistiu a cem touros a cair por terra.

390 Muitas vezes Liber<sup>54</sup> errante do cume do Parnaso  
conduziu as tíades que de cabelos soltos gritavam “evoé!”,  
quando os délfios, apressando-se à porfia para fora da cidade,  
recebiam alegremente o deus com altares fumegantes.

Muitas vezes, nos certames mortais da guerra, Marte  
395 ou a donzela do rápido Tritão<sup>55</sup> ou a virgem Ramnúsia<sup>56</sup>  
surgiam e exortavam os bandos de homens armados.  
Mas, depois que a terra se encheu de crime nefando  
e todos a justiça escorraçaram da mente cúpida,  
os irmãos mancham as mãos de sangue fraterno,  
400 cessou o filho de chorar pelos pais falecidos,  
deseja o pai os funerais do filho em idade primaveril,  
para se regalar com uma jovem virgem em flor,  
e a ímpia mãe, deitando-se sob o filho ignorante,  
impiamente não temeu profanar os deuses do lar.  
Toda esta confusão entre o que é bom

<sup>53</sup> A crença era que, com a perda da virgindade, o pescoço das mulheres engrossava.

<sup>54</sup> Baco.

<sup>55</sup> Atena, que nasceu nas margens deste rio situado na Líbia, Beócia ou Tessália.

<sup>56</sup> Némesis, divindade que representa a vingança divina.

405 e o que é mau por obra de um pérfido desvario  
de nós afastou o justo espírito dos deuses,  
por isso não se dignam a visitar as nossas reuniões  
nem se deixam tocar à luz do dia.

LXV<sup>1</sup>

Ainda que continuamente me ache esgotado pela dor, e os  
cuidados

me apartem, Hórtalo<sup>2</sup>, das doudas virgens<sup>3</sup>,  
e não seja capaz de produzir os doces frutos das Musas  
a inteligência do meu espírito, agitada por tantos males,  
5 pois há pouco a onda que no abismo do Letes<sup>4</sup>  
fluiu banhou o pé empalidecido do meu irmão,  
que a terra de Tróia, sobre ele pesando  
na praia do Reteu<sup>5</sup>, roubou aos nossos olhos.

.....  
10 Jamais eu, irmão mais amado do que a vida,  
te verei daqui em diante? Mas seguramente sempre te amarei,  
sempre tristes cantos pela tua morte cantarei,  
como os que, sob as densas sombras dos ramos, entoou  
a Dáulia<sup>6</sup>, lamentando o destino de Ítilo morto.  
15 Mas porém, entre tantas tristezas, Hórtalo, envio-te  
esta tradução do poema do Batíada<sup>7</sup>,  
para que não penses que as tuas palavras foram em vão  
confiadas  
aos ventos errantes e se sumiram por acidente do meu  
espírito<sup>8</sup>,

<sup>1</sup> Este poema, em forma de carta a Hórtalo, serve de introdução ao poema seguinte.

<sup>2</sup> Trata-se muito provavelmente de Quinto Hortêncio Hórtalo, célebre orador romano, rival de Cícero.

<sup>3</sup> I.e., as Musas.

<sup>4</sup> Um dos rios dos Infernos.

<sup>5</sup> Promontório na Tróade. O irmão de Catulo foi sepultado em Tróia.

<sup>6</sup> A Dáulia é Filomela, filha de Pandión, rei de Atenas. Filomela é violada por Tereu, da Trácia, rei de Dáulis, e marido de Procne, irmã de Filomela. Como forma de vingança as irmãs decidem matar Ítis (ou Ítilo), o filho que Procne teve de Tereu. São perseguidas por Tereu e transformadas em aves, antes que este as alcançasse: de acordo com a versão latina (cf. Ovídio, *Metamorfoses*, 6.442 e ss.) Filomela é transformada em rouxinol e Procne em andorinha.

<sup>7</sup> Calímaco, poeta e estudioso alexandrino do séc. III a.C., que se auto-intitula "Batíada" (i.e. filho ou descendente de Bato; Bato era possivelmente o nome do pai de Calímaco, mas também do fundador mítico de Cirene, cidade de onde Calímaco era originário) no epigrama 35 Pf.

<sup>8</sup> O poema é enviado como resposta a um pedido de Hórtalo.



enquanto a preocupação devorava o âmago do teu coração  
lutuoso.

Então como com todo o teu peito te afligias  
25 e se foram os sentidos e perdeste a razão! Mas eu, na verdade,  
desde pequena que te conhecia magnânima.  
Acaso esqueceste aquele nobre feito<sup>3</sup>, pelo qual alcançaste o  
casamento  
régio, e que um outro mais forte não ousaria?  
Mas quando te despedias do marido que palavras tristes disseste!  
30 Por Júpiter, quantas vezes secaste os olhos com a tua mão!  
Que deus tamanho te mudou? E porque são os amantes  
incapazes de suportar a ausência do corpo amado?  
Então a todos os deuses pelo doce esposo,  
não sem sangue de touro<sup>4</sup>, me prometeste,  
35 se ele retornasse a salvo. Ele, em não muito tempo,  
adicionara a Ásia captiva<sup>5</sup> ao território do Egípto.  
Por isso eu, entregue, como devido, à assembleia celeste,  
cumpro com dádiva recente a antiga promessa.  
Contra minha vontade, ó rainha, de tua frente parti,  
40 contra minha vontade: juro por ti e pela tua cabeça,  
e se por eles alguém em falso jurar que receba justa recompensa,  
mas quem de si dirá ser semelhante ao ferro?  
Também aquele monte foi derrubado<sup>6</sup>, o maior nas costas  
que a clara progénie de Tia<sup>7</sup> atravessa,  
45 quando os Medos criaram um novo mar, e a juventude  
bárbara navegou com sua frota pelo meio do Atos.

<sup>3</sup> Referência, talvez, à participação de Berenice no assassinato de Demétrio, o Belo; este era primo de Ptolemeu, amante da mãe de Berenice, e a mãe tentou forçá-la a casar com Demétrio, apesar de ter sido prometida a Ptolemeu pelo pai, o rei Magas, antes deste morrer.

<sup>4</sup> I.e., realizando o sacrifício de touros.

<sup>5</sup> Ptolemeu, para além da Síria, expandiu a sua expedição à Ásia Menor, para além do Eufrates.

<sup>6</sup> Em 483 a.C. o rei persa Xerxes, em expedição contra a Grécia, decidiu abrir um canal, unindo a península do monte Atos ao continente, para evitar que a armada aí sofresse danos, como acontecera na anterior expedição, em 492 a.C. Chamar ao Atos (perto de 2000m de altura) o "maior" monte é uma hipérbole: é bastante inferior ao Olimpo, ao Parnaso, ao Pindo e ao Eta.

<sup>7</sup> A "progénie de Tia" é o Sol ou o vento Bóreas.

Que podem uns cabelos, quando tais coisas cedem ao ferro?

Júpiter, que pereça toda a raça dos Cálibes<sup>8</sup>,  
e aquele que primeiro sob a terra a procurar veios  
50 começou e a forjar a dureza do ferro!  
Ainda há pouco de mim apartadas, as minhas irmãs madeixas  
pelo meu destino  
choravam, quando do etíope Mémnon  
o irmão<sup>9</sup>, lançando-se pelos ares com um bater de asas,  
surgiu, o alado cavalo da lócria Arsínoe,  
55 e, levando-me com ele, voa através das sombras aéreas,  
até que me deixa no casto colo de Vénus.  
Enviara o servo com esta missão a própria Zefirítis<sup>10</sup>,  
a habitante grega das costas de Canopo<sup>11</sup>.  
Então, para que, na luz luminosa do límpido céu, não só  
60 das fontes de Ariadne a áurea  
coroa<sup>12</sup> estivesse fixa, mas para que também nós brillássemos,  
despojo consagrado de uma cabeça loira,  
molhada pelas ondas quando cheguei ao lar dos deuses,  
a mim a deusa pôs como nova estrela junto às antigas.  
65 Da Virgem e do Leão feroz tocando  
o brilho, próxima da licaónia Calisto<sup>13</sup>,  
aproximo-me do ocaso guiando o lento Bootes,  
que a custo e tardiamente mergulha no Oceano.  
Mas, embora de noite me pisem os passos dos deuses,

<sup>8</sup> Tribo de mineiros especializada no trabalho do ferro, que habitava a margem sudeste do mar Negro. Na literatura posterior tornaram-se os inventores lendários da siderurgia ou os descobridores do ferro.

<sup>9</sup> Zéfiro, o vento oeste, filho de Eos, à semelhança de Mémnon. Arsínoe, esposa de Ptolemeu II, foi divinizada e identificada com Afrodite, e tinha um templo no promontório de Zefírio, a este de Alexandria; por isso o Zéfiro, representado como um cavalo alado, está ao serviço de Arsínoe-Vénus e é enviado com a ordem de ir buscar a madeixa de cabelo de Berenice.

<sup>10</sup> Título da deusa no promontório de Zefírio.

<sup>11</sup> Cidade egípcia próxima de Zefírio; provavelmente aqui como metonímia para Egípto.

<sup>12</sup> A coroa oferecida a Ariadne por Dioniso e, depois do casamento, tirada da sua cabeça e posta no céu como constelação.

<sup>13</sup> A constelação *Coma Berenices* está próxima da do Leão, da Virgem e da Ursa (Calisto, filha de Licáon, rei da Arcádia, era amada por Zeus; Hera transformou-a em urso por ciúmes, mas Zeus elevou-a aos céus sob a forma da Ursa Maior) e tem o seu ocaso antes da de Bootes ("o Boieiro").

70 e o dia me restituia à alva Tétis<sup>14</sup>  
(dá-me permissão para que assim fale, virgem Ramnúsia<sup>15</sup>,  
pois nenhum temor me fará esconder a verdade,  
nem mesmo se as estrelas me desfizerem com palavras maldosas,  
ainda assim revelarei os segredos ocultos num peito  
verdadeiro),  
75 isto não me alegra tanto quanto o estar para sempre separada,  
separada da cabeça da minha senhora, me dilacera,  
com quem eu, enquanto ela era virgem, de todo ignorara  
dos perfumes das matronas, muitos odores frugais bebi.  
Agora vós, que, com a luz esperada, a tocha nupcial une,  
80 não entregueis os corpos aos maridos amados,  
despindo as vestes e desnudando os seios,  
sem que antes me tenha oferecido agradáveis libações o  
ónix<sup>16</sup>,  
ónix de todas vós que reverenciais o casamento em casto leito.  
Mas àquela que se entregou a impuro adultério,  
85 ah!, que o pó leve beba em vão as suas oferendas inúteis,  
pois eu não peço dádivas nenhuma às indignas!  
Mas antes, ó noivas, que sempre a concórdia em vossas  
casas habite, sempre o amor perene.  
E tu, minha rainha, quando, olhando os astros, a deusa  
90 Vénus aplacares nos dias festivos,  
não permitas que permaneça ignara de perfumes esta tua serva,  
mas antes oferece-me presentes em abundância,  
para que as estrelas repitam “quem me dera que fosse madeixa  
da rainha”;  
que Oríon brilhe próximo do Aquário!<sup>17</sup>

<sup>14</sup> Tétis era esposa do Oceano, aqui representa o mar.

<sup>15</sup> A virgem Ramnúsia é Némesis (que tinha um templo famoso em Ramnunte, na Ática), deusa que castiga a altivez, em que a madeixa, ao se queixar do seu estatuto celeste, pode incorrer.

<sup>16</sup> Um tipo de vasos usados para guardar o perfume e que recebem o nome do material (uma espécie de mármore amarelo) de que eram feitos.

<sup>17</sup> As constelações de Oríon e do Aquário estão bastante afastadas uma da outra, a sua aproximação causaria grande perturbação na ordem celeste. Talvez se trate de uma forma abrupta (e rebuscada) da madeixa exprimir o seu desagrado por ter sido afastada da sua rainha.

*Catulo:*

Ó tu que és estimada pelo doce marido, estimada pelos pais,  
salve, e que prospere nas boas graças de Júpiter,  
ó porta, de ti dizem que prestaste bons serviços a Balbo  
outrora, quando o velhote aqui vivia,  
5 mas, conta-se, que pelo contrário tens servido mal o filho,  
desde que o velho esticou o pernil e te fizeram casar<sup>1</sup>.  
Diz-nos, vá, porque se conta que mudaste  
e abandonaste a antiga fidelidade ao teu senhor.

*Porta:*

Não é (assim agrade a Cecílio, a quem agora pertença)  
10 culpa minha, embora se diga que é minha,  
nem ninguém pode falar de nenhuma falta da minha parte,  
mas esta gente é assim, é a porta que faz tudo,  
sempre que se acha qualquer coisa que não está bem  
todos me dizem “porta, a culpa é tua!”

*Catulo:*

15 Não basta dizer isso numa única palavra,  
é preciso fazer com que se sinta e veja.

*Porta:*

E como? Ninguém pergunta ou faz por saber!

*Catulo:*

Nós queremos saber: não hesites em contar-nos.

*Porta:*

Então, para começar, que ela tenha sido trazida virgem até nós  
20 é falso. O seu anterior marido não lhe tinha tocado,  
a sua adagazinha pendia mais lânguida do que uma tenra  
beterraba

<sup>1</sup> I.e., desde que a casa se tornou dos recém-casados, do filho de Balbo e da sua mulher.

e nunca se levantou até meio da túnica;  
mas o pai violou o leito do filho,  
assim se conta, e desonrou a pobre casa,  
25 talvez porque a sua mente ímpia ardia com um amor cego,  
ou porque o filho era de semente estéril e impotente,  
e num lado ou noutro se tivesse de arranjar com mais nervo  
aquilo que serve para desatar o cinto virginal.

*Catulo:*

É um pai extraordinariamente dedicado o que descreves,  
30 que até molha o colo do filho!<sup>2</sup>

*Porta:*

E, no entanto, não só disto diz ter conhecimento  
Bríxia<sup>3</sup>, situada sob o miradouro de Cicno,  
que o loiro Mela<sup>4</sup> atravessa com sua branda corrente,  
Bríxia, mãe amada da minha Verona,  
35 mas fala também de Postúmio e do amor de Cornélio,  
com os quais ela cometeu vergonhoso adultério.  
Aqui alguém dirá: “como ficaste tu a saber destas coisas, porta,  
a quem não é permitido nunca abandonar a soleira do teu  
senhor,  
nem escutar o povo, mas, presa a este lintel,  
40 não fazes mais nada senão abrir e fechar a casa?”  
Muitas vezes a ouvi contar, em voz baixa,  
sozinha com as criadas, estes seus crimes,  
dizendo os nomes que dissemos, porque achava  
que eu não tinha língua nem ouvidos.  
45 Para além destes acrescentou mais um que eu prefiro  
não nomear, para que não franza as sobancelhas vermelhas.  
É um tipo alto, que teve outrora problemas  
por causa da falsa gravidez de um ventre fictício<sup>5</sup>.

<sup>2</sup> Eufemismo para “que até se vem no colo que pertence ao filho!”

<sup>3</sup> A actual cidade de Bréscia.

<sup>4</sup> Rio que corre junto a Bréscia.

<sup>5</sup> Aparentemente o indivíduo visado teria, para receber uma herança que estipulava que o beneficiário deveria ter filhos naturais, obrigado a mulher a simular gravidez e, ao mesmo tempo, adoptado uma criança, que faria depois passar por sua. O engano foi descoberto e o sujeito teve de responder em tribunal.

LXVIIIa<sup>1</sup>

Que tu, oprimido pela sorte e pela amarga desgraça,  
me envies esta cartinha escrita com lágrimas,  
para que um naufrago lançado pelas espumantes ondas do mar  
socorra e o restitua do limiar da morte,  
5 a quem nem a santa Vénus o repouso em suave sono  
permite, abandonado no leito celibatário,  
nem as Musas com o canto doce de antigos escritores  
distragem, quando a mente mantém ansiosa vigília:  
isso é-me grato, uma vez que me chamas teu amigo,  
10 e me pedes os dons das Musas e de Vénus.  
Mas para que as minhas desgraças não te sejam desconhecidas,  
Mânlio,  
nem julgues que me aborrecem os deveres da amizade,  
fica a saber em que vagas da sorte eu próprio mergulho,  
para que de novo não procures dons da felicidade junto de  
um infeliz.  
15 No tempo em que primeiro me foi dada uma veste pura<sup>2</sup>  
quando a minha juventude em flor estava em alegre Primavera,  
escrevi poemas alegres que bastem: não é nossa desconhecida a  
deusa<sup>3</sup>  
que junta aos cuidados uma doce amargura.  
Mas todo o gosto por isto o luto pela morte do meu irmão  
20 de mim levou. Ah, pobre de mim que te perdi, irmão,  
tu, irmão, tu, ao morrer, destroçaste a minha felicidade,  
contigo toda a nossa casa foi sepultada;  
contigo pereceu a nossa alegria,  
que o teu doce amor em vida nutria.  
25 Eu, com o seu desaparecimento, bani da minha mente todos  
estes trabalhos e todos os prazeres da minha alma.  
Por isso, quando escreves que é uma vergonha Catulo estar  
em Verona,

<sup>1</sup> Os poemas 68a e b surgem juntos nos manuscritos. O mais certo é tratar-se de dois poemas independentes.

<sup>2</sup> A toga viril, uma toga branca que o rapaz passava a usar por volta dos quinze ou dezasseis anos como símbolo de entrada na maioridade.

<sup>3</sup> Vénus.

onde toda a gente de boas famílias  
tem de aquecer os membros enregelados em leitos vazios,  
30 isso, Mânlio, não é vergonha, é antes tristeza.  
Perdoa-me — pois a esses o luto mos roubou —  
se não te envio os presentes: é porque não posso.  
Quanto a não ter comigo grande número de escritores,  
assim é porque vivemos em Roma: lá é a minha casa,  
35 lá tenho morada, é aí que gasto os meus dias;  
até aqui seguiu-me apenas uma de muitas caixas<sup>4</sup>.  
Dado isto, não gostaria que pensasses que é por má vontade nossa  
ou por falta de generosidade de ânimo que assim ajo,  
pois dar-te-ia em abundância o que me pedes,  
40 ter-to-ia oferecido sem mo pedires, se o tivesse em abundância.

<sup>4</sup> Caixas onde se guardava os rolos ou volumes.

LXVIIIb

Não posso calar, ó deusas, de que modo Álio  
me ajudou e quanto me ajudou com os seus serviços,  
a não ser que o tempo, fugindo pelos séculos esquecedores,  
esconda na noite cega a sua dedicação;  
45 di-lo-ei a vós, e vós, por sua vez, dizei-lo a muitos  
milhares e fezei com que este papel envelhecido fale ainda.  
.....  
E, depois da morte, se torne mais e mais conhecido,  
e que a aranha, que no alto tece a fina teia,  
50 não faça a sua obra sobre o nome esquecido de Álio.  
Pois quantos cuidados me deu a dúplici Amatúsia<sup>1</sup>  
tu sabes, e de que modo me abrasou,  
quando eu ardia tanto quanto a rocha trinácia<sup>2</sup>  
e as águas málias das Termópilas eteias<sup>3</sup>,  
55 e os meus olhos abatidos de se diluir num choro contínuo não  
cessavam, nem as minhas faces de se encharcar em triste  
dilúvio,  
assim como, brilhando no cimo de um elevado monte,  
de um penedo musgoso brota a corrente,  
que depois, precipitando-se, rola pelo vale inclinado,  
60 e atravessa pelo meio um caminho apinhado de gente,  
doce alívio do seu labor para o viandante esgotado,  
quando um pesado calor consome os campos áridos:  
como aos marinheiros sacudidos pelo negro temporal  
chega, soprando suavemente, uma brisa favorável,  
65 já em preces a Pólux, já a Castor<sup>4</sup> implorada,  
assim foi para nós o auxílio de Álio.  
Ele abriu um largo caminho de acesso ao campo fechado,  
ele a casa com a sua governanta me confiou,  
onde pudesse cada qual gozar o seu amor.

<sup>1</sup> Um dos locais de culto de Vénus era Amatunte, localidade no Chipre.

<sup>2</sup> O Etna; a Trinácia ("a [ilha] das três pontas") é a Sicília.

<sup>3</sup> Junto às Termópilas, em Mális, havia uma fonte de água quente, que deu o nome ao desfiladeiro; este de um dos lados tem o monte Eta (daí o adjectivo "eteias").

<sup>4</sup> Castor e Pólux, os Dióscuros, eram protectores dos marinheiros.

70 Aí, com seu passo delicado, a minha deusa resplandecente  
entrou e o pé brilhante na soleira gasta  
pôs, apoiando-o nas sonoras sandálias,  
como, certa vez<sup>5</sup>, ardendo de amor pelo seu esposo, veio  
Laodamia à casa de Protesilau,  
75 em vão começada, pois com sangue sacro ainda não  
havia sido pacificado o senhor das hostes celestes<sup>6</sup>.  
Que nunca me agrade, virgem Ramnúsia<sup>7</sup>,  
o que é precipitadamente iniciado contra a vontade dos  
deuses!  
Quanto um altar em jejum deseja um pio derrame de sangue  
80 aprendeu-o Laodamia, quando perdeu o seu marido,  
forçada a largar o pescoço do seu recente esposo,  
antes que a chegada de um e depois de outro Inverno,  
com as suas longas noites, pudesse saciar a sua fome por amor,  
para que pudesse viver, ainda que apartada do seu esposo;  
85 isto<sup>8</sup> sabiam as Parcas que dentro de não muito tempo viria,  
se como soldado ele partisse para as muralhas de Ílio.  
Foi então por causa do rapto de Helena que os primeiros dos  
varões  
argivos Tróia começou a excitar contra si,  
Tróia — maldita seja! — comum sepulcro da Ásia e da Europa,  
90 Tróia, amarga cinza de todos os homens e virtudes,  
aquela que também ao meu infeliz irmão a morte  
trouxe. Ai!, pobre irmão, que de mim foste levado,  
ai!, luz alegre do meu olhar, privada do pobre irmão,  
contigo toda a nossa casa foi sepultada,  
95 contigo pereceu a nossa alegria,  
que o teu doce amor em vida nutria.  
Agora estás tão longe, não entre túmulos familiares,

<sup>5</sup> Laodamia e Protesilau, rei da Tessália, estiveram casados um dia, antes de Protesilau partir na campanha contra Tróia. Aqui ele foi morto logo que chegou à praia. Catulo, seguindo por certo alguma versão alexandrina do mito, oferece como causa da morte de Protesilau o desagrado dos deuses por este não ter oferecido os sacrifícios rituais devidos antes de trazer Laodamia para a sua casa.

<sup>6</sup> Júpiter.

<sup>7</sup> Némesis, deusa que castiga os pensamentos insensatos dos mortais; chamada Ramnúsia por causa do seu famoso templo em Ramnunte, na Ática.

<sup>8</sup> Que Protesilau morreria em Ílio.

nem junto das cinzas dos parentes tens repouso,  
mas a Tróia sinistra, a maldita Tróia, o teu túmulo  
100 detém, sob o solo distante de uma terra estrangeira.  
Para lá então diz-se que se lançou, «reunida», a juventude  
grega, abandonando as lareiras dos seus lares,  
para que Páris, divertindo-se com a adúltera raptada, ócios  
livres de preocupação não passasse no tálamo pacato.  
105 Por esta razão, belíssima Laodamia,  
foste privada do que te era mais doce do que a vida e a alma,  
do teu marido: engolindo-te num tamanho turbilhão de amor,  
a paixão lançara-te em abrupto abismo,  
mais fundo do que aquele que, segundo os Gregos, próximo do  
Feneu cileneu<sup>9</sup>  
110 drena o pântano e seca o solo rico,  
que outrora escavou, cortando pela medula do monte,  
conta-se, o falso filho de Anfitrião<sup>10</sup>,  
na altura em que os monstros do Estinfalo com dardos certos  
abateu<sup>11</sup>, às ordens de um senhor bem pior do que ele,  
115 para que as portas dos céus fossem frequentadas por mais deuses,  
e para que Hebe não permanecesse virgem por longo  
tempo<sup>12</sup> —  
mas mais profundo do que aquele abismo foi o teu amor,  
que te ensinou, embora indómita fosses, a suportar o jugo.  
Não é tão cara a um pai consumido pela idade  
120 a cabeça do neto, pela filha única amamentado, tardiamente  
nascido,  
quando se acha finalmente a muito custo um herdeiro para as  
riquezas ancestrais  
e se inscreve o seu nome nas tabuinhas testemunhadas<sup>13</sup>,

<sup>9</sup> Na cidade de Feneu, na Arcádia, havia uns canais subterrâneos que drenavam a planície junto ao monte Cilene; na mitologia atribuía-se a Hércules a escavação destes.

<sup>10</sup> I.e., Hércules.

<sup>11</sup> A morte dos pássaros devoradores de homens do Estinfalo, próximo do monte Cilene, foi um dos doze trabalhos impostos a Hércules por Euristeu, seu meio-irmão, o “senhor bem pior do que ele”.

<sup>12</sup> Após a sua morte, Hércules foi divinizado, juntando-se aos deuses e desposando Hebe.

<sup>13</sup> I.e., o registo é autenticado pela presença de testemunhas.

e este, acabando com as alegrias ímpias de um parente  
desiludido<sup>14</sup>,  
afugenta o abutre da cabeça grisalha;  
125 nem tanto se alegra com o níveo pombo a sua  
companheira, ainda que se diga que muito indecorosamente  
ela lhe está sempre a arrancar beijos com o bico mordente,  
mais do que qualquer mulher, por licenciosa que seja.  
Mas tu, sozinha, superaste essas grandes paixões,  
130 quando por uma vez te uniste ao teu loiro marido.  
Em pouco ou nada lhe foi inferior  
a minha luz, quando se entregou nos meus braços,  
e, muitas vezes em torno dela correndo de cá para lá, Cupido  
brilhava, claro, em túnica cor de açafão.  
135 E, ainda que ela não se contente somente com Catulo,  
suportarei as raras infidelidades da minha modesta senhora,  
para que não nos tornemos enfadonhos como os tolos  
ciumentos;  
também muitas vezes Juno, a maior das habitantes do céu,  
domou a ira ardente perante a culpa de seu esposo,  
140 ao descobrir as muitas façanhas do todo-desejoso Júpiter.  
Mas não é justo comparar os deuses com os homens  
.....  
.....  
deixa a severidade desagradável de um pai trémulo.  
Para além do mais, não foi conduzida pela dextra paterna  
que ela veio até minha casa, fragrante com odores assírios<sup>15</sup>,  
145 mas, às escondidas, deu-me presentinhos a meio da noite,  
roubados do colo do próprio marido.  
Por isso isto chega-me, desde que só para nós esteja reservado  
o dia que ela marca com a pedra mais branca.<sup>16</sup>

Este presente — o que consegui — composto em verso  
150 te envio, Álio, como agradecimento pelos teus muitos  
serviços,

<sup>14</sup> Um parente que esperava herdar as riquezas do velho por este não ter descendência masculina directa.

<sup>15</sup> A casa do noivo deveria estar perfumada para receber a noiva.

<sup>16</sup> I.e., “desde que eu continue a ser o seu favorito”.

para que o teu nome com áspera ferrugem não cubram  
este e outro dia, e outro, e ainda outro.  
A isto acrescentarão os deuses em grande quantidade o que  
Témis<sup>17</sup> outrora  
costumava dar de presente aos homens pios de antanho.  
155 Sede felizes, tu e contigo aquela que é a tua vida,  
e aquela casa onde nos divertimos e a sua senhora,  
e aquele que no princípio nos ofereceu a terra<sup>†</sup>,<sup>18</sup>  
em quem primeiramente nasce tudo quanto é bom,  
e, bem acima de todos, aquela que me é mais cara do que eu  
próprio,  
160 a minha luz, aquela cuja vida faz doce o meu viver.

<sup>17</sup> Deusa da Justiça, que, na Idade de Ouro, andava pela terra e recompensava os homens pela sua virtude.

<sup>18</sup> Os versos 157 e 158 estão em mau estado e qualquer interpretação é precária.

Não te admires de que nenhuma mulher,  
 Rufo, queira pôr debaixo de ti a coxa delicada,  
 mesmo que a tentes com a oferta de uma veste preciosa  
 ou com as delícias de uma jóia transparente.  
 5 Prejudica-te um rumor terrível: conta-se  
 que nos teus sovacos habita um bode selvagem.  
 Isto é o que todas temem, e não é para admirar: é realmente uma  
 besta  
 terrível, com a qual nenhuma rapariga bonita se deitará.  
 Por isso, ou acaba com essa cruel peste dos narizes,  
 10 ou deixa de te admirar por elas fugirem.

Com ninguém diz a minha amada que se deseja casar  
 para além de mim, nem se o próprio Júpiter lho pedisse.  
 Assim o diz: mas o que a mulher diz ao desejoso amante  
 no vento e na célere água se deve escrever.

Se alguém foi com justiça vítima de um maldito pivete a bode  
 nos sovacos,  
 ou se merecidamente a entorpecedora gota alguém  
 atormentou,  
 esse alguém é o teu rival, que com o teu amor se exercita,  
 e que magnificamente contraiu graças a ti ambos os males.  
 5 Agora quando fode castiga os dois:  
 mortifica-a com o pivete, ele próprio perece de gota.

Dizias tu outrora que só Catulo conhecias,  
 Lésbia, que nem Júpiter em vez de mim querias.  
 Amei-te então, não como homem a amante,  
 mas como ama pai filhos e genros.  
 5 Agora conheço-te. Por isso, se mais — muito mais — ardo,  
 para mim és tão mais vulgar e inconstante.  
 Como é possível? — perguntas. É que injúria tal  
 obriga o amante a amar mais, mas a querer bem menos.

Deixa de querer bem merecer alguma coisa de alguém,  
 ou de julgar que alguém se pode tornar virtuoso.  
 Tudo é ingrato, ter agido bem de nada  
 vale; pelo contrário, enfada, <enfada> e é mais danoso:  
 5 tal como a mim, a quem ninguém mais pesada e amargamente  
 oprime  
 do que quem ainda há pouco me teve como único amigo.

Tinha Gélío<sup>1</sup> ouvido que o tio costumava repreender  
 quem as delícias do amor contasse ou praticasse.  
 Não fosse isto a si próprio acontecer, na própria mulher do tio  
 malhou, e num Harpócrates<sup>2</sup> o tio tornou.  
 5 Fez o que quis: é que, ainda que ao próprio tio a boca  
 agora foda, palavra não dirá o tio.

<sup>1</sup> Talvez Lúcio Gélío Públicola, filho do cônsul de 72 a.C. e cônsul em 36 a.C. Parece ter composto epigramas e ter sido rival de Catulo num caso de amores (cf. poema 91).

<sup>2</sup> O deus Hórus, filho de Ísis e Serápis, normalmente representado como uma criança com o dedo na boca.

Até aqui desceu por culpa tua minha alma, Lésbia,  
 e de tal maneira se perdeu ela do seu mester  
 que já não pode bem querer-te, tornasses-te tu a melhor,  
 nem deixar de te amar, ainda que por isso tudo faças.

Se em recordar as boas acções de outrora algum prazer  
 resulta para o homem, quando sabe que é pio  
 e que não violou nenhum juramento nem se serviu  
 em pacto algum dos deuses para enganar os homens,  
 5 muito está reservado para a idade avançada, Catulo,  
 alegrias que te aguardam fruto desse amor ingrato.  
 Pois o que quer que os homens possam de bom a alguém dizer  
 ou fazer, isso por ti foi dito e feito:  
 e tudo isso se foi, confiado a um coração ingrato.  
 10 Porque hás tu de te atormentar mais ainda?  
 Porque não endureces o coração e não te retiras daí  
 e — pois não é a vontade dos deuses — cessas de ser infeliz?  
 Difícil é de súbito afastar um longo amor;  
 difícil é, na verdade, mas seja como for sê bem sucedido:  
 15 é a tua única salvação, a que por ti tem de ser conquistada;  
 isso farás, quer consigas quer não consigas.  
 Ó deuses, se tendes compaixão, ou se a alguém alguma vez  
 no limite, mesmo na própria morte, prestastes auxílio,  
 atendei ao pobre de mim e, se levei a minha vida puramente,  
 20 afastai de mim esta peste e calamidade!  
 Ai!, como um torpor que se apodera do mais fundo dos meus  
 membros  
 expulsa de todo o meu peito as alegrias.  
 Já não peço isso, que ela corresponda ao meu amor,  
 ou, coisa impossível, que deseje ser casta:  
 25 eu prefiro ter saúde e livrar-me desta abominável doença.  
 Ó deuses, concedei-mo pela minha piedade!

Rufo, que tinha por amigo, em vão e debalde  
 (em vão? Pelo contrário, com alto e mau preço),  
 foi assim que me assaltaste, e queimando-me as entranhas,  
 ah, pobre de mim!, tudo o que tínhamos de bom roubaste?  
 5 Roubaste, ai!, cruel veneno da nossa  
 vida, ai!, chaga da nossa amizade!

Galo tem irmãos, dos quais tem muito encantadora esposa  
 um, filho encantador o outro.  
 Galo é um belo homem: com efeito junta seus doces amores,  
 de modo a que bela miúda com belo rapaz se deite.  
 5 Galo é um estúpido homem, não vê que é marido  
 que, sendo tio, mostra ao tio o adultério.

.....  
 Mas agora dói-me que os puros lábios de pura  
 menina suje a tua imunda saliva.

A verdade é que impune não ficarás: com efeito todas as gerações  
 te conhecerão, e a velha Fama dirá quem és.

Lésbio<sup>1</sup> é belo: como não havia de ser, aquele que Lésbia  
 prefere  
 a ti, juntamente com toda a tua família, Catulo?  
 Mas porém que este belo venda Catulo juntamente com sua  
 família  
 se conseguir três beijos dos seus conhecidos.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Talvez Públio Clódio Pulcro, irmão de Clódia, muito provavelmente a "Lésbia" de Catulo. Cícero conta (*Ad Quintum Fratrem* 2.3.2) o escândalo que o caso de incesto entre os irmãos provocou.

<sup>2</sup> A ideia talvez seja que os seus conhecidos evitam os seus beijos de saudação por desconfiarem da sua higiene oral (provavelmente uma referência a sexo oral).

Que direi eu, Gélio<sup>1</sup>, para explicar como esses teus lábios rosados  
 se fizeram mais brancos do que a neve invernal,  
 quando saís de manhã de casa e quando a oitava  
 hora te desperta de uma aprazível sesta no dia que vai longo?  
 5 Desconheço o que é ao certo: talvez seja verdade o que a fama  
 sussurra,  
 que andas a devorar coisas grandes e tesas a meio dos homens?  
 Sim, por certo é verdade: confirmam-no do pobre Victorzinho as  
 rebentadas  
 ilhargas e os teus beijos marcados com o soro que ordenhas.

<sup>1</sup> Cf. poema 74, nota 1.

Ninguém no meio de tanta gente podia haver, Juvêncio<sup>1</sup>,  
 que fosse um homem belo, que te desse para amar,  
 para além desse da moribunda cidade de Pisauro<sup>2</sup>,  
 esse teu hóspede mais branco do que uma estátua dourada?  
 5 Quem é agora senhor do teu coração, quem ousas tu a nós  
 preferir? E desconheces que crime cometes!

<sup>1</sup> Cf. nota ao poema 24.

<sup>2</sup> Velha colónia romana na Úmbria caída em decadência.

Quinto, se queres que os olhos te deva Catulo,  
 ou alguma coisa do que olhos mais cara,  
 não lhe roubes o que muito mais caro do que os olhos  
 lhe é, ou o que mais caro do que olhos é.

Diante do marido<sup>1</sup> tão mal de mim diz Lésbia:  
 isto para aquele idiota é alegria enorme.  
 Burro, não percebes nada: se esquecida de nós se calasse,  
 estaria curada. Agora, porque gane e ofende,  
 5 não só se lembra, como, o que é muito pior,  
 está furiosa: isto é, de amor arde e fala.

<sup>1</sup> Se Clódia é Lésbia, então o poema é anterior a 59 a.C., ano em que morre Quinto Metelo Célere, marido de Clódia.

“Khómodo”, se acaso “cómodo” queria  
dizer, e “insídias” Árrio<sup>1</sup> “hinsídias” dizia,  
e gabava-se então de maravilhosamente ter falado,  
quando, o mais que pudera, “hinsídias” dissera.

- 5 Parece-me que já assim a sua mãe, assim o seu tio livre<sup>2</sup>,  
assim o avô materno e a avó tinham falado.  
Enviado ele para a Síria, a todos haviam os ouvidos descansado:  
ouviam essas mesmas palavras branda e levemente ditas;  
e já tais palavras não receavam,  
10 quando de repente surge a notícia terrível:  
as ondas Iónicas, depois de lá ter estado Árrio,  
já não Iónicas, mas Hiónicas eram.

<sup>1</sup> Talvez o Quinto Árrio que Cícero (*Brutus* 242) retrata desfavoravelmente.

<sup>2</sup> Insinua-se que a família materna de Árrio tinha origens servis.

Odeio e amo. Porque o faço, talvez pergunteis.

Não sei. Mas sinto-o. E soffro.

Quíntia é para muitos formosa, para mim é branca, alta,  
 direita. Que tenha cada uma dessas qualidades eu o concedo,  
 mas nego que no conjunto seja formosa, pois nenhuma  
 graciosidade,  
 nenhum grão de sal há em tão grande corpo.

5 Lésbia é formosa pois toda ela é belíssima  
 e, sendo uma só, a todas roubou todo o encanto.

Nenhuma mulher pode dizer que foi tão amada  
 com verdade, quanto por mim, Lésbia minha, foste amada,  
 nenhuma fidelidade em pacto algum foi tanta  
 quanta a que na parte que me cabe no amor por ti foi achada.

Que faz ele, Gélio<sup>1</sup>, que com a mãe e a irmã  
 se esfrega, e sem roupas em claro passa a noite?  
 Que faz ele, que o tio não deixa ser marido?  
 Porventura sabes até onde vai o seu crime?  
 5 Vai, ó Gélio, até onde nem a distante Tétis<sup>2</sup>  
 nem o pai das ninfas, Oceano, podem lavar:  
 é que não há crime algum que possa ir mais longe,  
 nem se, com a cabeça baixa, devorasse a sua própria cabeça<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Cf. poema 74, nota 1.

<sup>2</sup> A filha de Úrano e Geia, esposa do Oceano

<sup>3</sup> I.e., que fizesse sexo oral a si próprio.

É delgado o Gélio. Como não? Quem tão boa  
 e tão saudável mãe tem e tão bonita irmã,  
 e tão bom tio e tantas primas,  
 porque deixaria de ser magro?  
 5 Mesmo que ele a nada se achegasse senão ao que não é  
 permitido tocar,  
 aí acharias boas razões para ser tão magro.

Que nasça um mago da nefanda união entre Gélío  
 e sua mãe e que aprenda os auspícios dos Persas<sup>1</sup>:  
 pois mago deve ser o filho da mãe com o filho,  
 se é verdadeira a ímpia crença dos Persas,  
 5 para que com adequados cantos venere aprazivelmente os deuses,  
 derretendo na chama as gordas entranhas.

<sup>1</sup> Dizia-se que na Pérsia da união de um mago com a mãe, nasceria um outro mago.

Esperava, Gélío, que tu me fosses fiel  
 neste nosso infeliz, neste nosso perdido amor,  
 não porque te conhecesse bem ou te julgasse fiável  
 e capaz de refrear a mente do que é torpe e vergonhoso,  
 5 mas porque via que não era a tua mãe nem irmã  
 aquela cujo poderoso amor me consumia.  
 E, embora estivesse a ti ligado por uma amizade assídua,  
 não pensei que isso fosse para ti causa suficiente.  
 Tu julgaste-a suficiente: tanto te comprazes em tudo  
 10 que é delito, em que há algo de abominável.

Lésbia sempre de mim diz mal e não deixa nunca  
de falar de mim. Raios me partam se não me ama Lésbia.  
Sintomas? É que os meus são precisamente os mesmos:  
constantemente  
a amaldiçoar, e a verdade é que raios me partam se não a amo.

Não me interessa nada, César, querer agradar-te,  
nem saber se branco ou negro homem és.

O Sr. Caralho<sup>1</sup> fode. Um caralho fornicador? Claro!  
É o que se costuma dizer: “a panela guarda as couves”.

<sup>1</sup> Mamurra. Cf. poema 29, nota 1.

A *Smirna* do meu Cina<sup>1</sup> por fim, nove colheitas  
e nove Invernos depois de começada, foi publicada,  
enquanto Hortêncio num ... quinhentos mil

- .....  
5 A *Smirna* chegará às correntes de profundos canais do Sátraco<sup>2</sup>,  
a *Smirna* os séculos envelhecidos continuamente desenrolarão.  
Mas os *Anais*<sup>3</sup> de Volúsio morrerão junto ao rio Pádua<sup>4</sup>  
e fornecerão muitas vezes largas túnicas às sardas<sup>5</sup>.  
Que os pequenos monumentos do meu «amigo» me sejam caros,  
10 e que o vulgo se contente com o inchado Antímaco<sup>6</sup>.

<sup>1</sup> Cf. poema 10, nota 3. O tema mitológico do poema era a paixão incestuosa de *Smirna* (ou *Mirra*) por seu pai *Cíniras*. Ovídio conta uma versão do mito em *Metamorfoses* 10.298 ss.

<sup>2</sup> Rio no Chipre.

<sup>3</sup> Cf. poema 36, nota 1.

<sup>4</sup> Um braço do rio Pó.

<sup>5</sup> I.e., o papel em que foi escrito servirá somente para embrulhar as sardas pescadas.

<sup>6</sup> Poeta do séc. V a.C. que escreveu uma *Tebaida*, um longo poema épico.

Se alguma coisa de bom ou estimado mudas tumbas  
 pode tocar, Calvo<sup>1</sup>, com a nossa dor,  
 com essa saudade velhos amores renovamos  
 e outrora perdidas amizades choramos,  
 5 então não se dói tanto com a morte precoce  
 Quintília<sup>2</sup>, quanto se alegra com o teu amor.

Julgo que não acharia diferença alguma — que disso os deuses me  
 protejam! —  
 ao cheirar quer a boca quer o cu de Emílio.  
 Em nada é este mais limpo e em nada é aquela mais imunda:  
 na verdade é o cu o mais limpo e melhor,  
 5 pois vem sem dentes, a boca tem dentes de seis pés  
 e tem gengivas como uma verdadeira caixa velha de carruagem  
 e para além disso umas goelas que parecem a cona  
 aberta de uma mula a mijar ao calor.  
 Este tipo fode muitas e faz-se passar por charmoso,  
 10 e não há quem o condene ao moinho ou ao burro!<sup>1</sup>  
 E daquela que lhe tocar, não acharemos que ela é bem capaz  
 de lamber o cu a um carrasco enfermo?

<sup>1</sup> Licínio Calvo. Cf. poema 14, nota 1.

<sup>2</sup> Propércio (2.34.89-90) conserva a informação de que Calvo compôs uma elegia à morte de Quintília, sua esposa ou amante.

<sup>1</sup> Um dos castigos para os escravos era girar a mó do moinho ou o burro que o fazia.

Contra ti se pode dizer, se se pode contra alguém, Víctio  
fedorento,

aquilo que aos fala-baratos e aos idiotas se diz:  
com essa língua, se disso tens necessidade, podes  
cus e reles sandálias lambar.

5 Se nos queres todos totalmente perder, Víctio,  
abre a boca: conseguirás completamente o que desejas.

Roubei-te enquanto brincavas, doce Juvêncio<sup>1</sup>,  
beijinho mais doce que a doce ambrósia.

Na verdade não o fiz impune: é que mais que uma hora  
me lembro ter estado posto numa cruz,

5 enquanto a ti perdão pedia, e não podia com lágrimas nenhuma  
um pouquinho da vossa crueza tirar.

Pois assim que tal se deu, os lábios lavados em  
muita água com todos os dedos limpaste,  
não fosse algo trazido da nossa boca ficar,

10 qual imunda saliva de puta mijada.

Mais, de me dar, pobre de mim, ao inimigo Amor,  
não paraste, nem de todas as formas me torturar,  
de tal modo que de ambrósia se me tornou já aquele  
beijinho mais amargo que o amargo heléboro.

15 Pois tal pena estabeleces ao meu infeliz amor,  
não mais doravante beijos roubarei.

<sup>1</sup> Cf. nota ao poema 24.

Célio por Aufileno e Quinto por Aufilena  
 morrem de amores, eles que são a flor dos jovens de Verona,  
 um pelo irmão, outro pela irmã. Isto é, como se costuma dizer,  
 uma verdadeira “doce e fraterna amizade”.

- 5 Qual deles hei-de de seguir mais atentamente? Célio, a ti: pois  
 por nós  
 a tua amizade única †revelou-se em actos†<sup>1</sup>  
 quando uma chama desvairada me incendiava a medula.  
 Que sejas feliz, Célio, que sejas no amor triunfante!

<sup>1</sup> *Locus desperatus*. Optou-se pela lição de Lachmann.

- Muitos povos e muitos mares volvidos,  
 eu volto, irmão, para estes tristes ritos fúnebres,  
 para te dar esta última prenda mortuária,  
 e para em vão falar às mudas cinzas,  
 5 pois que a fortuna te levou de mim, a ti,  
 infeliz irmão, que injustamente me foste roubado!  
 Agora isto que de acordo com o antigo costume dos antepassados  
 te foi ofertado como sentida homenagem aos mortos  
 aceita, humedecido com copioso choro fraterno,  
 10 e para sempre, irmão, adeus e fica em paz.

Se algo foi ao silêncio confiado por amigo fiel,  
 de quem bem seja conhecida a fidelidade,  
 também a mim me acharás obrigado por esse juramento,  
 Cornélio, e tornado, digamos, num Harpócrates<sup>1</sup>.

Vá lá, ou me devolves os dez sestércios, Silo,  
 e depois podes ficar zangado e furioso à tua vontade,  
 ou, se o dinheiro te encanta, peço-te: deixa  
 de ser chulo e ao mesmo tempo zangado e furioso!

<sup>1</sup> Cf. poema 74, nota 2.

Acreditas que eu era capaz de amaldiçoar a minha vida,  
 que mais do que ambos os olhos me é cara?  
 Não pude, nem, se pudesse, amaria tão perdidamente:  
 mas tu, como Tapão, de tudo fazes prodígios<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Verso ambíguo: pode ler-se também “mas tu com Tapão fazes todo o tipo de obscenidades”.

O Sr. Caralho<sup>1</sup> tenta subir ao monte Pipleio<sup>2</sup>:  
 as Musas, com as forquilhas, lançam-no a pique.

*Fra que não se o grito amável, mas caro da que o outro,  
 que antes, Lactânio, a nota, descepo da tu,  
 que volta ao que disse e não espere, que por na vontade de  
 e não a dia de mais trabalho moral  
 Queis mais do que tu se mais duro vive, quem  
 poderá mais desajar do que esta vida!*

<sup>1</sup> Mamurra. Cf. poema 29, nota 1.

<sup>2</sup> Situado na Piéria, região da Macedónia a nordeste do monte Olimpo. No monte Pimpleio havia a nascente de Pípla, consagrada às Musas.

Quem vê um pregoeiro com um belo rapaz  
o que há-de pensar, senão que este se deseja vender?

Se alguma coisa alguma vez sucede àquele que deseja e apetece  
sem esperar, deveras lhe é grato ao coração.  
Por isso nos é grato também, mais caro do que o ouro,  
que voltes, Lésbia, a mim, desejoso de ti,  
5 que voltes ao que deseja e não espera, que por tua vontade te  
entregues  
a nós: ó dia da mais brilhante marca!  
Quem mais do que eu só mais ditoso vive, quem  
poderá mais desejar do que esta vida?

Se, Comínio<sup>1</sup>, pelo julgamento do povo as tuas cãs,  
 conspurcadas de torpes costumes, morrem,  
 não me restam dúvidas de que, primeiro,  
 a língua cortada, inimiga dos bons, tenha sido dada ao  
 guloso abutre,  
 5 e os olhos vazados devore na negra garganta o corvo,  
 as tripas os cães, os outros membros os lobos.

<sup>1</sup> Talvez Públio Comínio, o acusador de um tal de Cornélio (cf. Cícero, *Pro Cluentio* 100, *Brutus* 270).

Minha vida, promete-me que este amor  
 feliz entre nós e perpétuo será.  
 Ó grandes deuses, fazei que com verdade assim possa prometer,  
 e que sinceramente o diga do fundo do coração,  
 5 para que nos seja permitido por toda a vida manter  
 sem fim este pacto de sagrada afeição.

Aufilena, as boas meninas são sempre louvadas:

recebem o pagamento pelo que pretendem fazer.

Tu, porque prometeste o que me mentiste, és falsa,  
pois não dás e recebes quase sempre, ages mal.

- 5 Ou fazes, e és honesta, ou não prometes, Aufilena,  
e terias sido casta: mas roubar o que foi dado  
por meio de engano é coisa pior do que meretriz gananciosa  
que com todo o corpo se prostitui.

Aufilena, contente viver com um só homem

é para as esposas o mais excepcional louvor:

mas é melhor que cada um durma com quem quer  
do que uma mãe gerar irmãos do pai.

És muito<sup>1</sup> homem, Nasão, mas não há muitos homens que se reclinem<sup>2</sup> contigo: Nasão, és mas é muito paneleiro.

<sup>1</sup> Em latim *multus* tem também o sentido de tagarela.  
<sup>2</sup> I.e., que partilhem com ele o leito nos banquetes. (O texto é bastante incerto. Em alguns manuscritos lê-se *descendit*, “desçam (ao foro)”. Sigo a conjectura de Thomson.)

Quando Pompeio foi cônsul pela primeira vez<sup>1</sup>, dois, Cina<sup>2</sup>, frequentavam Mecila; agora, feito cônsul novamente<sup>3</sup>, os dois permaneceram, mas por cada um cresceram mil. Semente fecunda é o adultério!

<sup>1</sup> Em 70 a.C.  
<sup>2</sup> Gaio Hélvio Cina. Cf. poema 10, nota 3.  
<sup>3</sup> Em 55 a.C.

Dizem ser rica, Sr. Caralho, a tua propriedade de Firmo<sup>1</sup>,  
a que tem em si tantas coisas extraordinárias:  
aves de caça, toda a sorte de peixe, prados, terrenos e bestas.

Em vão: supera as colheitas com os gastos.

- 5 Por isso concedo que seja rico, desde que tudo lhe falte.  
Louvemos a propriedade, contanto que ele esteja falido.

<sup>1</sup> Em Piceno.

O Sr. Caralho possui o equivalente a trinta jeiras de prado  
e quarenta de campo; o restante é como os mares.

Porque não há-de poder superar em riqueza Creso<sup>1</sup>  
alguém que numa só propriedade tantos bens possui,

- 5 prados, campos, florestas imensas e bosques e lagos  
até aos Hiperbóreos e ao mar Oceano<sup>2</sup>?

Tudo isto é grande, porém o dono é muitíssimo maior,  
não é um homem, mas na verdade um grandessíssimo caralho  
ameaçador!

<sup>1</sup> Creso, último rei da Lídia (c. 560-546 a.C.). A sua riqueza era proverbial.

<sup>2</sup> Os Hiperbóreos (habitantes míticos do extremo Norte do planeta) e o mar Oceano (que, de acordo com o conhecimento geográfico dos antigos, cingia a terra) representam os confins do mundo.

Muitas vezes perguntando, de espírito arrebatado, como te  
 poderia  
 a ti, zeloso, enviar os poemas do Batíada<sup>1</sup>,  
 para te apaziguar, e não me tentares  
 lançar dardos hostis à cabeça sem parar,  
 5 vejo agora que em vão foi este trabalho por mim empreendido,  
 Gélio<sup>2</sup>, e que nada aqui valeram as nossas preces.  
 Em vez disso, evitamos nós os teus dardos com o manto,  
 mas cravado pelos nossos sofrerás punição.

<sup>1</sup> Cf. poema 65, nota 7.

<sup>2</sup> Cf. poema 74, nota 1.

## Edições:

- FORDYCE, C. J., *Catullus: a Commentary*, Oxford, 1973<sup>2</sup>  
 GOOLD, G. P., *Catullus, edited with introduction, translation and notes*, London, 1983  
 MYNORS, R. A. B., *C. Valerii Catulli Carmina*, Oxford, 1958  
 THOMSON, D. F. S., *Catullus, a critical edition*, Toronto, 2003<sup>2</sup>

## Estudos:

- CLAUSEN, W. V., "The New Direction in Poetry" in *The Cambridge History of Classical Literature*, vol. II, 1982, 178-206  
 FERGUSON, J., *Catullus*, Lawrence, Kansas, 1985  
 ———— *Catullus (Greece & Rome: New Surveys in the Classics, n.º 20)*, Oxford, 1988  
 FEDELI, P., *Introduzione a Catullo*, Roma-Bari, 1990  
 Fraenkel, E., "Vesper Adest", *Journal of Roman Studies* 45, 1955, 1-8  
 GAISSER, J. H. (ed.), *Oxford Readings in Classical Studies: Catullus*, Oxford, 2007  
 LYNE, R. O. A. M., "The Neoteric Poets", *Classical Quarterly* 28, 1978, 167-187  
 ———— *The Latin Love Poets, from Catullus to Horace*, Oxford, 1980, 19-61  
 MUNRO, H. A. J., *Criticisms and Elucidations of Catullus*, London, 1905<sup>2</sup>  
 PUTNAM, M. C. J., *Poetic Interplay: Catullus and Horace*, Princeton, 2006  
 QUINN, K., *The Catullan Revolution*, Cambridge, 1969  
 ———— *Catullus: an interpretation*, London, 1972  
 ———— (ed.), *Approaches to Catullus*, Cambridge, 1972  
 ROSS, D. O., *Style and Tradition in Catullus*, Cambridge, 1969  
 SKINNER, M. B. (ed.), *A Companion to Catullus*, Blackwell, 2007  
 SMALL, S. G. P., *Catullus: a reader's guide to the poems*, New York, 1983  
 WISEMAN, T. P., *Catullan Questions*, Leicester, 1969  
 ———— *Catullus and his World*, Cambridge, 1985

## Clássicos

APULEIO

*O burro de ouro*

tradução de Delfim Leão

HOMERO

*Odisseia*

introdução e tradução de Frederico Lourenço

*Iliada*

introdução e tradução de Frederico Lourenço

HORÁCIO

*Odes*

introdução e tradução de Pedro Braga Falcão

MILTON, JOHN

*Paraíso perdido*

tradução, introdução e notas de Daniel Jonas

OVÍDIO

*Arte de amar*

tradução e prefácio de Carlos Ascenso André

*Amores*

tradução e prefácio de Carlos Ascenso André

*Metamorfoses*

introdução e tradução de Paulo Farmhouse Alberto

PETRÓNIO

*Satyricon*

tradução e prefácio de Delfim Leão

AAVV

*Poesia Grega de Alcman a Teócrito*

tradução e prefácio de Frederico Lourenço

Clássicos

ARISTÓTELES  
O burro de ouro  
tradução de Delfim Leão

HOMEROS  
Odisseia  
introdução e tradução de Frederico Lourenço  
Lisboa

HORÁCIO  
Odas  
introdução e tradução de Pedro Braga Falcão

MILTON JONAS  
Povos perdidos  
tradução, introdução e notas de Daniel Jonas

QVINTO  
Arte de amar  
tradução e prefácio de Carlos Azevedo André  
Lisboa

tradução e prefácio de Carlos Azevedo André  
Matarachos

PROPERTIUS  
Sátiras  
tradução e prefácio de Delfim Leão

AAVV  
Poemas (Grupo de Métrica e Lírica)  
tradução e prefácio de Frederico Lourenço

Acabou de imprimir-se  
em Junho de 2012  
na Pentaedro (Lisboa)

Depósito legal 344890/12